

IRIS DANIELE MARCOLINO DA SILVA

**A POESIA E O HABITAR POÉTICO COMO POSSIBILIDADE  
DE FORMAÇÃO HUMANA: ENTRE O FILÓSOFO MARTIN  
HEIDEGGER E O POETA FRIEDRICH HÖLDERLIN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, para fins da obtenção do Grau de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Silva de Moura

Florianópolis/SC  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Iris Daniele Marcolino da

A Poesia e o habitar poético como possibilidade  
de formação humana: entre o filósofo Martin  
Heidegger e o poeta Friedrich Hölderlin / Iris  
Daniele Marcolino da Silva ; orientadora, Rosana  
Silva de Moura, 2017.

125 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal  
de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação,  
Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Heidegger. 3. Poesia. 4.  
Formação. 5. Hölderlin. I. Moura, Rosana Silva de.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

IRIS DANIELE MARCOLINO DA SILVA

**A POESIA E O HABITAR POÉTICO COMO POSSIBILIDADE  
DE FORMAÇÃO HUMANA: entre o filósofo Martin Heidegger e o  
poeta Friedrich Hölderlin**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestra  
em Educação e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-  
Graduação em Educação

Florianópolis, de 31 de Novembro de 2017.

---

Prof. Dr. Elison Antonio Paim  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Silva de Moura  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Jason de Lima Silva  
Universidade Federal de Santa Catarina/MEN

---

Profa. Dra. Lúcia Schneider Hardt  
Universidade Federal de Santa Catarina/EED

---

Prof. Dra. Luciana Dias  
Universidade de Ouro Preto/Departamento de Artes

---

Prof. Neiva Affonso Oliveira  
Universidade Federal de Pelotas/UFPeL/RS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Veronica Pascucci  
Universidade Federal do Maranhão/DEART



*A Irene, minha mãe.  
(in memoriam)*

*E a Miguel, meu pai  
(in memoriam)*



## AGRADECIMENTOS

Eu dedico esta pesquisa à minha mãe Irene Marcolino (*in memorian*) que com muita dedicação e amor esteve presente na preparação desse sonho que tornou-se realidade. E que logo tão cedo, partiu para outras jornadas, me deixando pronta para a vida. Sem dúvidas as minhas palavras estão povoadas pela sua poesia e música. A sua alegria esteve comigo no desenvolvimento deste trabalho que em alguns momentos mostrava-se tão solitário. Ao meu pai Miguel Fortunato (*in memorian*), eu sou grata pela presença do seu olhar que sempre esteve em mim e hoje carrego como um talismã. Ao Universo eu sou grata por todos os presentes e lutas as quais eu sei falar das dores e delícias; eu sou grata! Agradeço a minha orientadora Rosana Silva de Moura por ter aceitado o desafio do mergulho nas águas profundas da existência poética e filosófica à qual esta pesquisa se propõe. Tenho em mim a inspiração de ser um dia uma docente universitária com tal competência e dedicação naquilo que a formação se propõe. À banca examinadora, toda a minha gratidão e respeito pelo caminho percorrido desde a qualificação a quais contribuições foram tão valiosas e indispensáveis. À Louise, deixo aqui todo o meu profundo amor, também frutos de uma reciprocidade, que por inúmeros momentos manifestou-se em cuidado e escuta. Eu sei que o amor não morre. Agradeço especialmente à Professora Lucia Hardt pelo intenso incentivo em pensar uma outra formação possível para a educação, nos proporcionando momentos de grandes debates e instiga. Em especial a minha família: Nusa, Miguel, Flavio e Ailton, que cada um(a) do seu modo estão presentes em minhas conquistas no viver. À Roberto Martins, meu mestre, faço uma saudação de alma e agradeço toda generosidade e casa em forma de amizade e trocas intensas de vidas. Seguirei sendo sua discípula! Vilmar Martins e Elizane Andrade, que adotam a minha caminhada me sinalizando quais são os lugares de repouso e do vinho em Florianópolis. Ao Bruno Pedroso Lima Silva, agradeço o seu olhar minucioso no trabalho de revisão. Não poderia finalizar este trabalho sem expressar meu carinhoso olhar sobre Yone Amorin, minha parceira, mãe, amiga, irmã, entre tantas outras coisas, você me inspira pela caminhada vida à fora. E estaremos sempre juntas estejamos onde estivermos! Estamos conectadas.

“Hoje, assim todos os dias, tenho de atravessar uma ponte; a sua frágil armação de inseguros instantes permite ver a água, funda, quieta, à espera. Mãos pacientes puseram na minha bagagem talismãs para ajudarem em tão difícil passagem.” (José Luis García Martín)





## RESUMO

O intuito desta pesquisa de mestrado é o de apresentar uma relação entre filosofia e poesia para pensar a formação humana no campo da filosofia da educação. Valendo-se do grandioso solo em que esta relação se dá, Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin dialogaram na presente dissertação entre a quadratura “céu e terra, mortais e imortais” sobre os vestígios dos deuses foragidos e a noite do mundo. Em termos metodológicos, operamos a formação humana desde uma pesquisa qualitativa de fontes primárias, tendo em vista alguns escritos dos referidos pensadores. O poeta e o filósofo contribuem com a história de suas vidas para esta pesquisa. A poesia e a filosofia é tecedora de outras possibilidades enquanto existência. Esta comunicação só é possível através da linguagem. O que se constrói via poesia, segundo Hölderlin, é advindo da escuta e do céu, do levantar os olhos. A filosofia de Heidegger repousa sobre a condição de ser-no-mundo (Mit-Sein) factível e temporal que lançado enquanto humano vive a experimentar a angustia, possibilidade/impossibilidade e mundo. Nossa perspectiva se propõe a sondar a existência em busca de uma ampliação da formação humana que precisaria retomar o sentido autoformativo de seu habitar poético. Por fim, poderíamos dizer, segundo nossa incursão de pesquisa, que esta relação repousa a salvo, por via do viés heideggeriano- hölderliano do construir e habitar, pois é “cheio de méritos mas poeticamente que o homem habita esta terra”. A pesquisa interage com os textos de Martin Heidegger: "Construir, Habitar, Pensar"; "Para quê Poetas?" e "...Poeticamente o homem habita...".

**Palavras-chave:** Heidegger; Habitar; Formação; Poesia; Hölderlin.



## ABSTRACT

The purpose of this research is to go deep in the field of human formation aspects about poetry and philosophy through a poet and a philosopher. Drawing on the great soil in which this relationship takes place, Martin Heidegger and Friedrich Hölderlin have dialogued in the present dissertation between the quadrature "heaven and earth, mortal and immortal", on the vestiges of the fugitive gods and the night of the world. In methodological terms, we think the human formation from a qualitative research with primary sources, analyzing some works of the mentioned thinkers. The poet and the philosopher contribute with the history of their lives to this research. Poetry and philosophy are weavers of other possibilities as existence. This communication is only possible through language. What is constructed through poetry, according to Hölderlin, comes from listening and from heaven, from looking up. Heidegger's philosophy rests on the condition of being-in-the-world (Mit-Sein) factual and temporal that is launched as human to experience the anguish and the possibility or impossibility in the world. Our perspective proposes to gauge the existence in search of an amplification of the human formation that would need to resume the autoformative sense of its poetic dwelling. Finally, we might say, according to our research foray, that this relationship rests safely, through Heidegger and Hölderlin's view of building and inhabiting. After all, "full of merits but poetically that man inhabits this land." The research interacts with the texts of Martin Heidegger: "To construct, To inhabit, To think"; "Poets for what?" and "... Poetically man dwells ...".

**Keywords:** Heidegger; Dwell; Formation; Poetry; Hölderlin



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 - SOBRE A PRESENÇA DA POESIA DE FRIEDRICH HÖLDERLIN NA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER .....</b>	<b>21</b>
1.1 HÖLDERLIN, O POETA .....	21
1.2 HEIDEGGER, O FILÓSOFO .....	25
1.3 HEIDEGGER-HÖLDERLIN OU, DE COMO A POESIA CONDUZ CERTA FILOSOFIA.....	27
<b>CAPÍTULO 2 - A POESIA DE HÖLDERLIN COMO EXTENSÃO DO PENSAMENTO – A CONSTRUÇÃO DO HABITAR POÉTICO .....</b>	<b>41</b>
2.1. O QUE É ISTO, A POESIA?.....	41
2.2. “...POETICAMENTE O HOMEM HABITA...” A LINGUAGEM – CONSTRUÇÃO E CRISE SOBRE O HABITAR .....	53
2.3. HABITAR E FORMAÇÃO HUMANA.....	58
2.4. A RELAÇÃO MARTIN HEIDEGGER E FRIEDRICH HÖLDERLIN.....	80
<b>CAPÍTULO 3 - A EXPERIÊNCIA DA POESIA COMO CONSTRUÇÃO DO HABITAR POÉTICO PODE SER EXPERIÊNCIA FORMATIVA? .....</b>	<b>97</b>
3.1. COMO A POESIA DE HÖLDERLIN CONSTRÓI O HABITAR POÉTICO – CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO .....	97
3.2. A AUTOFORMAÇÃO COMO MEDIDA DO POÉTICO PARA O HABITAR .....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>121</b>



## INTRODUÇÃO

“Para o alto forcejava meu espírito, mas o  
Amor trouxe-o logo para baixo; mais ainda  
Encurvou-o o sofrimento; assim, eis que o arco  
Da vida me trouxe ao ponto de partida.”  
(HÖLDERLIN, 1991, p. 73)

O objetivo desta dissertação de mestrado é o de *apresentar* a relação entre a poesia e a filosofia como possibilidade de atualização e redimensionamento da formação educacional, a partir do diálogo entre o pensamento de Martin Heidegger e a poesia de Friedrich Hölderlin. Estrutura-se a começar de uma perspectiva de filosofia da linguagem, a qual toma a linguagem enquanto lugar da primazia existencial, conforme nos inspira Heidegger em suas obras “Para quê poetas”; “Construir, habitar, pensar”; e “...Poeticamente o homem habita...” Tomamos do texto “A caminho da linguagem”, de 1957<sup>1</sup>, suas palavras para, inicialmente informar ao leitor a importância desse ponto para Heidegger.

A linguagem é: linguagem. A linguagem fala. Caindo no abismo dessa frase, não nos precipitamos todavia num nada. Caímos para o alto. Essa altura entreabre uma profundidade. Altura e profundidade dimensionam um lugar onde gostaríamos de nos sentir em casa a fim de encontrar uma morada a essência do homem. Pensar desde a linguagem significa: alcançar de tal modo a fala da linguagem que essa fala aconteça como o que concede e garante uma morada para a essência, para o modo de ser dos mortais. (HEIDEGGER, 2011, p. 10).

A partir destas obras produz-se ressonância para análise de uma estética da existência tomada enquanto habitar poético (HEIDEGGER, 2011). O *Dasein*<sup>2</sup>, redimensionado por Heidegger, inclina a filosofia

---

<sup>1</sup> Não iremos nos ocupar nesta dissertação de apresentar e discutir os distintos períodos filosóficos de Martin Heidegger. Cumpre dizer que estamos cientes do que passou a se chamar primeira e segunda fase (NUNES, 2016), sendo aquela representada por “Ser e Tempo” e esta especialmente pelos escritos nos quais o filósofo trata de questões como a técnica e a obra de arte.

<sup>2</sup> Sobre o que é o *Dasein* para Heidegger, segundo Cerbone: “O *Dasein* é o lugar para começar a responder a questão sobre o ser porque ele, diferente dos outros

contemporânea para um movimento que se ergue a partir de uma nova compreensão do que é a filosofia ou o novo pensar. O pôr em curso o filosofar em seu formato poético é o ser em sua ampla possibilidade construtiva, que invoca a mística do ser-no-mundo<sup>3</sup>. Ou como Heidegger refere em sua obra “Introdução à Filosofia”: “A filosofia deve tornar-se livre em nós, ela deve tornar-se a necessidade interna de nossa essência mais própria, de modo a conferir a essa essência a sua dignidade mais peculiar.” (HEIDEGGER, 2009, p. 5). A possibilidade da analítica da presença ou analítica existencial<sup>4</sup> do “habitar poético” implica nova construção de perspectivas a partir do ser envolvido pelo mistério, pela

---

tipos de entidades, sempre tem uma compreensão do ser: entes humanos são entes para quem as entidades são manifestas em seu modo de ser. Isso não significa que nós já temos uma concepção desenvolvida sobre o que é ser (se tivéssemos, haveria pouco para Heidegger e **Ser e tempo** realizarem), mas, em vez disso, nossa compreensão é em grande medida implícita e pressuposta, o que Heidegger chama de “pré-ontológico”. Uma vez que o Dasein tem uma compreensão do ser, ainda que implícita e não temática, Heidegger argumenta que a ontologia fundamental deve começar com a tarefa de interpretar ou articular essa compreensão pré-ontológica do ser. Fazer isso fornecerá uma primeira passagem para responder a questão do ser em geral, uma vez que compreender o Dasein, ou seja, o que é ser o tipo de ente que somos, pressupõe compreender o que compreendemos, ou seja, o ser.” (CERBONE, 2013, p. 72)

<sup>3</sup> O ser-af para Heidegger através da perspectiva construtiva diz sobre a formação de mundo como um acontecimento fundamental de sua essência como vigência do mundo. No parágrafo §74, da obra “Os Conceitos fundamentais da Metafísica – Mundo-Finitude-Solidão”, Heidegger problematiza a compreensão do homem enquanto “formador de mundo” (HEIDEGGER, 2011, p. 448). E por isso, desperto para um “despertar de uma tonalidade afetiva fundamental” (Ibid., p. 449) e, por conseguinte, é “Isto que dissemos serem os momentos fundamentais deste acontecimento, o manter-se ao encontro da obrigatoriedade, a integração e o desentranhamento do ser do ente.” (Idem). O homem é formador de mundo porque necessita estar desperto de sua *tonalidade afetiva* na busca de sua expressão mais livre para um “construir e habitar”.

<sup>4</sup> Em “Introdução ao pensamento de Martin Heidegger”, Stein explicita a “analítica existencial” como sendo o modo de operar a questão do ser em Heidegger (Ser e Tempo, § 9). “A bipolaridade velamento-desvelamento é o movimento que atravessa o caminho: fenomenologia: o desvelar-se do que se vela, aquele que se busca no caminho: o ser que vela e desvela no tempo, e a dimensão da verdade em que o ser manifesta.” (STEIN, 2011, p. 59). Retornaremos este ponto no capítulo 2 desta dissertação.



facticidade e temporalidade, porque viver é jogo entre possibilidade e impossibilidade, angústia, criação e cura no mundo<sup>5</sup>.

Vimos acentuando, já nestas primeiras páginas da dissertação, a complexidade da trama do pensamento heideggeriano. Neste ponto da trama, nos parece adequado uma explicitação do conceito “mundo” que Heidegger se dedica a apresentar especialmente em dois momentos do conjunto de sua obra: em “Ser e Tempo”<sup>6</sup>, de 1927 e “Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo-finitude-solidão”, preleções apresentadas entre 1929 e 1930. Percebemos que “mundo” é onde se ancora a pre-sença. Sem mundo não haveria ser-aí. Logo, mundo tem a ver, de modo íntimo, com temporalidade. Mundo é, nas palavras de Heidegger, “uma determinação existencial da pre-sença (...) “Mundo é um caráter da própria pre-sença.” (ST, §14). No §74 de “Conceitos Fundamentais”, Heidegger se dedica à pergunta “O que é mundo?” para mostrar como o homem se constitui enquanto formador de mundo, ou ainda, de como, a intimidade entre ente (homem) e mundo está dada enquanto um acontecimento fundamental.

A intenção desta pesquisa é a de produzir, ao modo heideggeriano, uma perspectiva de Filosofia da Educação que tenha intimidade com o “habitar poético”, procurando possíveis efeitos na formação humana. Em razão de compreender-se, aqui, que a vida humana é como uma obra aberta em constante elaboração, trata-se da própria formação humana,

---

<sup>5</sup> A compreensão de mundo aqui, é inspirada a partir de Heidegger, sob o olhar de José Carlos Marçal no seu texto “Geviert: o sagrado em Heidegger e a serenidade em Mestre Eckhart”. Segundo este comentador, “O mundo é entendido como clareira das sendas das orientações essenciais. A abertura que o mundo representa permite que o ente saia de sua ocultação e a terra indica o elemento que deve salvaguardá-lo. Heidegger utiliza um tom poético para descrever os elementos da quadratura. A *terra* “é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna”. O *céu* é “o percurso em abóbadas do sol, o curso em transformação da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações do ano e suas viradas, luz e crepúsculo do dia”. Os *deuses* são “os mensageiros que acenam à divindade. Do domínio sagrado desses manifesta-se o Deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação”. E os *mortais* “são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: ser capaz da morte como morte”. É essa simplicidade que Heidegger determina como quadratura: “Em habitando, os mortais são na quadratura”, daí o lugar privilegiado do verbo habitar acima mencionado.” (MARÇAL, 2011, p. 160 e 161. Destaque nosso.).

<sup>6</sup> Doravante “ST”.

igualmente, enquanto uma obra aberta, confeccionando seus sentidos desde a relação da arte com a fenomenologia hermenêutica heideggeriana.

O impulso *motivador* que inspira esta pesquisa é de caráter desafiador para uma era tão imediatista e instantânea. A presença da poesia na formação humana é uma forma de fazer deslocamento e revolução com a palavra. Nesse sentido, nosso intento é o de uma experiência formativa que altere o curso imediato da formação para deixar vir outro lado do ser enquanto possibilidade *de ser no mundo*.

O encontro aqui é com o tempo meditativo de Heidegger e com a forma misteriosa de fazer poesia de Hölderlin. Entendemos que o desvendamento de novos olhares sobre a Filosofia da Educação é uma necessidade urgente para os que pensam a elaboração de uma educação mais aberta e acolhedora, a qual não busque a evolução como destruição do mundo, mas que seja a própria cura do mundo. Por isso, o debruçar-se sobre a necessidade de um redimensionamento no ensino e na aprendizagem pode ser realizado pela estrutura brincante e lúdica da poesia pensada e natural do ser. Sem dúvida, o novo, com sua característica revolucionária, provoca o salto para uma outra margem, menos imediata e mais mediada no habitar poético.

Esta dissertação, cuja metodologia é de cunho qualitativo, realizando-se a partir da interpretação de textos filosóficos e poéticos, pretende *investigar* a possibilidade formativa a partir da existência do pensar filosófico e do poetar como possibilidade para a formação do habitar poético. Por certo, trata-se de uma interpenetração entre ambos, fazendo surgir um outro inusitado. A pesquisa colige textos de Heidegger e de Hölderlin e, na semântica originária do termo mesmo, reúne alguns dos seus escritos no intuito de fazer pensar a formação humana enquanto habitar poético e, desde sempre, um caminho autoformativo. No esforço hermenêutico de traduzir as perspectivas destes pensadores-poetas/poetas-pensadores o material coligido impulsiona a experiência daquilo que Aduino Novaes designa como “Artepensamento”:

A natureza da Arte do Pensamento põe em risco qualquer comparação. Se o trabalho de pensamento e o trabalho da obra de arte parecem tão distantes, se a obra de arte tem realidade própria e se distingue facilmente das outras atividades humanas, um e outro têm, entretanto, um destino comum: o desejo da experiência desmensurada do obscuro e do ausente. Pensar é passar do conhecido ao desconhecido- ir além dos signos; escrever um poema ou pintar um quadro é buscar o outro lado

de uma presença: um e outro tentam, pela experiência, “levantar a ponta de um véu, mostrar aos homens um lado ignorado ou antes esquecido do mundo que habitam.” (NOVAES *apud* Diderot, 1994, p. 9).

Nesse sentido, o que Novaes está nos sugerindo é o caráter para além do explicitado na linguagem. A linguagem enquanto ARTEEPENSAMENTO é um diálogo *constelativo*. Ou seja, é aquilo que enquanto possibilidade interage com as partículas diversas do mundo do pensamento e das artes no céu diverso das linguagens. A constelação, linguagem, pensada por Novaes reúne o mistério e a realidade enquanto manifestação da estranheza em processo de ir além do que está posto. Então, essa linguagem é um céu habitado por diversas estrelas que brilham proporcionalmente naquilo que necessitam sem deixar de serem elas mesmas, pela forma e existências das outras estrelas. A arte e o pensamento estão integrados pelos processos distintos e alinhados pelo interesse em descobrir e re-velar o oculto manifestado pelo mundo das artes ou da filosofia.

O referencial teórico-poético principal está indicado de antemão no título que denomina e estrutura esta pesquisa. Os referenciais secundários se dão pelo enfrentamento e cotejamento metodológico circundado pela hermenêutica fenomenológica de Heidegger para com todos os citados aqui. Os capítulos desta dissertação estão em comunicação, mediante o poder constelativo das temáticas e suas relações.

O primeiro capítulo, “Sobre a presença da poesia de Friedrich Hölderlin na Filosofia de Martin Heidegger”, é uma introdução a Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin a partir de suas vidas e obras, sendo demarcado pela relação dialogada entre filosofia e poesia de ambos.

O segundo capítulo, “A poesia de Hölderlin como extensão do pensamento - embates sobre o habitar”, é um registro das variadas presenças poéticas de Friedrich Hölderlin na estrutura do pensamento de Martin Heidegger. Monta-se um arcabouço estrutural para o “habitar poético”, observado a partir da análise do texto “Para quê Poetas?”, de Heidegger.

O terceiro capítulo, “A experiência da poesia de Hölderlin como construção do habitar poético pode ser experiência formativa? Contribuições para a educação”, é uma defesa poética daquilo que compreendido como formativo habita entre a poesia de Hölderlin e a filosofia de Heidegger. Tendo em vista que neste capítulo há a presença

de comentadores que já trabalham em suas pesquisas a relação entre Heidegger e a Educação, este capítulo representa o encontro das possibilidades formativas com base em uma existência estética-transformadora.

A intenção da pesquisa não é a de apresentar um caminho ao modo de uma preleção para a formação humana; ao contrário: a intenção é dizer da singularidade do caminho formativo, dizendo-o desde o percurso desta pesquisa. Logo, mostrando uma possibilidade, um acontecimento. Com isso, podemos apenas falar da experiência mesma de pesquisa em curso e convidar o leitor a atrever-se a constituir o seu próprio habitar poético, se assim lhe apeter. Estamos fincados no horizonte autoformativo e, no limite, apenas sinalizamos a possibilidade de invenção própria. Observa-se um cenário existencial advindo do habitar poético, condicionado pelo devir construtivo e desconstrutivo, que vela e desvela os campos das possibilidades artísticas em vida. Heidegger mesmo nos orienta nesta direção de *ser-aí* enquanto formador de mundo, que se dá pelo cuidado e responsabilidade consigo mesmo. Todo o caminho possível, aqui sugerido, então, só poderia ser dito de um lugar e modo singular de ser.

Por fim, o pensar e poetar, na educação, é um encontro de possíveis. O que para a filosofia é condicionante, para a poesia é relacional. Por isso, o confronto e a coalizão de ideias estão neste universo como obra aberta e sempre inacabada, porque o ser humano é um processo constante e intenso que pode criar e recriar olhares sobre o mesmo horizonte, a saber, o da vida. Esta pulsão que compreende a constelação do conhecimento, como encaminha Adauto Novaes no texto “Constelações”, amplia e dinamiza as possibilidades formativas na híbrida condição de ente formador de mundo. Resta, então, a força criadora dela, da vida, seus mitos e poesia.

## **CAPÍTULO 1 - SOBRE A PRESENÇA DA POESIA DE FRIEDRICH HÖLDERLIN NA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER**

“Tudo é íntimo.  
Isso separa.  
Assim resgata o poeta.  
Temerário! De rosto em rosto quererias ver a alma.  
Vens abaixo em chamas.”  
(HÖLDERLIN, 1991, p. 201)

Tal como referimos na introdução, este capítulo investiga de que modo a poesia de Friedrich Hölderlin se faz presente nas obras “...Poeticamente o homem habita...”, “Construir, habitar, pensar” e “Para quê poetas”, de Martin Heidegger. Em nossa perspectiva – e sob a inspiração de Benedito Nunes –, esta é uma “transa” possível para pensarmos a formação humana que desejamos. Antes de adentrarmos nesta perspectiva, convêm algumas palavras biográficas sobre nossos pensadores, a fim de situar o leitor nestes horizontes tão distanciados historicamente um do outro, mas familiares no modo de pensar a existência, desde uma experiência formativa e desde a linguagem da poesia; enquanto um ser-aí poético. Assim, de modo delimitado, para extrairmos tal modo de ser, tratamos de examinar se há, a partir destas obras de Martin Heidegger inspiradas em Friedrich Hölderlin, um discurso poético-filosófico que possa refletir sobre esta comunicação “Heidegger e Hölderlin” em busca de um habitar construído a partir do poético e filosófico pensando o redimensionamento da formação humana.

### **1.1 HÖLDERLIN, O POETA**

Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843), nascido em 20 de março de 1770, em Lauffen, Württemberg, e falecido em 7 de junho de 1843, em Tübingen, Reino de Württemberg, é considerado um dos poetas mais importantes da literatura alemã. Em 1788, ingressou no célebre seminário de Tübingen, onde estudou Filosofia e Teologia com Hegel e Schelling. Na ambiência inspirada do seminário e sob a influência de Kant, Rousseau, Schiller, dos ideais da Revolução Francesa e das discussões criadoras ocorridas, sobretudo, com Hegel e Schelling,

Hölderlin escreve uma série de hinos poéticos e começa a “imaginar” o seu romance “Hipérion”. (PAES, 1991, p. 13).

Em uma digressão etimológica, Hölderlin, em alemão, nome medieval do “diabo”, significa também “pequeno sabugueiro”, que, na tradição de várias regiões da Alemanha, é tido como árvore da vida ou árvore em que mora o espírito do destino. Tais alusões onomásticas dirigem-se ao poeta que celebrou como poucos a festa da vida; que tem no “Canto de destino de Hipérion” um dos seus poemas mais conhecidos; e que trouxe para a poesia alemã ecos da Grécia órfica,<sup>7</sup> cujos mistérios se voltam para o além-vida no Hades, o mundo ífero ou infernal das sombras. (PAES, 1991, p.13).

Sob este ângulo, os diversos sentidos estão no gênio de Hölderlin desde o seu nome de nascença. O céu e a terra; o humano e o divino; Baco e Dionísio; o paraíso e Hades; são projeções de uma poesia<sup>8</sup> que teve como força maior o contato com os deuses foragidos seguida de uma disposição humana que buscava a intimidade com a natureza. Segundo Paes, certa “sensação de estar oculto, de estar secretamente abraçado ao vale, ao rio, à colina, e, de par com tal sensação, a nostalgia de perder-se na distância vaga”. (PAES, 1991, p.14).

Na obra “Poemas”, de Friedrich Hölderlin, o tradutor da obra na edição brasileira também apresenta na introdução:

Como todo poeta fundamental, Hölderlin mostra à posteridade dois rostos jânicos. Um é o rosto do homem do seu tempo e do seu país, o contemporâneo dos pré-românticos alemães do Sturm und Drang que com eles contrapôs o

---

<sup>7</sup> A compreensão aqui de órfica está relacionada aos mistérios dos cânticos dos poemas, sobretudo na época da Grécia antiga, onde a vida e a morte estão em sintonia com a arte. O poema dizia a palavra que habitava entre a vida e a morte. Evocamos a lira do poeta Hölderlin em sua inspiração com a Grécia com um fragmento do seu poema “Hipérion” “Desde a mais tenra juventude tenho preferido viver sobretudo na costa da Jônia, da Ática e das belas ilhas do arquipélago. Aos meus sonhos mais caros pertence o de peregrinar em algum momento até o túmulo sagrado da humanidade jovial. A Grécia foi o meu primeiro amor, e não sei se devo dizer que será o único.” (HÖLDERLIN, 2012, p. 24).

<sup>8</sup> “A poesia recebe desse modo sua mais alta dignidade, volta a ser no fim o que era no princípio – *mestra da humanidade*, pois não haverá filosofia, não haverá mais história, só a poesia sobreviverá a todas demais artes e ciências” (PAES, 1991, p.22).

entusiasmo do gênio criador às regras morigeradas do bom gosto, a espontaneidade do estado natural de Rousseau às afetações da sociedade aristocrático-burguesa, os direitos do sentimento ao despotismo da razão, do mesmo passo em que fazia da Natureza um absoluto, a suprema potência criadora e destruidora cujas instâncias seriam, todas elas, outras tantas manifestações do Divino.” (PAES, 1991, p.11).

A radicalidade da sua poesia aparece não só na própria poesia e prosa poética, mas também nos vários ensaios teóricos e fragmentos filosóficos de maneira que, hoje, Hölderlin pode ser igualmente considerado uma das fontes mais inspiradoras da Filosofia Contemporânea.

Sobre a necessidade dos mortais, Paes conclui:

E finalmente, corolário natural de uma visão eminentemente estética da atividade do espírito, a necessidade de uma religião sensível, de uma nova mitologia da razão: Não apenas a multidão, mas também o filósofo sente tal necessidade. Monoteísmo da Razão e do coração, politeísmo da imaginação e da arte, disso é que necessitamos. (PAES, 1991, p. 21).

Seu legado poético deixou pistas misteriosas sobre as facetas como Poeta. A sua obra é notada com profundidade e respeito entre filósofos e poetas, entre eles Schiller, Neuffer, Octavio Paz, Dilthey, entre outros... Em vida, suas obras, em sua totalidade, não obtiveram registro como mereciam, em razão de negociações entre editoras, mas ficou marcada por tamanha genialidade a sua criação “Hipérion ou o Eremita na Grécia”. (SCHUBACK, 2012, p. 8).

Para José Paulo Paes, em relação ao que ele traduz da poesia de Hölderlin, o poeta é este que preserva o poder divino e a liberdade humana daquilo que ele chama de “caos”, pois, “Ponto de interseção entre o poder divino e a liberdade humana, o poeta como guardião da palavra que nos preserva do caos original” (PAES, 1991, p. 13).

Friedrich Hölderlin foi lido por grandes filósofos, entre eles Martin Heidegger, que se encantou profundamente pela sua genialidade experimentada por meio da palavra. Para além do seu encantamento, também produziu textos poéticos de Hölderlin, relacionando-os com a

Filosofia<sup>9</sup> e Fenomenologia. Na obra de Heidegger, “Hinos de Hölderlin”, observa-se o respeito e a admiração de um Filósofo para com um Poeta. Nas palavras introdutórias de Heidegger sobre Hölderlin, “Ainda teremos de nos manter calados sobre ele por muito tempo...” (HEIDEGGER, 2014, p. 9), ou “Mais uma vez: será que o perceberemos? A poesia de Hölderlin nos é um destino. Ela espera que os mortais lhe correspondam. O que é a poesia de Hölderlin? Sua palavra é: o Sagrado.” (HEIDEGGER, 2013, p. 11).

É por meio do mistério e por ele mesmo, aqui, evidenciado por Heidegger, que esta pesquisa desdobra-se sobre a imensidão do significado da poesia de Friedrich Hölderlin e como esta envereda-se nos caminhos do pensamento de Heidegger.

O poeta<sup>10</sup> é porta-voz da palavra que atravessa os tempos, a história e por que não dizer também a ciência? Este, guardião da chave do céu e da terra, tem a história da filosofia como livro sagrado que redescobre o tempo presente como o primor dos deuses da Grécia Antiga. Hölderlin exercitava a pulsação poética através das linhas livres da imaginação. O gênio é a personificação daquilo que sobrevoa entre o humano e o sagrado. Esse gênio faz a atenção dos homens se voltar para o belo e o bom; incita-os a buscar, para além de encarnações contingentes na arte ou na vida, a beleza, ideal e absoluta, do mundo das essências. O mesmo Sócrates, discípulo de Diotima no “Banquete”, irá dizer, no “Fedro”, que do “delírio que as musas provocam” nasce a verdadeira poesia, pois “a

---

<sup>9</sup> Hölderlin, estudando a estética de Schiller e Kant, envia uma carta ao amigo Neuffer explicando seu interesse pela filosofia e seu amor pela poesia: “Existe de fato um hospital para onde os poetas desditosos da minha espécie podem fugir sem desdouro - a filosofia. Mas não posso abandonar o meu primeiro amor, as esperanças da minha juventude, e prefiro soçobrar sem mérito a me afastar da doce pátria das Musas, da qual só o acaso me desviou.” (PAES, 1991, p. 21).

<sup>10</sup> A prova cabal de que em Hölderlin o filosófico estava a reboque do poético, vamos-la encontrar na sua obra ulterior ao “Projeto” de 1795, a partir do chamado ciclo de Diotima, isso tanto nos poemas propriamente ditos quanto no romance “Hipérion”, que também pertence ao ciclo: é nele que aparece pela primeira vez o nome de Diotima. Esse nome Hölderlin o foi buscar em Platão, cujo influxo se patenteia tão ostensivamente no “Projeto”. Diotima é a enigmática estrangeira de Mantinéia que ensinou ao Sócrates do “Banquete” ser Eros ou o amor não um deus mas um gênio, isto é, um ser a meio caminho entre o divino e o mortal, um mensageiro do mundo dos deuses no mundo dos homens, “liame que une o Todo a si mesmo”. (PAES, 1991, p. 22).



obra poética inteligente se ofusca perante aquela que vem do delírio”. (PLATÃO *apud* PAES, 1991, p. 22).

## 1.2 HEIDEGGER, O FILÓSOFO

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) inicialmente desejou ser padre e chegou mesmo a estudar em um seminário. Depois, estudou na Universidade de Freiburg com o professor Edmund Husserl, o fundador da Fenomenologia, e tornou-se professor ali mesmo, em 1928. É seguramente um dos pensadores fundamentais do século XX. Sua obra magna, “Ser e Tempo”, de 1927, revê a trajetória da metafísica<sup>11</sup>, pergunta pelo sentido do ser e do esquecimento que se fez dele na tradição ocidental. Faleceu em Freiburg em 1976.

Martin Heidegger, mesmo em meio a tantas controvérsias que cercam sua vida e sua obra, pode ser considerado um dos filósofos marcantes do século XX, posto ter refletido precursoramente sobre as mais diversas questões que afligiriam à época atual: as mudanças que o século XX assistiria no Ocidente e que moldariam a face deste começo de milênio. Foram suas considerações sobre o mundo e a existencialidade do homem, cuidado e morte, além de sua crítica aos rumos da ciência e da tecnologia, da arte e da técnica – aos rumos do ocidente em geral – juntamente com, sobretudo, a nova compreensão de tempo e história que inaugura, que possibilitaram uma crítica fundamental à filosofia tradicional metafísica, a qual seria inspiradora de toda uma geração seguinte de filósofos – quer fossem partidários de suas ideias ou mesmo seus críticos ferrenhos. (DIAS, 2015, p. 119).

Um Filósofo inspirado nas artes, sobretudo na linguagem das poesias de Friedrich Hölderlin. “Heidegger é o pensador que, enquanto pensamento, dispõe o aberto à escuta da própria palavra, do que se guarda e dignifica no dizer a palavra. Ao escutá-lo, chega ao pensamento a questão da poesia.” (LIMA E SILVA, 2004, p. 01). A partir do salto

---

<sup>11</sup> Ver, especialmente, o §6 de ST.

proporcionado pela simbólica relação poesia-filosofia, Octavio Paz<sup>12</sup> bravamente contextualiza, evidenciando a misteriosa possibilidade da travessia. Segundo o poeta mexicano, inspirado na filosofia de Heidegger, “Graças à poesia, a linguagem reconquista seu estado original. Em primeiro lugar, seus valores plásticos e sonoros, geralmente desdenhados pelo pensamento; depois, os afetivos; e, por fim, os significativos.” (PAZ, 2014 p. 55). Em suma, “O salto-mortal”, a experiência da “outra margem”, imagem doada por Octavio Paz para nos arremessar a outra forma de pensamento e condição, implica uma mudança de natureza: é um morrer e um nascer. Um ir e voltar; por caminhos distintos. Pois,

O poema- boca que fala e orelha que ouve – será a revelação daquilo que a exclamação indica sem nomear. Digo revelação e não explicação. Se o *desenvolvimento* for uma explicação, a realidade não será revelada, mas elucidada, e a linguagem sofrerá uma mutilação: teremos deixado de ver e ouvir para só entender. (PAZ, 2014, p. 55).

Mas a “outra margem” está em nós. Sem nos mover, quieta, em repouso; somos arrastados, impulsionados por um grande vento que nos expulsa para fora de nós; ou para frente de nós. Ele nos joga para fora e, ao mesmo tempo, nos empurra para dentro de nós. A metáfora do sopro aparece repetidas vezes nos textos religiosos de todas as culturas: o homem é desarraigado como uma árvore e arremessado para lá, para a outra margem, ao encontro de si. E aqui se apresenta outra característica extraordinária: a vontade intervém pouco ou então participa de forma paradoxal. (PAZ, 2014 p. 129).

Entre as margens existem as passagens, pontes, caminhos de pedras, que desempenham “a ligação” ou “diálogo” de extremos. O filósofo está para a travessia destas margens, ou seja, para a “outra margem”: aquela da poesia, do sensível, das artes visuais ou de outras que envolvam as palavras.

---

<sup>12</sup> Octavio Paz (1914-1998) também professor e ensaísta mexicano e nome da vanguarda da poesia moderna.

### 1.3 HEIDEGGER-HÖLDERLIN OU, DE COMO A POESIA CONDUZ CERTA FILOSOFIA

A NEUFFER em Março de 1794  
Ainda me recordo da doce primavera  
Ainda bate alegre o meu coração de criança,  
Ainda o orvalho do amor as vistas me oblitera,  
Ainda em mim vive a dor e prazer da esperança.

Ainda, doce alívio, meu olhar se inebria  
Com o céu de anil e com o verde da devesa.  
Dá-me sua taça embriagadora de alegria  
A divina, jovem, amorável Natureza.

Esta vida, podes crer, vale bem seus pesares  
Enquanto iluminar-nos, pobres, o sol de Deus  
E a imagem de um tempo melhor na alma  
guardares  
E os olhos de um amigo chorarem com os teus.  
(HÖLDERLIN, 1991, p. 57).

Nesse ponto do texto dissertativo, nos detemos a pensar e imaginar os efeitos da poesia de Hölderlin em Heidegger, no horizonte filosófico deste. No caminho filosófico de Martin Heidegger há sinais luminosos da presença poética de Friedrich Hölderlin<sup>13</sup>. Queremos compreender o impacto da poesia de Hölderlin sobre a Filosofia de Heidegger, sobretudo naquilo relacionado ao Heidegger tardio. A partir desta disposição, visualiza-se a conexão do trabalho realizado pelo pensamento ligado ao

---

<sup>13</sup> É necessário registrar aqui nesta nota um mapeamento feito por Claudia Drucker sobre a relação Heidegger e Hölderlin. Então, “Heidegger dedicou as seguintes preleções ao poeta Hölderlin: Os hinos de Hölderlin: “Germânia” e “O Reno” (1934/35, GA 39), O hino de Hölderlin: “Andenken” (1941/42, GA 52) e O Hino de Hölderlin: “Der Ister” (1942, GA 53). Heidegger dedicou a Hölderlin um número de ensaios, alguns deles recolhidos na coletânea Explicações da poesia de Hölderlin (1971, GA 4). Na coletânea *Holzwege* (1950, GA 5) temos o ensaio “Para quê poetas?”. Na coletânea Ensaios e Conferências temos “...o homem habita poeticamente” (1954, GA 7). Postumamente foi publicado um volume (75) das Obras Completas todo dedicado ao poeta: Zu Hölderlin – *Griechenlandreisen*. Não se incluem que em que Hölderlin não diretamente citado, que não obstante dependem da interpretação heideggeriana do poeta são: a coletânea *A caminho da linguagem* (1959), os ensaios “A coisa” e “Construir, habitar, pensar” em Ensaios e Conferências.” (DRUCKER, 2015, p. 186).

sensitivo, experimental, mundano e divino. Aquilo que entre poesia e filosofia, em habitar distintamente um ao outro, sobrevive em preservar suas diferenças. Vale frisar aqui, que,

É sabido como o contato com a obra desse grande poeta alemão já havia marcado Heidegger desde antes da redação de *Ser e Tempo*, e que progressivamente ganharia espaço na obra do filósofo, através dos vários cursos no final da década de 30, baseados na interpretação de poemas hölderlinianos, e daí para frente, marcando uma crescente importância da questão da linguagem como campo próprio de desenvolvimento da questão do ser. (FRANCESCHINI, 2012, p. 22).

Nos textos “...Poeticamente o homem habita...”; “Para quê poetas” e “Construir, habitar, pensar”, elaborados a partir de um conjunto de conferências entre 1936 e 1954, é possível identificar a fala explícita de Heidegger relacionando-se diretamente com a poesia de Hölderlin e sua profundidade e complexidade, naquilo que pode ser compreendido a partir do trabalho do pensamento como linguagem. Perguntamo-nos: O que há de tão precioso na escrita de Friedrich Hölderlin que Martin Heidegger teve a necessidade de produzir escritos na tentativa de traduzir e interpretar os versos sagrados do poeta em tempo indigente?

É preciso que o poeta cante a indigência do “tempo da noite do mundo” (HEIDEGGER, 2014, p. 309). O poeta neste mundo constrói um habitar. Este cântico é a comunicação original entre sua origem enquanto parte da divindade esquecida pelo *ser-do-ente*<sup>14</sup> decorrente do desamparo e indigência vividos pelos mortais sobre a terra, na vivência sem de-mora, neste mundo. Deste modo,

O ser larga o ente, lançando-o ao risco. Este largar e lançar é o verdadeiro arriscar. O ser do ente é esta relação do largar e lançar para com o ente. Cada ente que existe é o arriscado. O ser é, por

---

<sup>14</sup> Para compreendermos aqui, o que é o *ente* em Martin Heidegger na sua obra “*Ser e Tempo*” é necessário expor a tarefa de uma análise sobre a *presença* a partir do parágrafo §9 de *Ser e Tempo*. “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez *meu*. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se relaciona com o seu ser. Como um ente deste ser, a presença se entre a responsabilidade de assumir seu próprio ser. *Ser* é o que neste ente está sempre em jogo.” (HEIDEGGER, 2013, p. 85).

excelência, o próprio risco. Ele põe-nos em risco, a nós, os homens. Ele põe em riscos os seres vivos. (HEIDEGGER, 2014, p. 320).

O *ser-do-ente* é orientado pela angústia, e sua experiência de falta. Pela sua experiência com a indigência e com o abismo do mundo ele desvela sua história naquilo que o mundo constrói entre céu e terra. No texto “Para quê poetas”, produzido por Heidegger em meados dos anos 1930, o filósofo analisa a condição em que os mortais vivem sobre a terra e como os poetas cantam “a noite do mundo”. Pois, “O tempo da noite do mundo é o tempo indigente, porque se tornará cada vez mais indigente. Ele tornou-se tão indigente que já nem é capaz de notar que a falta de Deus é uma falta” (HEIDEGGER, 2014, p. 309). A falta é cantada pelo poeta e com isto ele se aproxima do sagrado através das palavras. É necessário compreender-se que, aqui, o pensar é livre e disposto à poesia.

Livre é o pensar quando se dispõe ao chamado. Dispor, neste caso, não significa dispor de coisas presentes no mundo, de modo a convertê-las em meios para determinados fins. Antes, quer dizer dispor o aberto à escuta do pensamento, do que se dignifica como o mais originário ao pensamento, e por isso também, como o mais inquietante e velado, o mais distante na sua proximidade. Heráclito aconselhava que não falássemos à toa das coisas sagradas. O pensar dispõe o aberto à escuta quando guarda a palavra ao sagrado. (LIMA E SILVA, 2004, p. 01).

A partir desta inspiração, os poetas têm em sua escuta a espera e o cuidado com o mundo. Que medida desta indigência parece arrastar a formação humana? Qual seria o esforço em filosofia da educação para fazer contrapartida a esta indigência do mundo? Seria a interlocução da filosofia com a poesia uma possibilidade formativa?

O poeta é poeta, a partir daquilo que produz, escreve e cria. A palavra é matéria meditativa, é preciso que o pensar esteja em repouso; que a fala aquiete-se; que a escuta se internalize, para, assim, de-morar-se na linguagem. “Que na verdade a poesia seja também tarefa para um pensamento, eis o que ainda temos de aprender neste instante do mundo. Tomemos o poema como um ensaio de meditação poética” (HEIDEGGER, 2014, p. 318). Ou ainda, “Se o poeta canta é porque ele

pode recebê-lo e devolvê-lo aos homens como doação. Ai se faz a escuta originária e o casamento entre céu e terra.” (LIMA E SILVA, 2004, p. 3).

O pensador é pensador através daquilo que ele experimenta e, elaborando pela razão, adquire conceitos e formatos específicos. Martin Heidegger, ao ler Hölderlin, executa a tentativa de contato com os deuses foragidos. E a partir do que experimenta pela via da poesia, filosofa que poderia ser a linguagem através do pensamento, uma tentativa de compreender o que diz a poesia de Hölderlin em seu significado maior.

O aberto deixa entrar. Mas deixar entrar não significa: permitir a entrada e o acesso ao encerrado, como se algo encoberto se devesse desencobrir para assim surgir como não estando encoberto. Deixar entrar significa: recolher e integrar na totalidade obscura dos feixes da conexão pura. (HEIDEGGER, 2014, p. 237).

Tanto o poeta quanto o pensador estão envolvidos pelas sensações que os sentidos causam-lhes. O poeta res-guarda a si, como sendo a sua própria expressão do que produz como uma autocriação e autocultivo. “Ao percorrer seu caminho e seu destino, a palavra nomeia deuses e coisas e mede a distância entre o céu e a terra. Nesse nomear e medir, o homem faz sua morada enquanto se demora na terra.” (LIMA E SILVA, 2004, p. 2).

Um construir-se para habitar-se naquilo que se demora sobre a terra. “Habitar é estar na proximidade do ser. Se a linguagem fala e é a casa do ser, não seria inadequado pensarmos a fala como o acontecer que permite a morada: nela o homem se fixa contra o seu resguardo e proteção.” (LIMA E SILVA, 2004, p. 02). A partir da fuga dos deuses e do abandono do homem na terra, a poesia está para o pensamento como disposta a ser decifrada, pois ela, sendo o que é, jamais o pensar poderá traduzir em sua grandeza, daquilo que mesmo posto está oculto; a poesia continua como aquilo que vem dos deuses, que apresenta-se como um lampejo de uma chama na noite. “Que na verdade a poesia seja também tarefa para um pensamento, eis o que ainda temos de apreender nesse instante do mundo” (HEIDEGGER, 2014, p. 318). Tomamos essa afirmação de Heidegger para justificar nossa entrada em seu pensamento através das interpretações dos poemas de Hölderlin.

Em uma filosofia como a sua, que muitas vezes, por sua dinâmica particular, se move em uma espécie de círculo, no qual o destino é a

origem e cada ponto remete a todos os outros<sup>15</sup>, parece haver uma dificuldade quanto ao começo desse caminho. Se o que buscamos aqui é o sentido originário desse outro pensar que se dá por meio do poético, devemos adentrar esse círculo e fazer por nós mesmos esse percurso, repetir essa experiência do pensamento, pois esse fundar se encontra no próprio poetizar, que se dá pela palavra e na palavra. (FRANCESCHINI, 2012, p. 22).

O poeta habita a palavra<sup>16</sup>. A linguagem é sua morada. Desta maneira, o chamado à construção do habitar poético dá-se pela via da angústia, desamparo e abandono, frente à fuga dos deuses. Ao vazio de um mundo sem deus. A elaboração advém do poético, pois é ele aberto ao chamado. “A falta de Deus anuncia porém algo muito pior. Não só se foram os deuses e Deus, como também se apagou na história do mundo o fulgor da divindade.” (HEIDEGGER, 2014, p. 309). Sendo assim,

A poesia diz na sua essência: *habitar*. Heidegger lembra um verso de Hölderlin “...poeticamente o homem habita esta terra...” habitar não significa aqui habitar em algum lugar ou por algum tempo. Habitar é estar na proximidade do ser. Se a linguagem fala e é a casa do ser, não seria inadequado pensarmos a fala como o acontecer que permite a morada: nela o homem se fixa e encontra o seu resguardo e proteção. “o homem fala apenas somente à medida que co-responde à linguagem, à medida que escuta e pertence ao apelo da linguagem”. (LIMA E SILVA, 2004, p. 2).

Para Heidegger, em “Construir, habitar, pensar”, o desenvolvimento do conceito *construir*<sup>17</sup> relaciona-se com a volta ao

---

<sup>15</sup> Podemos perceber aqui a ascendência de Dilthey sobre Heidegger, quando Dilthey assevera: “Em cada ponto, a compreensão abre um mundo” (DILTHEY, 2010, p. 184).

<sup>16</sup> “O habitar do homem está ao mesmo tempo na errância e na escuta da palavra em sua travessia, cujo retornar à fala e permanecer na fala, dá morada ao homem.” (LIMA E SILVA, 2004, p. 2).

<sup>17</sup> O que diz então construir? A palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, “*buan*”, significa habitar. Diz: permanecer, mora. O significado próprio do verbo *bauen* (construir), a saber, habitar, perdeu-se. Um vestígio encontra-se resguardado ainda na palavra “*nachbar*” vizinho. O *nachbar* (vizinho) é o “*Nachgeburt*”, o “*nachgbauer*”, aquele que habitar proximidade. Os verbos *buri*, *büren*, *beuren*, *beuron* significam todos eles o habitar, as estâncias e

apelo da linguagem, naquilo que é a sua essência, tal como asseveramos ainda na introdução desta dissertação. Ao que parece, o significado da construção deste habitar para o filósofo está no fato da linguagem da poesia hölderliniana descansar sobre a construção de uma experiência que *habita poeticamente*. “No azul sereno floresce a torre da igreja com o teto de metal. Para ouvir com inteireza as palavras “poeticamente o homem habita”, é preciso devolvê-las cuidadosamente para o poema. Cabe-nos pensar essas palavras” (HEIDEGGER, 2009, p. 165).

Aqui, para aprofundarmos o mergulho nas palavras cheias de ar de Hölderlin, vale a transcrição do poema “In Lieblicher - Azul Sereno”, traduzido por Marcia Sá Cavalcante Schuback, como segue:

No azul sereno floresce a torre da igreja  
 Como o teto de metal. Que  
 Circula cantos de andorinha, que  
 Circunda o azul mais tocante. O sol  
 Ergue-se lá bem no alto, colore o metal,  
 Ao vento, porém, silenciosa, altaneira,  
 Soa a flâmula. Se alguém  
 Desde aquelas escadas entre sinos,  
 Só pode ser um vida de silencio, pois  
 Destacando-se a fisionomia, é  
 A imagem do homem que surge.  
 As janelas de onde tocam os sinos são  
 Como portais para a beleza. Sim, pois  
 Os portais são ainda segundo a natureza,  
 Semelhantes a árvores da floresta. Pureza,  
 No entanto, é também beleza.  
 Nesse meio, surge do diverso um espírito honesto.  
 Tanto mais simples as imagens, mais  
 Divinas, a ponto de muitas vezes  
 Realmente se temer descrevê-las. Os celestiais,  
 porém,  
 Que são sempre bondade, tudo ao mesmo tempo,  
 como reinos,  
 Possuem essa virtude e alegria. Isso o homem  
 Deve imitar.

---

circunstâncias do habitar. Sem dúvida a antiga palavra *buan* não diz apenas que construir é propriamente habitar, mas também nos acena como devemos pensar o habitar que aí se nomeia. Quando se fala em habitar, representa-se costumeiramente um comportamento que o homem cumpre e realiza em meio a vários outros modos de comportamento. Trabalhamos aqui e habitamos ali. Não habitamos simplesmente. (HEIDEGGER, 2001, p. 126).



Deve o homem, no esforço mais sincero que é a  
vida,  
Levantar os olhos e dizer: assim  
Quero ser também? Sim. Enquanto perdura junto  
ao coração  
A amizade, Pura, o homem pode medir-se  
Sem infelicidade com o divino. É deus  
desconhecido?  
Ele aparece como céu? Acredito mais  
Que seja assim. É a medida dos homens.  
Cheio de méritos, mas poeticamente  
O homem habita esta terra. Mais puro, porém,  
Do que a sombra da noite com as estrelas,  
Se assim posso dizer, é  
O homem, esse que se chama imagem do divino.  
Existe sobre a terra uma medida? Não há  
Nenhum. É que os mundos do criador jamais  
Inibem o curso do trovão. Uma flor é também bela  
por  
Florescer ao sol. O olhar encontra, muitas vezes,  
No ser da vida coisas ainda mais belas para  
nomear  
Do que as flores. Bem sei disso! Pois  
Agradaria a deus sangrar fisionomia e coração e  
de todo já não ser?  
A alma, porém, creio eu, deve  
Permanecer pura, do contrário enriquece o poder  
Com asas de águia, cantos de glória  
E a voz de tantos pássaros. É  
A vida do ser, a fisionomia.  
Riacho, tão belo, parece que tocas tanto  
Fluindo assim tão claro, como  
O olhar do divino, no teu curso.  
Conheço-te tão bem, mas as lágrimas escorrem  
Do olhar. Vejo uma vida alegre  
Nas fisionomias que a meu redor florescem da  
criação por  
Não comparar em vão o pombo solitário  
No pátio da igreja. O riso, porém,  
Parece-me afligir o homem.  
Pois tenho de fato um coração.  
Queria ser um cometa? Acredito que sim.  
Cometas  
Têm a velocidade dos pássaros, florescem ao fogo

E na pureza são como crianças. A natureza  
 humana  
 Não saberia encontrar nada maior para desejar.  
 A alegria virtuosa também merece ser louvada  
 Pelo espírito honesto que sopra  
 Entre os três pilares do jardim.  
 Um virgem bela deve adornar a pele  
 Com flores de Mirta, simplesmente por  
 Ser segundo a essência e o sentimento dessas  
 flores.  
 Mirta, porém, se encontra na Grécia.  
 Quando alguém olha o espelho, um homem, e  
 Vê ali como que refletida a sua imagem,  
 igualando-se  
 Ao homem, a imagem do homem tem olhos, ao  
 contrário  
 Da luz da lua. Édipo-rei tem  
 Um olho a mais, talvez. Os sofrimentos desse  
 Homem aparecem indescritíveis,  
 Indizíveis, inexprimíveis. E é por isso  
 Que o teatro encena algo assim. Mas comigo  
 O que acontece, lembro-me agora de ti?  
 Como riachos o fim de algo me arrasta  
 Rumo ao que se prolonga com Ásia. Naturalmente  
 Esse sofrimento é do de Édipo. Naturalmente é  
 por isso.  
 Será que Hércules também sofreu?  
 Certamente. Não sofreram também os dióscuros  
 Em seu convívio fraterno? Pois  
 Lutar com deus, como Hércules, isso é sofrer. E  
 Dividir a imortalidade invejando essa vida,  
 Isso também é sofrer.  
 Mas sofrer é também quando um homem  
 Está coberto de manchas de verão,  
 Está coberto de muitas manchas! O  
 Sol, belo, faz assim:  
 Tudo eleva numa criação. Encaminha os joviais  
 com o estímulo  
 De seus raios como se fossem rosas.  
 Os sofrimentos que Édipo suportou aparecem  
 como  
 O lamento de um pobre a quem falta algo.  
 Filho de Laio, estranha pobreza da Grécia!  
 Vida é morte, e morte é também uma vida.  
 (HEIDEGGER, 2001, p.254-259)

Neste sentido o filósofo pensou as palavras do poeta. E Martin Heidegger não só pensou como exerceu sobre a poesia de Hölderlin tamanho carinho que de tão cuidadoso escutava as suas palavras como a um mensageiro. “As construções cegas, sem imagem, da produção técnica impedem o acesso ao aberto da conexão pura. As coisas outrora crescidas desvanecem depressa. Elas deixam de poder mostrar a sua própria identidade através da objectivação.” (HEIDEGGER, 2014, p. 334).

Com efeito, quando trata-se da poesia<sup>18</sup> em Hölderlin, no texto “Para quê poetas?”, o filósofo exhibe a dimensão que há na compressão sobre o abismo que existe no poema “Pão e Vinho”<sup>19</sup> de Hölderlin. Este poema foi inscrito em 1801, considerado um dos poemas supremos do poeta. Este que no seu título já traz a presença do “pão” como necessidade diária do humano para a sua alimentação. “Os poetas são os mortais que, cantando com serenidade o Deus do Vinho, sentem os vestígios dos deuses foragidos, permanecendo sobre estes vestígios e assim apontando aos seus irmãos mortais o caminho da viragem.” (HEIDEGGER, 2014, p. 301). Pois,

Ser poeta em tempo indigente significa: cantar, tendo em atenção o vestígio dos deuses foragidos. É por isso que, no tempo da noite do mundo, o poeta diz o sagrado. É por isso que a noite do mundo é, no idioma de Hölderlin, a noite divina. À essência do poeta que, em tal tempo do mundo, é verdadeiramente poeta, pertence o facto de, para

---

<sup>18</sup> Benedito Nunes, em seu texto: “Poesia e Filosofia: uma transa”, afirma “A filosofia não deixa de ser filosofia tornando-se poética, nem a poesia deixa de ser poesia tornando-se filosófica. Uma polariza a outra sem assimilação transformadora.” Parece impossível pensar que exista uma determinação hierárquica que designe qual das duas artes seria mais profunda. Até porque não pode ser medível, nem desqualificada este tipo de argumentação. Também nas obras: “O dorso do tigre” e a “Passagem para o poético”, Benedito Nunes empreende, de forma ampla, o acontecimento filosófico da poesia na filosofia e vice-versa. Nunes compreende uma composição cíclica, uniforme, que une existencialmente a poesia com a filosofia. (NUNES, 2009, p. 40).

<sup>19</sup> “Nele se alternam pólos opostos mas, complementares, o dia e a noite, a lucidez, e a embriaguez, a terra e o céu, o sofrimento e a alegria, numa série antinômica cuja conciliação se faz à luz do sentimento do divino como uma dimensão latente da consciência. Há nesse empenho de conciliação, algo de órfico, na medida em que o orfismo representou, na realidade grega, a harmonização entre o apolíneo e o dionisíaco.” (PAES, 1991, p. 43).

ele, de antemão e a partir da indigência do mundo, o poetar e a vocação poética se tornarem questões poéticas. Por isso, os “poetas em tempos indigentes” têm que poetar a própria essência da poesia. Onde isto acontece, deve supor-se um poetar que se conforma com o destino da era do mundo. Nós temos de aprender a escutar a *fala* destes poetas, desde que não nos iludamos em relação ao tempo que encobre o ser, ao albergá-lo, de modo que calculamos o tempo partindo do ente e dissecando-o. (HEIDEGGER, 2014, p. 312).

O “vinho” é benção dionisíaca que traz o celeste para a terra, e aproxima o humano dos rastros dos deuses foragidos. “A noite do mundo estende a sua escuridão. Esta era do mundo caracteriza-se pela ausência de Deus, pela “falta de Deus”.” (HEIDEGGER, 2014, p. 309) Para Giacoia Jr., “A palavra de Heidegger diz: serenidade para com as coisas, cuidado preocupado com o mundo, deixar ser, abertura para o segredo - *ethos* de meditação sobre os *destinamentos* do Ser, nascidos de um pensamento que é, em si mesmo, ação” (GIACOIA JR, 2013, p. 104).

O assombro da angústia em seu eco de indigência fez com que Heidegger refletisse sobre a partir do *ser-do-ente*, buscando também sua habitação na linguagem; e com isso encontrasse em Hölderlin a expressão do sagrado. Heidegger afirma,

Pensando, o poeta entra na localidade, que se define a partir daquela clareira do ser, que se tem vindo a estabelecer como o domínio da metafísica ocidental em vias de se consumir. A poesia pensante de Hölderlin ajudou a cunhar este domínio do pensamento poético. O seu poetar vive nesta localidade tão familiarmente como nenhum outro poetar do seu tempo. A localidade que chegou Hölderlin é um estar-revelado do ser que pertence ele mesmo ao destino do ser e que, a partir deste, está votado ao poeta. (HEIDEGGER, 2014, p. 314).

Heidegger pensou a poesia de Hölderlin. Como o próprio filósofo afirma “(...) a poesia pensante de Hölderlin ajudou a cunhar este domínio do pensamento poético”; tanto o cantar do poeta traduz os vestígios sagrados dos deuses, como esta mesma linguagem é a morada do ser para habitar este mundo poeticamente. “Mas haveria, e há, esta necessidade

única, de experimentar pensar sobriamente aquilo que, dito na sua poesia, permanece como não dito.” (HEIDEGGER, 2014, p. 314). Já que “A linguagem é o pronunciamento da fala. Como um ente intramundano, essa totalidade de palavras em que e como tal a fala possui seu próprio ser “mundano” pode ser encontrada à maneira de algo à mão.” (HEIDEGGER, 2010, p. 224), ao que parece, então, a filosofia de Heidegger é conduzida por um poeatar<sup>20</sup>. O diálogo entre o poético e filosófico, marca também a *pre-sença* daquilo que Heidegger irá chamar de *esquecimento do ser* para os mortais. Martin Heidegger continua a afirmar,

Se caminhar-mos por esta via, ela conduzirá o pensamento a um diálogo com o poeatar, diálogo esse que pertence à história do ser. Inevitavelmente, este diálogo é visto pela crítica histórico-literária como uma violentação não científica daquilo que ela toma por factos. A filosofia, por seu turno, considera o diálogo uma aberração da perplexidade que conduz à exaltação. Mas o destino prossegue a sua via sem se deixar perturbar por tudo isto. (HEIDEGGER, 2014, p.314).

Ela, a palavra<sup>21</sup>, propulsora de vitalidade na vida para o ser humano. É como uma extensão da linguagem, sua fala compreende sua existência. “O homem fala apenas e somente à medida que co-responde à linguagem, à medida que escuta e pertence ao apelo da linguagem.” (HEIDEGGER, 2001, p. 167). Ele se descobre na vigência da elocução que compõe no campo dos sentidos a sua presença no mundo enquanto ser intramundano. Compreende-se que,

---

<sup>20</sup> Outro poeta presente em “Para quê poetas?” é R. M. Rilke. Inclusive a observação que o filósofo tece em defesa do poeta enquanto *re-velador* dos vestígios dos deuses, e aquele a quem a palavra que tudo diz, ainda permanece oculta. A poesia autêntica de Rilke resume-se, numa paciente antologia, aos dois pequenos volumes das Elegias de Duíno e dos Sonetos a Orfeu. O longo caminho até esta poesia é ele próprio, uma interrogação poética. Sobre este caminho, Rilke experiência mais claramente a indigência do tempo. O tempo permanece indigente, não apenas porque Deus está morto, mas também porque os mortais já não conhecem nem dominam a sua própria mortalidade. (HEIDEGGER, 2014, p. 315).

<sup>21</sup> “A linguagem é o pronunciamento da fala”. (HEIDEGGER, 2010, p.224).

Entretanto, até mesmo o vestígio do sagrado se tornou desconhecido. Fica por saber se nós ainda experienciamos o sagrado enquanto vestígio que nos conduz à divindade do divino ou se apenas deparamos com um vestígio do sagrado. Não fica claro o que poderia ser o vestígio para o vestígio. Fica a questão de saber como um tal vestígio se nos poderia revelar. (HEIDEGGER, 2014, p. 316).

Ainda em relação à poesia de Hölderlin, Heidegger acrescenta: Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio. Mas como encontramos habitação? O que o sentido do habitar heideggeriano poderia dizer ainda à filosofia da educação *pre-ocupada* na formação humana? “Mediante um construir, é que se pode deixar-habitar, poesia é um construir.” (HEIDEGGER, 2001, p. 167). Nesse aspecto, esta filosofia é habitada pela poesia, ao passo que também pode ser construída pela mesma. Pois construir, antes de tudo, é habitar. Logo, a partir disso o sentido da aparição de Hölderlin, nas palavras de Heidegger, dá-se pela visualização daquilo que pode ser construído e habitado poeticamente na linguagem. Pois,

Poeticamente o homem habita...A rigor, podemos assumir que os poetas habitem poeticamente. Mas como entender que “o homem”, ou seja, que cada homem habite sempre poeticamente? Não será o habitar incompatível com o poético? Nosso habitar está sufocado pela crise habitacional. E mesmo que fosse diferente, o que hoje se entende por habitar está açulado pelo trabalho, revolido pela caça de vantagens e sucesso, enfeitado pelo lazer e descanso organizados. O espaço e o pouco tempo que, no modo atual de habitar, ainda resta para o poético acontece, no melhor dos casos, quando nos ocupamos das letras, do belo espiritual, veiculado em publicações ou por outros meios comunicacionais. A poesia ou bem é negada como coisa do passado, como suspiro nostálgico, como vôo ao irreal e fuga para o idílico, ou então é considerada como uma parte da literatura. (HEIDEGGER, 2001, p.165).

Para que seja possível a construção de um habitar, segundo Heidegger, inspirado no Poeta, é necessário que aquilo que,

comunicando-se com o sagrado, esteja encoberto e velado, mas está ao aberto como *sendo* vestígios dos deuses foragidos. Ou seja, permanece ainda como abertura, para cantar a “noite do mundo”. Ao que nota-se no texto *Para quem poetas?* Seria a falta enquanto indigência humana, desalento no mundo abandonado pelos deuses, molas propulsoras do trabalho do filósofo frente ao intraduzível da linguagem da poesia hölderliniana? Para isso a poesia de Hölderlin em si, mostra-se como um portal aberto ao mundo do sagrado. E tornando-se assim, fonte de acesso ao que entreabre-se aos mortais pelos vestígios dos deuses foragidos.

A poesia seria então, neste caso, um retorno à escuta fundamental do ser-aí (*Dasein*). O *de-morar* no aberto de si, tomar como presente um retornar à sua história ancestral. Então, “Heidegger é o pensador que, enquanto pensamento, dispõe o aberto à escuta da própria palavra, do que se guarda e dignifica no dizer da palavra. Ao escutá-lo, chega ao pensamento a questão da poesia. Seria a poesia uma escuta e um dizer originários?” (LIMA E SILVA, 2004, p. 1).

Heidegger utiliza da poesia de Hölderlin naquilo que encontrou dentro dos seus silêncios. A escuta do divino naquilo que, entre o céu e a terra, está encoberto é re-velado pelo poeta em tempo indigente. Deste modo, a filosofia de Martin Heidegger é impactada por uma escuta fundamental inerente das palavras da poesia hölderliniana. Uma pausa no tempo meditativo da *de-mora*. A poesia é a fala do silêncio, embora ela mesma seja a preparação para uma escuta. Na poesia existem tantas vozes juntas e um abismo fundamental. O pensamento pode ser através das variações de vozes: o silêncio, a meditação, a morte, a falta e a angústia...





## CAPÍTULO 2 - A POESIA DE HÖLDERLIN COMO EXTENSÃO DO PENSAMENTO – A CONSTRUÇÃO DO HABITAR POÉTICO

“Em dias mais jovens, de manhã eu ria,  
De tarde chorava; agora mais velho,  
Começo o meu dia em dúvidas, porém  
Sagrado e sereno me é o seu final.”  
(HÖLDERLIN, 1991, p. 67)

Neste capítulo deseja-se apresentar, dentro do campo da possibilidade da palavra enquanto aquilo que é dialogado com o pensamento, a proposta da construção do habitar poético para o ser-no-mundo um lugar de de-mora, reflexão e cura. Como um marco ou um registro das variadas presenças da poesia de Friedrich Hölderlin na estrutura do pensamento de Martin Heidegger. Monta-se um arcabouço estrutural para o “habitar poético”, observado a partir da análise do texto “Para quê poetas?” de Heidegger. Neste texto, o poeta é aquele que canta a “noite do mundo” e resguarda no seu habitar os vestígios dos deuses foragidos fazendo da sua poesia uma preparação para escuta cuidadosa, aquela que respeita o silêncio internalizado pelo locutor.

### 2.1. O QUE É ISTO, A POESIA?

A palavra dos poetas evoca os cânticos dos deuses. Toca o caminho vertiginoso do sagrado entre o céu e a terra. A poesia<sup>22</sup> é um elo entre o humano<sup>23</sup> e sua habitação sagrada. Para Martin Heidegger “É a poesia que

---

<sup>22</sup> Para o poeta mexicano Octavio Paz, a dimensão da poesia enviesada pela existência do poeta é o que ele produz na sua existência em curso. “Quando um poeta encontra sua palavra, logo a reconhece: já estava nele. E ele já estava nela. A palavra do poeta se confunde com o seu próprio ser. Ele é a sua palavra” (PAZ, 2014, p. 53)

<sup>23</sup> “Quem se mede pelo desconhecido são os mortais. Os mortais são os homens, enquanto se demoram na terra e “habitam o mundo, como mundo”. Nesta demora, o homem levanta olhos para o céu e, ao levantar os olhos, toma a medida: a medida do que desconhece. No ordinário das palavras, a poesia revela o extraordinário suspenso na terra e abrigado no céu. Mesmo que os homens de hoje inventem os mais fantásticos foguetes e robôs de exploração espacial, jamais seus braços darão conta de cobrir o horizonte onde se guarda o ser, já que tudo aquilo que é torna-se amplidão no levantar de olhos entre o céu e a terra.” (LIMA E SILVA, 2004, p. 4)

traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar” (HEIDEGGER, 2001, p. 169).

Uma anunciação dos deuses naquilo que o humano, sente em sua *mundaneidade*. “O habitar poético sobrevoa fantasticamente o real. O poeta faz face a esse temor e diz, com propriedade, que o habitar poético é o habitar “esta terra” (HEIDEGGER, 2001, p. 169). O ser como o *aí*, lançado, tem a necessidade de habitar. Por sua vez, o ser-o-aí habita a linguagem. Portanto o ser lançado no mundo é, por sua vez, portador de poesia e a sua *de-mora* nesta terra é a expressão do cuidado de si e do mundo. Pois,

Quanto mais poético um poeta, mais livre, ou seja, mais aberto e preparado para acolher o inesperado é o seu dizer: com maior pureza ele entrega o que diz ao parecer daquele que o escuta com dedicação, e maior a distância que separa o seu dizer da simples proposição, está sobre a qual tanto se debate, seja no tocante à sua adequação ou à sua inadequação. (HEIDEGGER, 2001, p. 168).

Esta poesia é a sua própria escuta no mundo. É escutar-se no mundo. O seu voltar-se é como um retorno a si, em sua voz fundamental, o retorno à linguagem. O homem cuida do crescimento das coisas da terra e colhe o que ali cresce. Cuidar e colher (*colere, cultura*) é um modo de construir. Ao se debruçar sobre os poemas de Hölderlin, Heidegger recomenda, na obra “Hinos de Hölderlin”,

Se nos debruçamos sobre Hölderlin numa lição, continua a ser inevitável falarmos deste poeta e da sua poesia. Simplesmente, <*falamos sobre*> poesia só pode ser nefasto, visto que, em caso de necessidade, um poema já diz por si só o que tem de dizer. Dissecá-lo, afinal, só perturba, o <*prazer estético*>. (HEIDEGGER, 2004, p.12)

Estar na presença de Hölderlin sempre é um *risco*. Os poemas de Hölderlin são uma anunciação daquele tempo que o homem haveria esquecido. O habitar entre Hölderlin e Heidegger é uma aventura poética-filosófica sempre a ser experimentada como uma re-velação do ser-aí como feitura de si mesmo no mundo.

“O homem constrói não apenas o que se desdobra a partir de si mesmo num crescimento. Ele também constrói no sentido de edificare,

*edificando* o que não pode surgir e manter-se mediante um crescimento.” (HEIDEGGER, 2001, p.168) O retorno àquilo que sempre esteve frente ao ser, como diz Lima e Silva, sobre a guarda do ser, “A autêntica poesia dá guarda ao ser. Sua palavra não é mero designar de coisas, nem um nome para significar algo, ou ainda, uma proposição que distingue o verdadeiro do falso.” (LIMA E SILVA, 2004, p. 09).

A linguagem convoca o ser para habitar este mundo poeticamente. De fato, para este acontecimento apropriativo<sup>24</sup> é necessário que haja vista para o céu. Para Heidegger o acontecimento apropriativo é a convocação do ser lançado enquanto facticidade. Todavia, o apelo acena, e o ente compreende esse aceno e vai apropriar-se dele de forma prática, em atuação. Neste caso, o exercício proporcionado pela linguagem é que o ser pratique cada vez mais o poético enquanto busca pelo brilho do sol, tocando assim o vagalume dos vestígios sagrados dos deuses. Isso vai se dar como acontecimento, que é o *Ereignis*, acontecimento fático, evento histórico, que tem o poder de findar uma época e iniciar outra, levantando os olhos, “levantar dos olhos para o céu”<sup>25</sup>. Pois assim, “Nessa demora, o homem levanta os olhos para o céu e, ao levantar os olhos, toma a medida: a medida do que desconhece. No ordinário das palavras, a poesia revela o extraordinário suspenso na terra e abrigado no céu.” (LIMA E SILVA, 2004, p. 4).

O ditar poético é o desdobramento perfeito daquilo que ainda não foi tocado pela racionalidade.

---

<sup>24</sup> Sobre o acontecimento apropriativo em Martin Heidegger é “a sobreapropriação do homem na essência, que tem de preservar, perder, inquirir e fundar a verdade do seer (o adensamento histórico do homem). Assim como o homem é apropriado em meio ao acontecimento pela verdade, ele pode respectivamente se conter e se contém. A conservação da guarda e proteção do acontecimento apropriativo. A *cautela* da vigília e a atenção dos guardiões provêm da nobreza e da pobreza do homem da história do seer. Obediência como consequência, que se segue à transversão - à despedida em meio ao acaso. A cautela atenciosa da experiência do acontecimento apropriativo que é a dor da exportação resolutora do acaso da diferença e da despedida do início.” (HEIDEGGER, 2013, p. 190).

<sup>25</sup> Nesta expressão “Levantar os olhos” em Heidegger é possível observar a “medida” em que o homem habita esta terra. Ele está abaixo do céu, ou seja, os mortais necessitam e evocam o retorno dos deuses enquanto aqueles que habitam sobre a quadratura. “Mas justo nesse esforço e por esse esforço concede-se ao homem levantar os olhos para os celestiais. Não obstante esse levantar os olhos percorra toda direção acima do céu, permanece no abaixo da terra.” (HEIDEGGER, 2001, p. 172)

O ditar poético é anterior a toda e qualquer produção de coisas no mundo, porque nele se revela o autêntico habitar dos mortais, que falam à medida que respondem ao chamado da linguagem e se mantêm à escuta do ser, nomeando e fazendo coisas. O falar e o ouvir dizem o modo originário de habitar dos homens. Na origem, o essencial se demora na palavra dos mortais e guarda o mistério entre as coisas e o mundo, entre o céu e a terra. O mistério se faz na escutam que espera o inesperado da palavra. O que vem primeiramente à palavra, de tal modo que evoca deuses e aproxima os mortais entre si, é o canto. O canto se deixa cantar. (LIMA E SILVA, 2004, p. 11)

A poesia sempre será velamento e desvelamento, naquilo compreendido como mistério, apenas aberto como aparecimento. Habitar um corpo poeticamente é, sobretudo, estar disposto à escuta. Ao desvelar aquilo que edificado pela razão preocupa-se em buscar compreensão e respostas, necessita escuta e aprimoramento para se *de-morar* no mundo.

Inspirado pela beleza das coisas do mundo, ou também ancorado na tragédia da existência, este mesmo ser vibra aquilo que seu lado misterioso abraça, seja racionalmente ou poeticamente, o ser-o-aí está para o habitar, este segue rumo ao chamamento da linguagem. Mesmo que no descompasso daquilo advindo da arte, o infinito-imortal apresenta-se em forma de palavra, porque “Ao nomear, a palavra da autêntica poesia evoca mortais e imortais. Ao medir, aproxima a distância entre o céu e a terra. Mortais e imortais, céu e terra” (LIMA E SILVA, 2004, p. 07).

A medida da poesia está entre o céu e a terra. No levantar dos olhos para o céu. Dentro da perspectiva filosófica, a poesia é observada a partir da análise. O próprio conceito de poesia é escasso, em relação à sua magnitude de sentidos e elucubrações. O filósofo tenta decifrar este fenômeno, com faculdades racionais. Mas segundo Hölderlin, a própria poesia é uma expressão da manifestação do sagrado, a canção para os deuses. O poeta é o guardião das palavras sagradas dos imortais e porta voz das ojerizas mortais e profanas da passagem por este mundo. O poeta, no seu poema “Na unsre grossen dichter” que em português, na tradução de José Paulo Paes, ficou “Aos nossos grandes poetas”, ilustra de modo vigoroso como o próprio poeta elabora seu cantar a aquilo que cantam os deuses.

As margens do Ganges ouviram o triunfo  
Do deus da alegria, o jovem Baco, quando  
A tudo conquistando veio desde o Indo  
Com o vinho sagrado despertar os povos.

Despertaí, poetas, despertaí os que ainda  
Estão dormindo, dai-nos leis, dai-nos vida.  
Triunfai, heróis, vós que como Baco sois  
Os únicos com direito de conquista.  
(HÖLDERLIN, 1991, p. 95).

Do modo com que a poesia é proferida, ou cantada, é o poeta quem escuta as vozes dos deuses. A sua linguagem é fundada para sobrevoar entre o céu e a terra. O cântico de Hölderlin é um chamamento para aqueles que ainda não ouviram, no sentido de escuta do mundo. Escutar o eco da “noite do mundo”. Mas é o poeta que, com intimidade, canta o tempo, a vida e a natureza. A poesia é uma ofensa ao tempo do instantâneo. Uma ofensa ao tempo das coisas. A poesia canta sobre o tempo da quadratura, “O que diz genuinamente é o poema.” (HEIDEGGER, 2011, p. 12).

O poeta ouve além do tempo. É valiosa a pausa meditativa que há na palavra poética, visto que Heidegger observou a partir de suas análises a *pre-sença* de outro tempo nas poesias de Hölderlin. Um outro tempo, que pudesse estar relacionado à meditação, de forma que, ao passo que a linguagem da poesia soa nos ouvidos dos seres, o que é captado pelos sentidos fica como algo que já passou, ou está aparecendo como algo vertiginoso. O tempo da poesia é um outro tempo fora do tempo do “agora”, pois é o tempo da linguagem, segundo Heidegger.

No dito, a fala se resguarda. No dito, a fala recolhe e reúne tanto os modos em que ela perdura como o que pela fala perdura- seu perdurar, sem vigorar, sua essência. Contudo, na maior parte das vezes e com frequência, o dito nos vem ao encontro como uma fala que passou. (HEIDEGGER, 2011, p. 12).

Martin Heidegger leu nas poesias de Hölderlin (e Rilke, tal como referimos em nota anterior) a linguagem do mundo do tempo indigente. Viver em um mundo no tempo de indigência pressupõe a busca e o desejo de algo que cante o tempo da “noite do mundo”, por isso Heidegger afirma “Longo é o tempo indigente da noite do mundo. Terá que demorar muito até esta chegar ao seu meio próprio.” (HEIDEGGER, 2014, p. 311).

Porém, Hölderlin é o poeta que canta a indigência fundamental do homem. Heidegger, sobretudo, “escutou” os vestígios dos deuses foragidos através da poesia. A noite do mundo seria para Heidegger a materialização da falta de deus, da solidão, um tipo de indigência fundamental.

Na obra heideggeriana “A Caminho da linguagem” o filósofo busca escutar a fala da linguagem. De modo que a busca dá-se pela atenção a esta como “escuta”. O poema é uma fala que vem de outra ordem do mundo, uma fala que só adentra os ouvidos daqueles que na escuta se *de-moram* no tempo da linguagem. A dimensão da construção do habitar poético está na escuta da linguagem. O apelo da linguagem para Heidegger dá-se através do chamamento ou do apelo da própria linguagem para o ser. E esta poesia, por sua vez, encontra-se na construção desta habitação entre o céu e a terra. Entre a fala e a escuta, pois assim sendo, “É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim, o traz para um habitar”. (HEIDEGGER, 2001, p. 169).

No decorrer desta construção em Martin Heidegger influenciada por Hölderlin, é possível observar que a poesia se *de-mora* sobre a terra, de modo que estapira entre a terra e o céu, a partir da fala e escuta do mundo. Esta *de-mora* é o que antecede e acompanha quem mora. É o ir em direção à linguagem.

A palavra da poesia é o canto das experiências, e antes ainda, o canto à experiência fundamental de ser e estar-se no mundo. O canto aproxima os mortais sob a mesma amplidão do céu, enquanto se demoram na terra. Esta aproximação do canto nomeia o ente pela primeira vez, ao deixá-lo vir a ser ente enquanto ente. (LIMA E SILVA, 2004, p. 9)

A poesia é de forma fundamental aquilo que, chamado de linguagem, origina a fala e a escuta do mundo e *re-vela* o ente. Desnudando outra forma de história do ser, aqui, pensa-se como possibilidade a filosofia como via de encontro para a poesia e vice-versa. Desta maneira,

A própria linguagem é *poiesis*<sup>26</sup> em sentido essencial. Mas porque a linguagem é aquele

---

<sup>26</sup> O sentido heideggeriano de *poiesis* aqui, é compreendido como aquilo inaugural que advém da linguagem. A *poiesis* é a fala inaugural do

acontecimento no qual, a cada vez, o sendo como sendo se abre pela primeira vez para o ser humano, por isso é a poesia, a *poiesis* em sentido mais restrito, a mais originária *poiesis*, ou seja, porque é a poesia primordial, mas a poesia apropria-se na linguagem, porque esta conserva a essência originária da *poiesis*. (HEIDEGGER, 2010, p. 189)

A construção sinalizada poeticamente por Heidegger vem dizer que dentre todas as construções realizadas pelo ser, existe uma que diz e que dita o ser poeticamente. Possuir esta escuta fundamental é aproximar-se da guarda que vela e *re-vela* o ser. Dentro das perspectivas apresentadas até agora nesta pesquisa, fala-se de um filósofo implicado no mistério da poesia ao passo que há também, um poeta que pensou um habitar “poeticamente”. Drucker pontua o atravessamento da arte de Hölderlin nas obras de Heidegger “Parece-me inquestionável que, se ele escreveu uma filosofia da arte, ela se encontra nas suas interpretações de Hölderlin, que compõem a maioria dos textos dedicados às artes” (DRUCKER, 2015, p. 186).

Nas palavras de Heidegger, “O meu pensamento está ligado inevitavelmente à poesia de Hölderlin. Não considero Hölderlin um poeta qualquer, cuja obra foi tematizada, como muitas outras, pelos historiadores da literatura. Hölderlin é, para mim, o poeta que indica o futuro, que aguarda o deus” (HEIDEGGER *apud* DRUCKER, 2015, p. 187). Através de toda a compreensão exposta até agora, é sabido que, além de ter desenvolvido uma filosofia, Martin Heidegger fundou uma Filosofia da “arte” inspirada na hermenêutica ontológica que ao passo que se desdobrava através do fenômeno poético, fez surgir nas suas entrelinhas as sombras e claridades da poesia de Hölderlin no seu pensamento nos escritos para a filosofia.

Hölderlin seria para Heidegger um poeta que traria anúncios de uma presença nunca encontrada pelo filósofo em nenhuma outra literatura. Os cânticos de Hölderlin anunciavam o futuro na *quadratura* dos deuses nas suas poesias que cantavam a infância; o amor; a natureza;

---

desvelamento do sendo. “A respectiva linguagem é o acontecimento daquele narrar inaugural no qual historicamente surge para um povo seu Mundo e a Terra se guarda como a fechada. O narrar inaugurante que projeta é aquele que, na preparação do narrável inaugurante, traz ao mesmo tempo ao Mundo o não-narrável inaugurante enquanto tal. Em tal narrar inaugural se cunham, previamente, para um povo histórico as noções de sua essência, isto é, de seu pertencimento à história do mundo.” (HEIDEGGER, 2010, p. 189)

o tempo; o Éter; a vida e a morte. Na poesia “Na den Aether” traduzida para o português “Ao ÉTER”:

Ninguém, entre os homens e os deus, foi-me tão fiel  
 E bom como o foste, Pai Éter; antes já que minha mãe  
 Me tomasse nos braços para aleitar-me em seu seio,  
 Tu me enlaçaste com meiguice e me verteste no peito  
 Infante a poção do céu e no ouvido o sacro sopro teu.

Não é só de alimento terrestre que vivem os seres  
 Mas és tu que os nutres a todos com teu néctar,  
 Pai!  
 De tua fonte sempiterna corre e flui por todos  
 Os condutos da vida teu ar vivificante.  
 Por isso os seres te amam e forcejam para o alto,  
 Buscando-te o tempo todo em ditoso crescimento.

Celeste! Não te procura a planta com seus olhos,  
 E o arbusto rasteiro não te estende os braços tímidos?  
 Para encontrar-te é que a semente reclusa rompe a casca;  
 Por ti vivificada, e para banhar-se em tuas vagas,  
 É que o bosque sacode de si, roupa excessiva, a neve.  
 Os peixes também sobre à tona e saltam anelantes  
 Amiúde ganham asas quando a ânsia impetuosa,  
 O secreto amor por ti, os impele para cima.

O soberbo corcel desdenha o chão; aço em arco,  
 busca  
 Com o pescoço as alturas, mal toca a areia com os cascos.  
 Como a brincar, o pé de gamo roça o talo da relva  
 E transpõe, zéfiro, o riacho a espumear impetuoso,  
 Saltando-o uma e outra vez, visível a custo entre os arbustos.  
 Mas os favoritos do Éter, os pássaros ditosos,  
 Vivem e brincam no sempiterno pórtico do Pai!



Há lugar para todos. De nenhum a senda está  
 marcada.  
 Pequenos e grandes se movem livres pela casa.  
 Alegra-me tê-los sobre a cabeça, e o coração,  
 Num prodigioso anseio, voa até eles; pátria  
 amável,  
 O Éter me chama lá do alto, e aos cimos dos  
 Alpes  
 Eu quisera subir para gritar à águia apressada  
 Que, como outrora o menino eleito aos braços de  
 Zeus,  
 Me levasse do cativo ao pórtico celeste.

Néscios, vagamos de um para outro lado; com a  
 vide  
 Errante que, sem esteio, cresce no rumo do céu,  
 Alastramos pelas zonas da Terra, Oh meu Pai  
 Éter!  
 Anseios morar no teu jardim conosco vão.  
 Às ondas do mar nós nos lançamos, em planícies  
 mais livres  
 Fartamo-nos, e brinca a infinda vaga com a nossa  
 quilha  
 E se alegra o coração com o poder do deus do  
 mar.  
 Mas isso não basta, oceano mais fundo nos seduz,  
 Onde a vaga se move mais ligeira – Oh! Quem  
 pudesse  
 Às costas de ouro impedir o nosso barco errante!

Mas enquanto anseio por essas lonjuras  
 esfumadas,  
 Onde tua vaga azul envolve as praias ignotas,  
 Múrmuro, do alto das árvores floridas do pomar,  
 Vens tu mesmo, Pai Éter, aplacar-me o coração,  
 E, propenso como outrora, vivo entre as flores da  
 Terra.  
 (HÖLDERLIN, 1991, p. 64-65).

Fazer a escuta desta poesia é um exercício para a alma. Um trabalho de escuta que busca um tempo outro, a convite da poesia. Um trabalho direcionado a testar o nível das sensibilidades. Esta poesia de Hölderlin ressoa o que não parece estar no presente. Este poema é um salto rumo ao mistério. Um salto ao que sobrevive entre o céu e a terra e

pertence à escuta. É como um diálogo com o mistério que paira no mundo do sagrado “A poesia tem um papel originário, porque fala do ser-aí como constituidor de mundo.” (DRUCKER, 2015, p. 192)

Decifrar um poema é desnudá-lo do sentido próprio dele mesmo. A poesia é possuidora daquilo que constitui o ser-aí de sentidos. O poema precisa ser sentido, como se tocasse a pele do ser-aí, ao passo que toca os sentidos no seu tão vasto dicionário. A mensagem de Hölderlin é um prelúdio dos deuses próximos entre o céu e terra. Embora neste poema note-se o traço cristão de Hölderlin, ademais o chamamento pelo sentido do ser e pelo cuidado. Neste parágrafo,

Néscios, vagamos de um para outro lado; com a vide  
 Errante que, sem esteio, cresce no rumo do céu,  
 Alastramos pelas zonas da Terra, Oh meu Pai  
 Éter!  
 Anseios morar no teu jardim conosco vão.  
 Às ondas do mar nós nos lançamos, em planícies  
 mais livres  
 Fartamo-nos, e brinca a infinda vaga com a nossa  
 quilha  
 E se alegra o coração com o poder do deus do  
 mar.  
 Mas isso não basta, oceano mais fundo nos seduz,  
 Onde a vaga se move mais ligeira – Oh! Quem  
 pudesse  
 Às costas de ouro impedir o nosso barco errante!  
 (HÖLDERLIN, 1991, p. 64-65).

Heidegger esteve à frente de Hölderlin por um século de diferença. Mas como tal poesia esteve tão presente sendo um cântico do passado? Foi no passado que Heidegger buscou Hölderlin, com seus cânticos presentes e para o futuro. Como um retorno no além tempo, uma travessia rumo ao encontro com os vestígios dos deuses foragidos. Nisto, também, a poesia vela e re-vela um tempo sobre o outro, que se inicia e finda em devir. É como um ver além do mundo, no tempo meditativo e que repousa a consciência do sagrado. Como uma abertura para a transcendência do ser-aí,

Há uma relação entre o que se chama “abertura” em Ser e Tempo, “transcendência” em “O que é metafísica?” e o que se chama “exposição” Agora. Estes termos se igualam, na medida em que devem

ser tomados ontologicamente e não apenas onticamente. Em virtude deles é que o ser-aí adora esta ou aquela interpretação do ente em sua totalidade. Foi preciso dizê-lo para dar sentido ao que Heidegger chama “fundação do ser pela poesia”. Nas preleções “Os Hinos de Hölderlin”, “Germânia” e “O Reno” afirma-se: “A poesia funda o ser (seyn). A poesia é a língua originária de um povo. Nessa língua acontece a exposição ao ente que desse modo se franqueia. O homem é histórico como consumação dessa exposição.”. Dois anos mais tarde, em “Hölderlin e a essência da poesia”, Heidegger repete: “a poesia, considerada do ponto de vista da sua essência, é nada mais, nada menos, que a “fundação do ser pela palavra””. (DRUCKER, 2015, p. 193).

O ser funda-se pela palavra. A partir do ponto de vista que o ser-aí está “aberto”, “exposto” ou “suspenso no nada” é a palavra do poeta que canta o fundamento sem fundo do abismo do mundo. Hölderlin representaria o *trans-passar* de uma era a outra, a partir daquilo que ele mostrou dele mesmo como obra poética reflexiva para a filosofia de Heidegger. Cláudia Drucker explicita “É hora de perguntar novamente o que faz de Hölderlin um poeta-pensador, mais que um pensador-poeta, e como, a partir dessa condição, devemos entender o seu papel de anunciador do deus vindouro.” (DRUCKER, 2015, p. 187)

Ao que concerne ao sensível, pode-se interpelar-se que é a partir do reconhecimento do estranho que nota-se, a partir do sensível, o ser-aí. A fala poética transpassa o ser-do-ente.

O homem irrompe no seio do ente, ele quebra a sua uniformidade. O homem, na sua autocompreensão poética, é o reflexo do estranho, porque não forma uma unidade com ele. Sendo um ente estranho a todos os entes, encontra o seu caminho de forma “não-natural” mediante a linguagem e história: eis o discurso originário e fundador do poema de Sófocles. (DRUCKER, 2015, p. 193).

A poesia é uma abertura para o ser-aí constituído pelo estranho. A poesia é o intermédio para que o poeta escute a mensagem de onde estão os deuses.

Do ponto de vista do ser-aí “aberto”, “exposto” ou “suspenso no nada”, tudo o que é fenomenicamente sólido e permanente recebeu a sua permanência de algo diferente de si mesmo. O sentido heideggeriano de fundamento é tal que inverte o habitual, pois ele, do ponto de vista do fundado, sempre carece da solidez exigida de um fundamento. Assim, a fundação poética do ser significa, em primeiro lugar, a inversão da atitude cotidiana e a subsequente mudança de sentido da fundação. Algo tão frágil quanto a palavra pode ser inaugural e decisivo, no sentido em que enuncia o que move o ser-aí a criar algo permanente (história, cultura). (DRUCKER, 2015, p. 194)

A poesia é considerada como aquilo que, aproximando o humano para a construção do seu habitar, proporciona uma habitação poética no mundo do tempo indigente. É a possibilidade, naquilo que, aberto, traz à voz o sagrado e o cuidado de si e do mundo pois o ser é um ser-para-o-mundo e ser-para-a-morte.

Sempre e a cada vez que a poesia é pronunciada, algo é inaugurado na instância da linguagem. Trazer a vivência da poesia para o diálogo formativo é voltar àquilo que está constantemente disposto à fala, a *demorar-se* na escuta do ser. Educando-se para a escuta, a fala estará guardada para o cuidado e o ser res-guardado pela palavra. “Pensar e poetar são duas modalidades de dispor o pensamento a serviço da linguagem, duas maneiras de habitar po(i)eticamente a linguagem” (GIACOIA JR, 2013, p. 46). Heidegger traz como traço em sua filosofia a pausa poética para uma escuta atenta, que com delicadeza convida o ser a tempo de habitar poeticamente este mundo. Porque,

A poesia de um poeta está sempre impronunciada. Nenhum poema isolado e nem mesmo o conjunto de seus poemas diz tudo. Cada poema fala, no entanto, a partir da totalidade dessa única poesia, dizendo-a sempre a cada vez. Do lugar da poesia emerge a onda que a cada vez movimenta o dizer como uma saga poética. Longe de abandonar o lugar da poesia, a onda emerge permite que toda a movimentação do dizer seja reconduzida para a origem sempre mais velada. (HEIDEGGER, 2011, p. 28).

A letra da poesia vem para a escrita como um lampejo interestelar entre o silêncio e o grito. A pausa e o comando. Há na poesia o não-dito e logo o inatingível pela razão. O mistério. A poesia não pode ser traduzida porque ela vem de uma escuta desse mistério. Aquilo que é pronunciado na poesia é resguardado entre céu e terra, deuses e mortais.

## 2.2. “...POETICAMENTE O HOMEM HABITA...” A LINGUAGEM – CONSTRUÇÃO E CRISE SOBRE O HABITAR

Ao que concerne ao segundo Heidegger<sup>27</sup> (NUNES, 2016), ou ao Heidegger tardio, o pensador da Floresta Negra, foi aquele que buscou o cântico dos poetas, o acesso à linguagem, aos deuses foragidos, através do debruçar-se sobre as questões do mar profundo do ser enquanto “linguagem”. Benedito Nunes, na sua obra “Heidegger”, situa os processos que foram importantes para compreender as grandes facetas heideggerianas. Então,

Antes que se iniciasse, em 1978, a publicação das Obras Completas (Gesamtausgabe) de Heidegger, era costume dividir o pensamento do filósofo em duas etapas: a primeira de 1927 – data da publicação de *Ser e tempo* – a 1946, data da carta Sobre o Humanismo, endereçada a Jean Beaufret -, e a segunda de 1946 a 1976, ano da morte do filósofo. Preenchida a primeira Ontologia fundamental delineada em *Ser e tempo* e especificada nos ensaios e conferências publicados até 1935, que desse período eram os únicos escritos conhecidos, a segunda consubstanciava, em trabalhos das décadas de 1950 e 1960 principalmente, distinta posição, que o próprio autor reputou naquela carta ser uma reviravolta filosófica. A maioria dos intérpretes, diante do vazio bibliográfico que parecia existir entre 1927 e 1946, passou a atribuir uma inclassificável concepção sobre o ser, entre mística e poética. (NUNES, 2016, p. 17).

---

<sup>27</sup> Benedito Nunes explica a transição entre o primeiro Heidegger e o segundo, evidenciando seus passos e as obras que representaram tais saltos. (NUNES, 2016, p. 17)

Para os rumos desta pesquisa, os termos ‘mística’ e ‘poética’, habitados nesta dimensão em Heidegger, consolidam e proporcionam um desmembramento daquilo que pode ser compreendido a partir da relação Heidegger e Hölderlin em “...poeticamente o homem habita...”. A Ontologia fundamental de Heidegger faz uma distinção entre os homens dos entes pela via da compreensão do ser que constitui a sua conduta, a partir da facticidade. Ou seja, aquilo que atravessa o ser enquanto mortal na terra. Continuando com Nunes,

A Ontologia fundamental distingue o homem dos outros entes pela compreensão do ser que constitui a sua conduta, a partir da situação fáctica em que se encontra. Situação fáctica designa a iniludível carga afetiva pela qual, nunca indiferente, sempre sentindo deste ou daquele modo, o homem, independentemente de qualquer pressuposto extrínseco na maneira de concebê-lo- dotado de natureza racional ou criado à imagem e semelhança de Deus-, existe imerso no meio do ente. Sob esse aspecto constitutivo da conduta humana, o imergir, que nos põe em relação com entes de outra espécie- tais como coisas manejáveis (úteis), à nossa disposição, e coisas-à-vista, diante de nós, intermediadas pelas anteriores, e sob as quais se molda o conceito de ser natural-, tem a sua contraparte no projetar, que nos permite transcender os entes na direção do mundo. (NUNES, 2016, p. 17)

É no campo da sua Ontologia que Heidegger cultiva a mística da poesia enquanto forma de estar no mundo. O lugar onde a linguagem mostra-se para os mortais como aquela que faz um apelo para o retorno ao hino de Hölderlin “poeticamente o homem habita esta terra”. Os poetas cantam o silêncio da noite do mundo, aquilo que, dito no silêncio, a linguagem faz mostrar-se como inaugural a partir do abandono dos deuses. Então,

A poesia efetua esse retorno sempre renovado. E o poeta é aquele que perfura os mananciais, tomando os vocábulos como como palavras dizentes. Seu caminho não vai além das palavras; ele caminha entre elas, de uma a outra, escutando-as e fazendo-as falar. O retorno se opera no intervalo do silêncio,

que vai de palavra a palavra, quando o poeta nomeia no discurso dizente. É a *nomeação* que leva uma coisa a ser coisa. Palavras e coisas nascem juntas. Para retomarmos a trilha de Hölderlin e a essência da poesia, é nomeando que a poesia funda, “pela palavra e na palavra”, o que permanece. (NUNES, 2012, p. 254)

Por isso, Hölderlin o poeta da noite do mundo, buscava a luz dos vestígios dos deuses foragidos. Para trazer para a palavra o retorno daquilo que permanece enquanto sagrado advindo dos deuses para o mundo dos mortais. Assim,

nenhuma coisa existe onde a palavra falta, diz um verso de Stefan George comentado por Heidegger. Onde a palavra falta, não há desvelamento. Mas o poeta, que renuncia ao ente estabilizado, também não se engolfa no mistério. Só o dizer manifesta o que se desvela, o que chega a ser na unidade coligente da nominação. (NUNES, 2012, p. 254)

O ser que retorna ao chamado da linguagem habita poeticamente entre céu, terra, mortais e imortais. A palavra é em si mesma enquanto linguagem, desvelamento e velamento, daquilo que é para o homem enquanto mistério, acesso ao sagrado. Os mortais habitam esta terra sob os olhares dos deuses foragidos. Por isso, é na linguagem que poeticamente o homem habita. Através do recolhimento e sujeitamento ao risco o ser-no-mundo é lançado para fora, como aquilo que lançado para a terra, encontra-se desafiado a desvelar-se.

Na função mediadora do poeta, apenas se revela o espaço de abertura onde o homem se encontra. O que de excepcional tem a lida não-preocupante daquele é manter-se no círculo semi-iluminado da *clareira*, ceder, no torvelinho da queda cotidiana, à decadência da linguagem, ainda que ocupado pelo tráfego da gente. Inconsequente, o ofício do poeta, ociosa lida, “sob a forma discreta do jogo” suspende a segurança família, e, sem domínio sobre coisa alguma, é exercido na fimbria do incontornável- fora do ordinário e também da ordem, no abandono do Dasein em sua ex-posição ao ente, atento a existência “como lugar do ser”, onde sucede “o próprio acontecer do estranho. Ao

fundar aquilo que permanece, a poesia revela a essência humana- a concreta finitude do homem como ser-no-mundo. Nela o homem “recolhe-se no fundo de seu *Dasein*. Nesse recolhimento, que o sujeita ao risco do estranho, e que descerra o âmbito do desvelamento, tal como a maré vazante descerra a praia, a palavra poética dimensiona o mundo e o próprio homem. (NUNES, 2012, p. 255)

Agora, Giacoia Jr, refere-se a questão da linguagem como morada do ser enquanto âmbito onde este mesmo habita. Ou seja, onde o homem poetiza com suas palavras o estranho e o mistério: “Com Heidegger, a linguagem filosófica é explorada nos limites extremos de suas possibilidades e de seus recursos expressivos. Para ele, a linguagem é tanto a “morada do Ser” quanto o âmbito em que o homem habita o mundo.” (GIACOIA JR, 2013, p. 44)

Para Heidegger “o ser não constitui uma consciência separada do mundo: o ser-aí é “estourar”, “eclodir” no mundo. Nesse sentido, a existência do *Dasein* é, necessariamente, estar-no-mundo”. (MENDES, 2009, p. 196)

O *Dasein*, aqui, compreendido como um conceito importante para sustentar toda estrutura dissertativa rumo ao habitar poético é compreendido por Giacoia Jr como,

Como *Dasein*, o homem é essa abertura (o homem é, essencialmente, também esse aí), uma ex-tase: um estar fora de si, junto ao Ser. Se a antologia geral concede privilégio teórico à essência em relação à existência, Heidegger, ao contrário, pensa o *Dasein* como ente cuja ex-sistência é ontologicamente fundamental, ou seja, é constitutiva da essência: uma existência contingente, temporal, mundana, finita, cujo sentido é *ser-para-a-morte*. (GIACOIA JR, 2013, p.63)

O *ser-aí* é aquele que, disposto ao aberto, produz construções para habitar com segurança e paz esta terra. Este que desvela com luz as trevas da vivência no tempo da “noite no mundo” Então, “Produzir é, etimologicamente, *producere*: conduzir diante de, trazer à frente – como *téchne* (técnica), em sua significação originária, está ligada à *poiésis* (produzir, criar), pois é também uma modalidade de desocultar, trazer à luz, revelar.” (GIACOIA JR, 2013, p. 73)



Aquilo que como desocultamento aparece diante dos mortais vem dos vestígios dos deuses foragidos. O dia que raiou; a noite que chega e não tarda. As estrelas no céu anunciam a imensidão do universo em todo céu. Mesmo o que é visto pelo olhar humano, vê sobre parcialidades, aquilo que na imensidão habita entre os deuses. O poeta que canta o desvelamento, canta também o mistério existente, enquanto aquilo que habita o labirinto do homem e das coisas. O sentido do cantar do poeta é tocar os vestígios dos deuses. Heidegger citando o aforismo 9 (III, 246 s.) do poema de Hölderlin “A maior parte das vezes, os poetas surgiram no início ou no fim de uma era do mundo. É cantando que os povos saem do céu da sua infância para a vida activa, para o país da cultura.” (HEIDEGGER, 2004, p. 28-29).

Este filósofo confrontou um sistema de conhecimento já solidificado até aquele momento no século XX, naquele começo de milênio onde o pensamento Ocidental ouviu o chamamento para a via filosofia heideggeriana que pulsava o retorno a “pergunta pelo sentido do ser”. De toda forma, “Portanto, levar a linguagem aos seus limites últimos constitui exigência de um pensamento em busca de articulação, uma experiência radical de recuperação pensante das autênticas e originárias precondições do *logos* filosófico.” (GIACOIA JR, 2013, p. 44) Como esclarece Mendes, sobre a proposta da filosofia de Heidegger,

Historicamente, diz Martin Heidegger, discípulo do fenomenólogo Edmund Husserl, que a metafísica se extraviou. Ela não atingiu a questão fundamental da filosofia: *a questão do sentido do ser*. Mas, a problemática é que, de Platão (427-347 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C) até Georg W Friedrich Hegel (1770-1831), a filosofia preocupou-se unicamente com os *entes*, isto é, com as coisas existentes; esqueceu-se do ser que foi entendido como permanência, congelado em sua realidade, confundido com os entes. Com isto, conclui Heidegger que não é mais possível fazer filosofia ao modo tradicional, a não ser apenas, para repetir o que os outros já disseram. E propõe: depois de *des-construir* toda a metafísica, pensar e dizer o impensado desse modo tradicional. (MENDES, 2009, p. 195)

Então, é sabido até aqui que Martin Heidegger vislumbrou, enquanto campo de possibilidade, pensar uma construção que

proporcionasse um habitar poético neste mundo. As tramas e dramas que circundam está habitação são da ordem de sua ontologia. Este habitar e sua condução ao ser construído, são afetados pelo tempo fatídico e implacável. Os temas da ontologia heideggeriana proporcionam para a filosofia tradicional um respiro, algo como um vir a ser poético para o ser-o-aí. Habitar poeticamente a linguagem é atender ao apelo da construção do caminho para o sentido do ser-no-mundo. Tal construção entre Heidegger e Hölderlin dinamizam outros olhares para a construção de um habitar para a formação humana. Pois, em tempos de devastação do tempo do ser, é preciso “levantar os olhos” para guardar-se perante os deuses e seus mistérios.

### 2.3. HABITAR E FORMAÇÃO HUMANA

Para dizer da tessitura sobre o habitar, é necessário considerar a crise habitacional a qual Heidegger se refere em grande parte quando direciona-se ao *esquecimento do ser*, este que segundo o filósofo foi responsável pelo devir histórico da Europa e pelas calamidades que se abateram sobre o mundo contemporâneo, de modo especial no que diz respeito ao habitar. Então, a partir disso, o que seria para Heidegger o habitar? E, em deslocamento, como estamos pensando a relação do habitar e a formação humana?

Na Conferência intitulada “Construir, habitar, pensar”, proferida por Heidegger no ano de 1951, diz o filósofo, preocupado com a questão do sentido do ser, mas agora, a partir da linguagem (*casa do ser*), que parece só ser possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como fim. (MENDES, 2009)

O habitar humano a partir deste olhar que constrói habitações foi conduzido meramente para a construção civil. Indução voltada ao desenvolvimento do concreto para as cidades. Uma revolução da técnica moderna para que humanos possam habitar fora de si mesmos, costura reversa para aquilo que Heidegger chamaria de “habitar”. Nem tudo aquilo que se constrói, habita-se. Então,

Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta. Mas nem todas as construções são habitações. Um ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são construções e não habitações; a estação ferroviária, a auto-estrada, a represa, o mercado são

construções sem limitar-se a uma habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Estas construções oferecem ao homem um abrigo. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência. Considerando-se a atual crise habitacional, possuir uma habitação é, sem dúvida, tranquilizador e satisfatório; prédios habitacionais oferecem residência. As habitações são hoje bem divididas, fáceis de se administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas. Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar? (HEIDEGGER, 2001, p. 125-126)

Para se compreender a extensão daquela construção para o “habitar-se”, vale ilustrar que Heidegger estava vivendo em uma época de muito revés, com as divisões da Alemanha com o muro que dividia Berlim, entre outros desdobramentos entre a França, a Inglaterra, e os Estados Unidos contra a União Soviética; a Guerra Fria entre socialistas e comunistas.

O “esquecimento do ser” estava latente no desenvolvimento desenfreado e na fabricação de armamentos. A concepção de construir para habitar enquanto “abrigo” é aquilo que pode ser considerado “estar a salvo do perigo” ou “estar abrigado do perigo”, que por via da escrita de Heidegger nesta Conferência pulsa latentemente em direção à crítica para um mundo que é um perigo. Abrigar-se do mundo. Para Mendes, a partir do habitar de Heidegger, é,

Habitar, a partir da escuta do dizer da linguagem, afirma: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. Na compreensão de Heidegger, o traço fundamental do habitar é esse resguardo, perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se, tão logo se propôs a pensar, que ser homem consiste em habitar, isto no sentido de um *de-mora-se* dos mortais sobre essa terra. E, “sobre essa terra já pertencendo à comunidade dos homens”. Terra e céu, os divinos e os mortais - uma quadratura - pertencente um ao outro numa unidade originária. (MENDES, 2009, p. 197)

Isto que tenta-se fazer com a linguagem como *sendo*, é a própria construção da morada, através da palavra. O “homem formador de mundo”, tal como Heidegger assevera é construtor e habitante de linguagem (HEIDEGGER, 2011, §42). O dizer daquilo que, tecido pelo cuidado, tenta-se habitar nesta habitação com segurança, não só no sentido de abrigo, mas de morada. Tecer como possibilidade o repouso numa escuta fundamental é, a partir do que é falado, uma preparação, sobretudo para a escuta originária. Então, “Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins.” (HEIDEGGER, 2001, p. 126) Ali, por sua vez também, reside o escutar, que advém do retorno daquilo que é falado, já que existe o movimento intenso entre o que é *re-velado* e *des-velado*. Ou seja, a pausa para a preparação desta escuta é necessário para o construir. Para Heidegger,

Construir já é em si mesmo habitar. Quem nos diz isso? Quem nos oferece de fato uma medida para dimensionarmos o vigor essencial do que seja habitar e construir? O acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem. Isso só acontece, porém, quando prestamos atenção ao vigor próprio da linguagem. Enquanto essa atenção não se dá, desenfream-se palavras, escritos, programas, numa avalanche sem fim. O homem se comporta como se ele fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo a senhora do homem. Talvez seja o modo de o homem lidar com esse assenhoreamento que impele o seu ser para a via da estranheza. É salutar o cuidado com o dizer. Mas esse cuidado é em vão se a linguagem continuar apenas a nos servir como um meio de expressão. Dentre todos os apelos que nos falam e que nós homens podemos a partir de nós mesmos contribuir para se deixar dizer, a linguagem é o mais elevado e sempre o primeiro. (HEIDEGGER, 2001, p. 126)

Então, o que seria para Heidegger “construir”, a partir de um habitar através da linguagem? Ele vai demonstrar a partir de um retorno à linguagem, que,

A palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, “buan”, significa habitar. Diz: permanecer, morar. O significado próprio do verbo

*bauen* (construir), a saber, habitar, perdeu-se. Um vestígio encontra-se resguardado ainda na palavra “Nachbar”, vizinho. O Nachbar (vizinho) é o “Nachgebur”, o “Nachgebauer”, aquele que habita a proximidade. O verbos *huri*, *Büren*, *beuren*, *beuron* significam todos eles o habitar, as estâncias e circunstâncias do habitar. Sem dúvida, a antiga palavra *buan* não diz apenas que construir é propriamente habitar, mas também nos acena como devemos pensar o habitar que aí se nomeia. Quando se fala em habitar, representa-se costumeiramente um comportamento que o homem cumpre e realiza em meio a vários outros modos de comportamento. Trabalhamos aqui e habitamos ali. Não habitamos simplesmente. (HEIDEGGER, 2001, p. 126-127)

Construir e habitar<sup>28</sup> não se dão de forma prática. A antiga palavra *buan* não limita-se ao dizer (sobre) em sentido de habitar, por sua vez engendra ainda mais significados agregadores. Esta antiga palavra media a voz de um tempo atravessado pela era das construções que manifestam-se massivamente, quando não engolidas, como cita Heidegger. As variações sobre o habitar ditam os vários sentidos do ser. De modo que,

Parece que esse acontecimento refere-se a uma transformação semântica ocorrida no mero âmbito das palavras. Na verdade, porém, aí se abriga algo muito decisivo: o fato de não mais se fazer a experiência de que habitar constitui o ser do homem, e de que não mais se pensa, em sentido pleno, que habitar é o traço fundamental do ser-homem. (HEIDEGGER, 2001, p.128)

---

<sup>28</sup> Para registrar as demais variações do demonstrativo para além da palavra *bauen* em sua forma originária. Martin Heidegger continua: “Construir significa originariamente habitar. Quando a palavra *bauen*, construir ainda fala de maneira originária diz, ao mesmo tempo, que *amplitude* alcança o vigor essencial do habitar. *Bauen*, *buan*, *bhu*, *beo* é na verdade, a mesma palavra alemã “bin”, eu sou nas conjugações *ich bin*, *du bist*, eu sou, tu és, nas formas imperativas *bis*, *sei*, *sê*, sede. O que diz então: Eu sou? A antiga palavra *bauen* (construir) a que pertence “bin”, “sou” responde: “*ich bin*”, “*du bist*” (eu sou, tu és) significa: eu habito, tu habitas. A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual *somos* homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar.” (HEIDEGGER, 2001, p. 127)

Compreender que a palavra *bauen* diz mais sobre a existência da forma como este homem habita esta terra, e mais além, como também, diz de como ele habita este mundo. Habitar enquanto: cuidado; proteção; morada. A antiga palavra *bauen* (construir) diz que o homem é à medida que *habita*. O homem esquece-se o quanto é habitação e morada de si mesmo. Habitação no sentido, de fugir do perigo. Resguardar-se. A medida que habita o homem é homem, também aquele, que constrói sua morada como ser que se de-mora nesta terra. Heidegger continua,

A palavra *bauen* (construir) porém, significa ao *mesmo tempo*: proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha. Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos. No sentido de proteger e cultura, construir não é o mesmo que produzir. A construção de navios, a construção de um templo, produzem, ao contrário, de certo modo a sua obra. Em oposição ao cultivo, construir diz edificar. Ambos os modos de construir – construir como cultivar, em latim, *colere, cultura*, e construir como edificar construções, *aedificare* – estão contidos no sentido próprio de *bauen*, isto é, no habitar. No sentido de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir permanece, para a experiência cotidiana do homem, aquilo que desde sempre é, como a linguagem diz de forma tão bela, “habitual” (HEIDEGGER, 2001, p.127-128)

A construção do habitar é o acontecimento daquilo que o homem chamará de morada. Ao trabalhar, cuidar da terra, plantando; aguardando aquilo que deve crescer com seu próprio tempo; este ser constrói sua morada de forma *de-morada*<sup>29</sup> sobre a terra que cuida. O respeito aos deuses, céu e terra é algo notado, nas palavras de serenidade de Martin Heidegger quando refere-se ao habitar.

---

<sup>29</sup> Para Heidegger a compreensão das palavras “*wuon*” e “*wunian*” em relação ao vigor dessas: “Mas em que consiste o vigor essencial do habitar? Escutemos mais uma vez o dizer da linguagem: a mesma maneira que a antiga palavra *bauen*, o antigo saxão “*wuon*”, o “gótico” “*wunian*” significam permanecer, “de-morar-se”. O gótico “*wunian*” diz, porém, com clareza ainda maior, como se dá a experiência desse permanecer. *Wunian* diz: ser e estar apaziguado, ser e permanecer em paz.” (HEIDEGGER, 2001, p. 129)

Isso esclarece porque acontece um construir por detrás dos múltiplos modos de habitar, por detrás das atividades de cultivo e edificação. Essas atividades acabam apropriando-se com exclusividade do termo *bauen* (construir) e com isso da própria coisa nele designada. O sentido próprio de construir, a saber, o habitar, cai no esquecimento. (HEIDEGGER, 2001, p. 128)

Na compreensão de Heidegger, o traço fundamental do habitar é esse resguardo, que perpassa o habitar em toda a sua amplitude, sendo o habitar igualmente cuidar do que se habita, ou ainda, habitar como cuidar, dar atenção e escuta. Mostra-se, tão logo se propôs a pensar, que ser homem consiste em habitar, isto no sentido de um *de-morar-se* dos mortais sobre essa terra. E, “*sobre a terra*” já diz “*sob o céu*”, o que supõe conjuntamente “permanecer diante dos deuses”, e isto “em pertencendo à comunidade dos homens”. (MENDES, 2009, p. 197)

O habitar esta terra em *de-mora* é a permanência no resguardo da paz, da morada que, construída com o cuidado, respeita a terra, e o tempo das coisas é esperado, sem pressa. “Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento resguarda cada coisa em sua essência.” (HEIDEGGER, 2001, p. 129). A forma como o ser habita este mundo diz daquilo que suas mãos constroem.

Voltando à relação de Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin, é na forma resguardada de Hölderlin enquanto morar na linguagem que Heidegger contempla um cenário possível para habitar poeticamente. “Os quatro: a terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um ao outro numa unidade *originária*.” (HEIDEGGER, 2001, p. 129)

A quadratura<sup>30</sup> citada na obra “Ensaio e Conferências” já citada acima, na conferência “Construir, habitar, pensar”, é onde Heidegger

---

<sup>30</sup> Sobre a quadratura ou quadridade, este termo, embora esteja citado acima nas Conferências de Heidegger na década de 50, em 1936 já era desenhado pelo filósofo em sua obra “A origem da obra de arte”, que delineava a compreensão sobre o enfrentamento dos mundos entre humanos e imortais, céu e terra. Uma tentativa de visualizar o humano enquanto circundado por um fluxo que não haveria como livrar-se.

deixa rastros de uma escrita delicada, pausada, com diretrizes daquilo que advindo da poesia, é habitado por ela, em paz e serenidade.<sup>31</sup>

O filósofo canta a natureza em conexão com o homem, de tal forma, que, acentua estas palavras: “A terra é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna. Dizendo terra, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro.” (HEIDEGGER, 2001, p. 129)

A poesia notada na escrita de Heidegger pode ser observada na sua sutileza com o trato com as palavras. Martin Heidegger cantou o tempo a tempo de experimentar o habitar poético. Nas palavras do filósofo, há uma sincronicidade pertencente à quadratura, que representa a harmonia em simplicidade e naturalidade. Pois,

O céu é o percurso em abóbadas do sol, o curso em transformações da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o rigor dos climas, rasgo de nuvens profundidade azul do éter. Dizendo céu, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro. Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio sagrado desses manifesta-se o Deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação. Se dermos nome aos deuses, já concluímos os outros três, mas não consideramos a simplicidade dos quatro. (HEIDEGGER, 2001, p. 129)

Para Heidegger, a relação daquilo que é pensado, para ser construído e depois habitado, é intrínseca. O filósofo traz a reflexão acerca de como deve ser projetado aquilo sobre o qual se deseja construir. O ser é direcionado pela linguagem para este desdobramento. Pensar a construção de um habitar é pensar o impacto daquilo para o mundo em que se vive. Os mortais vivem sob os olhares dos deuses. “Os mortais habitam à medida que aguardam os deuses como deuses.” (HEIDEGGER, 2001, p. 130)

---

<sup>31</sup> Não adentramos nesta questão nesta pesquisa, porém, cumpre dizer que, já no percurso demonstrado, Heidegger deixar mostrar pinceladas de sua atração com o Oriente e com a Filosofia Budista, especialmente com o “Tao”.



Nesta condução de Heidegger, o ser faz guarda do mundo em que vive. Vigilante dos processos naturais, não destrói aleatoriamente, segundo os seus desejos. Ou seja, vive integrando-se e sendo a própria quadratura no mundo. Deste modo,

Esperando, oferecem-lhes o inesperado. Aguardam o aceno de sua chegada sem deixar de reconhecer os sinais de suas errâncias. Não fazem de si mesmos deuses e não cultuam ídolos. No infortúnio, aguardam a fortuna então retraída. Os mortais habitam à medida que conduzem seu próprio vigor, sendo capazes da morte como morte, fazendo uso dessa capacidade com vistas a uma boa morte. Conduzir os mortais ao vigor essencial da morte não significa, de modo algum, ter por meta a morte, entendida como o nada vazio; também não significa ofuscar o habitar através de um olhar rígido e cegamente obcecado pelo fim. (HEIDEGGER, 2001, p. 130)

Martin Heidegger guia a sua filosofia por caminhos que mostram certo desejo de viver em alinhamento e harmonia com o mundo, como pode ser observado na relação com a quadratura, já referida. Ele também convida a quem está escutando-o repensar a sua forma de *estar/permanecer* neste mundo. O filósofo manuseia com maestria o dom da contemplação do mundo, que não estar distante do aprender a *de-morar* neste mundo e logo, a partir-se “bem” deste mundo com uma boa morte. Ou seja, é um processo que, em harmonia com a vida em seu devir, vai *sendo* adquirido mérito para a passagem. Como se pode pensar, então, a forma que, observada por Heidegger e Hölderlin, o mortal deve habitar esta terra? O próprio Heidegger responde.

Salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que acontece propriamente um habitar. Acontece enquanto um resguardo de quatro faces da quadratura. Resguardar diz: abrigar a quadratura em seu vigor de essência. O que se toma para abrigar deve ser velado. Onde, porém o habitar guarda a sua essência quando resguarda a quadratura? Como os mortais trazem à plenitude o habitar no sentido desse resguardar? Os mortais jamais o conseguiriam se habitar fosse tão-só uma

de-mora sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses, como os mortais. Habitar é bem mais um demorar-se junto às coisas. Enquanto resguardo, o habitar preserva a quadratura naquilo junto a que os mortais se demoram: nas coisas. (HEIDEGGER, 2001, p. 130-131)

Como a orientação heideggeriana é *de-morar-se* junto das coisas, Heidegger encaminha que habitar se dá “Quando os mortais protegem e cuidam das coisas em seu crescimento. Quando edificam de maneira própria coisas que não crescem. Cultivar e edificar significam em sentido estrito, construir. *Habitar* é construir desde que se preserve nas coisas a quadratura.” (HEIDEGGER, 2001, p. 131).

O que vem a ser a quadratura (*Geviert*) em Heidegger? A quadratura para Martin Heidegger é a integralidade de terra, céu, deuses e mortais. Uma articulação em unidade. Naquilo que pode ser compreendido como forma de habitar esta terra. Heidegger, no texto “Construir, habitar, pensar” compreende que,

Chamamos de *quadratura* essa simplicidade. Em *habitando*, os mortais *são* na quadratura. O traço fundamental do habitar é, porém, resguardar. Os mortais habitam resguardando a quadratura em sua essência. De maneira correspondente, o resguardo inerente ao habitar tem quatro faces. (HEIDEGGER, 2001, p. 130).

Acolher o céu e terra para Heidegger é como o “levantar dos olhos para o céu” de Hölderlin, os primeiros versos 24 e 26 de “Raiz de todo mal”. Hölderlin ressalta, “Deve um homem, no esforço mais sincero que é a vida/Levantar os olhos e dizer: assim quero ser também? Sim.” (HEIDEGGER, 2001, p. 171).

Vale destacar uma parte ainda maior deste poema de Hölderlin, o qual Heidegger evidencia muito para dizer a relação “habitar” e “quadratura” Então, dos versos 24 até o 38 lê-se:

Deve um homem, no esforço mais sincero que é a vida,  
Levantar os olhos e dizer: assim  
Quero ser também? Sim. Enquanto perdurar junto  
ao coração  
A amizade pura, o homem pode medir-se

Sem infelicidade com o divino. É deus desconhecido?  
 Ele aparece como o céu? Acredito mais  
 Que seja assim. É a medida dos homens.  
 Cheio de méritos, mas poeticamente  
 O homem habita esta terra. Mais puro, porém,  
 Do que a sombra da noite com as estrelas,  
 Se assim posso dizer, é  
 O homem, esse que se chama imagem do divino.  
 Existe sobre a terra uma medida? Não há nenhuma.”  
 (HEIDEGGER, 2001, p. 171).

Visto que desta maneira Heidegger nos orienta um repouso, uma *de-mora* sob a quadratura, compreende-se que é uma serenidade que habita entre a relação da quadratura. Ao passo que o habitar é um construir. Ou seja, O “habitar poeticamente esta terra” é em si, uma aliança entre o céu e a terra, mortais e imortais. Pois, como já foi visto, construir é habitar para Heidegger. Logo, “O habitar do homem repousa no fato da dimensão, a que pertencem tanto o céu como a terra, levantar a medida levantando os olhos.” (HEIDEGGER, 2001, p. 172).

Em comunicação com o discorrido acima, o texto “Geviert: o sagrado em Heidegger e a serenidade em Mestre Eckhart”, de José Carlos Marçal (2011) se faz necessário para “*desentranhar*” a essência do habitar poético neste contexto de quadratura.

Esse de-morar-se aloja a quadratura numa pertença originária: terra e céu, deuses e mortais se articulam numa unidade. O sentido que Heidegger extrai dos elementos da quadratura são de caráter poético e mítico e isso mesmo a partir de seu retorno aos pensadores gregos matinais e na visita demorada ao poeta Hölderlin. O solo poético em que o habitar é erigido surge quando Heidegger lança mão do poema “No azul sereno...” de Hölderlin e centra-se no verso “... poeticamente o homem habita”. A linguagem – e aqui mais especificamente a linguagem poética – permite o acesso à essência do habitar. Enquanto medida privilegiada, a poesia, para Heidegger, é a “[...] capacidade fundamental do modo humano de habitar”. A poesia, construindo a essência do habitar, desentranha, a partir de seu dizer, o traço fundamental dessa mesma essência. O homem

habita sobre a terra e sob o céu e isso perante os deuses e enquanto pertencentes à comunidade dos homens, os mortais. Assim, o que significam os elementos da quadratura no pensamento de Heidegger? O que nos diz terra, céu, deuses e mortais? (MARÇAL, 2011, p. 158-159)

À medida que o texto vai sendo finalizado, é notada ainda mais a preocupação de Heidegger com a condição em que está o mundo em que vive. “Os mortais habitam à medida que acolhem o céu como céu. Habitam quando permitem ao sol e à lua a sua peregrinação, às estrelas a sua via, às estações dos anos as suas bênçãos e seu rigor, sem fazer da noite dia e nem do dia uma agitação açulada.” (HEIDEGGER, 2001, p. 130)

Martin Heidegger faz o uso de uma ponte para ilustrar a sua reflexão a despeito da seguinte pergunta: “Em que medida construir pertence ao habitar?”. A ponte só é ponte quando ela proporciona o atravessamento (*travessia*) de uma margem a outra. Assim sendo,

A ponte pende “com leveza e força” sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraídas em cada margem. A ponte coloca uma vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte *reúne integrando* a terra como paisagem em torno do rio. A ponte conduz desse modo o rio pelos campos. (HEIDEGGER, 2001, p. 132)

O exemplo da ponte utilizado por Heidegger esclarece a integração entre uma construção e o todo integrado a ela. Mesmo a ponte *sendo* uma construção, oriunda de necessidades humanas, a ponte reúne em torno de si mesma vários sentidos de existências. “A seu modo, a ponte reúne integrando a terra e o céu, os divinos e os mortais junto a si”. (HEIDEGGER, 2001, p. 133) Então, “produzir tais coisas é construir. Sua essência consiste em corresponder à espécie dessas coisas. As coisas são lugares que propiciam espaços. Construir é edificar lugares. Por isso, construir é um fundar e articular espaços.” (HEIDEGGER, 2001, p. 137).

A importância desta preocupação acerca da habitação é tão atual como complexa. É necessário debater-se sobre o desenvolvimento urbano da cidade, as construções civis, a formação de cidadãos conectados com o respeito e a preservação da natureza; para que haja uma melhor vivência e permanência nesta terra. A ponte é uma coisa que, mesmo como coisa, conseguiu estar integrada ao todo. A integração entre céu, terra, deuses e mortais é o que faz possível a *de-mora* sobre esta terra, conforme observado pela *quadratura*, segundo Heidegger. “O divino está sempre vigorando, quer considerado com propriedade e *pensado* com visível *gratidão* na figura de um santo padroeiro, quer desconsiderado ou mesmo renegado.” (HEIDEGGER, 2001, p. 132).

Pensar a construção advém do edificar e produzir<sup>32</sup> sem abrir mão da *de-mora* junto das coisas é “levantar os olhos para cima” e esperar respeitosamente o tempo da vida em curso. Edificando o mundo e ouvindo os rastros dos deuses foragidos; como conduz as palavras do poeta.

O pensar em Heidegger está conectado com um todo construído e habitado pelo homem. Edificando o resguardo sobre a quadratura. “Habitar é, porém, o traço essencial do ser de acordo com o qual os mortais são. Quem sabe se nessa tentativa de concentrar o pensamento no que significa habitar e construir torne-se mais claro que ao habitar pertence um construir e que dele recebe a sua essência.” (HEIDEGGER, 2001, p. 140).

Ao perguntar pelo construir-habitar, o próprio pensar é *re-conduzido* para o resgate da essência das coisas em seu sentido essencial. Ou melhor, retorna a busca pela essência das coisas. “Já é um enorme

---

<sup>32</sup> Este conceito não é central nesta dissertação, mas para frisar a sua presença em ressonância da temática abordada, vale ressaltar que “Produzir, em grego, é *tíkto*. À raiz *tec* desse verbo é comum à palavra *tékhne*. *Tékhne* não significa, para os gregos, nem arte, nem artesanato, mas um deixar-aparecer algo como isso ou aquilo, dessa ou daquela maneira, no âmbito do que já está em vigor. Os gregos pensam a *tékhne*, o produzir, a partir do deixar-aparecer, A *tékhne* a ser pensada desse modo, de há muito, se resguarda no tectônico do arquetônico. Ela se resguarda, ainda mais recentemente e de forma decisiva, no técnico da técnica dos motores pesados. A essência do produzir que constrói não se deixa, porém, pensar nem a partir da arquitetura, nem da engenharia e nem tampouco a partir da mera combinação de uma e de outra. O produzir que constrói *também* não se deixaria determinar de forma adequada se quiséssemos pensá-lo no sentido originariamente grego de *tékhne*, ou seja, somente como um deixar-aparecer que traz o produzido como uma coisa vigente para o meio de coisas já em vigor.” (HEIDEGGER, 2001, p. 139).

ganho se habitar e construir tornarem-se dignos de *se questionar* e, assim, permanecem *dignos de se pensar*” (HEIDEGGER, 2001, p. 140).

Para Heidegger, o habitar é o traço essencial do ser, de acordo com aquilo que os mortais são. O pensar está naquilo que constrói e habita o homem. “Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar.” (HEIDEGGER, 2001, p. 140). Aquilo que é mostrado, como aberto, aparente, é considerado para o pensamento por via da fenomenologia heideggeriana uma ontologia.

Ontologia fundamental nomeia a principal característica de Ser e Tempo: é uma tentativa de desconstrução da metafísica e de elaboração da analítica da finitude, tendo como ponto de partida uma fenomenologia hermenêutica das estruturas fundamentais do ser-o-aí (GIACOIA JR, 2013, p. 51).

A ontologia heideggeriana é compreendida por Giacoia Jr. como,

Ontologia é a disciplina filosófica que estuda o ser dos entes. A palavra “ente” traduz o termo grego *onta*, que designa entidades, aquilo que é ou que existe. Ontologia, portanto, é ciência ou estudo metódico (*logia*) daquilo que é - o ente -, visando determinar sua essência ou seu ser. A busca pelo sentido da pergunta constitui já uma modalidade de questionamento ontológico, pois o que se tornou problemático não é outra coisa senão o *sentido do Ser*. (GIACOIA JR, 2013, p. 53)

Toda a trajetória feita por Heidegger, em suma é por “*um novo pensar*”. Heidegger foi o filósofo que buscara a essência. “O Ser sempre foi pensado *apenas em relação aos entes*, (...) nunca sendo levadas em conta as diversas modalidades em que os entes se dão e se mostram, nunca sendo considerados a instância ou o limiar originário desse dar-se e mostrar-se” (GIACOIA JR, 2013, p. 59) Heidegger é o caçador de essências. Aquele que, não satisfeito com a superfície do que aparece, busca o que constitui aquilo que é uma coisa. “O caminho de pensamento aqui ensaiado deve testemunhar, por outro lado, que o pensar, assim como o construir, pertence ao habitar, se bem que de modo diverso.” (HEIDEGGER, 2001, p. 140). Ainda sobre o “Construir, habitar, pensar”, de forma integradora e expandida está compreensão se dá.

Ambos são, no entanto, insuficientes para o habitar se cada um se mantiver isolado, cuidando do que é seu ao invés de escutar um ao outro. Essa escuta só acontece se ambos, construir e pensar, pertencem ao habitar, permanecem em seus limites e sabem que tanto um como o outro provem da obra de uma longa experiência e de um exercício incessante. (HEIDEGGER, 2001, p.140)

O “*novo pensar*”, que Heidegger muitas vezes ensaia em sua obra, está integrado com um exercício de *de-mora*. Necessitamos *re-aprender* a pensar, como Giacoia Jr diz: “Nesse sentido, pensar é corresponder pela palavra à verdade do Ser. Mas a subtração da linguagem em relação à sua essência, a fuga da correspondência ao chamamento do Ser em seu desvelar-se pelo discurso humano é o sinal de que, a despeito de toda ciência e filosofia, ainda não aprendemos a pensar” (GIACOIA JR, 2013, p. 48-49)

Aquilo que em “Introdução à Filosofia” já traria como a compreensão de uma filosofia prática, no sentido do homem em si mesmo ser envolvido pela filosofia. “Ser homem já significa filosofar” (HEIDEGGER, 2009, p. 2) O homem enquanto pertencente à linguagem, habita e constrói em sua existência o seu “habitar” através do seu próprio pertencimento a filosofia. Pois,

A questão é que não estamos de forma alguma “fora” da filosofia; e isso não porque, por exemplo, talvez tenhamos uma certa bagagem de conhecimentos sobre filosofia. Mesmo que não saibamos expressamente nada sobre filosofia, já estamos na filosofia porque a filosofia está em nós e nos pertence; e em verdade, no sentido de que já sempre filosofamos. (HEIDEGGER, 2009, p. 3)

Assim, Heidegger convoca o retorno à linguagem. Esta que é a senhora do ser. “Buscamos concentrar o pensamento na essência do habitar.” (HEIDEGGER, 2001, p. 140). O material filosófico construído por Martin Heidegger é uma prova do atravessamento do Ser e o tempo; um retorno ao que diz a linguagem, enquanto aquela que habita o homem; observar a crise habitacional, não especificamente a construção de habitações ou a ausência delas, mas “*o aprender a habitar*”. “A crise propriamente dita de habitação é, além disso, mais antiga do que as guerras mundiais e as destruições, mais antiga também do que o

crescimento populacional da terra e a situação do trabalhador industrial.” (HEIDEGGER, 2001, p. 140).

Neste *re-aprender* a habitar é que habita a verdadeira essência do habitar como aquele que guarda e resguarda o ser. O problema sobre o qual Heidegger nos acena atenção não é somente a questão sobre como construir e habitar, mas também como habitamos esta terra sobre a quadratura. Pois,

O problema, em cada caso, mostra-se ser bem oposto daquele que esses construtos filosóficos imaginam ser. No primeiro caso, Heidegger busca mostrar que originalmente que já estamos no mundo e que são ocorrências muito particulares no interior desse mundo que podem desengajar-nos dele. Esse mundo é também um mundo que habitamos com outros desde o começo. (GREAVES, 2012, p. 63)

A filosofia de Heidegger não descansa somente em torno de objetos de sua ontologia, mas preocupa-se sobretudo com a forma em que o homem habita; passa por esta existência; como relacionam-se uns com os outros; como habitam todos o mesmo mundo; ou como os homens destroem a terra e por sua vez esquecem os deuses. Escutar as palavras de Heidegger é um exercício para adentrar numa escuta meditativa em conexão com existência em curso, o aqui e agora. Continua Heidegger, finalizando sua conferência:

A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais *devem primeiro aprender a habitar*. E se o desenraizamento do homem fosse precisamente o fato de o homem não pensar de modo algum a crise habitacional *propriamente dita como a crise?* Tão logo, porém, o homem *pensa* o desenraizamento, este deixa de ser uma miséria. Rigorosamente pensado e bem resguardado, o desenraizamento é o único apelo que *convoca* os mortais para um habitar. (HEIDEGGER, 2001, p. 141)

Esta crise habitacional, para Heidegger, provoca e convoca a pensar o *desenraizamento*. Não aquilo, que estar relacionado ao mistério propriamente dito, mas o chamado à busca pela essência do habitar. O



retorno do homem a si mesmo. “O modo como habitamos o mundo é primeiramente como um ambiente, de tal maneira que a análise da mundaneidade começa com uma análise da ambientalidade.” (GREAVES, 2012, p. 51).

Sabe-se que esta experiência é vivenciada por cada um em si mesmo, executando sua construção como ainda, aquela que habitará um mundo, pois o homem é como ser-no-mundo. Como compreender o mundo ainda é a *pre-ocupação* de Heidegger, sobretudo algo que faz o chamamento aos mortais “A dificuldade não é aquela de conectar o mundo com algo extramundano, mas sim a de como, em primeiro lugar, compreender o mundo.” (GREAVES, 2012, p. 50)

Heidegger termina sua conferência dizendo: “De que modo, porém, os mortais poderiam corresponder a esse apelo senão tentando, na parte que *lhes* cabe, conduzir o habitar a partir de si mesmo até a plenitude de sua essência? Isso eles fazem plenamente construindo a partir do habitar e pensando em direção ao habitar.” (HEIDEGGER, 2009, p. 141).

Ou seja, Heidegger, enquanto o filósofo da serenidade da meditação e da escuta como preparação para a fala poética, construiu a possibilidade filosófica sobre o habitar a partir do repouso sobre a linguagem; senhora do ser, a quem o homem sempre irá pertencer. “Com isso, a analítica existencial do ser-o-aí atinge um de seus resultados mais importantes: a sua descrição fenomenológica como *Sorge* (*cura e preocupação*).” (GIACOIA JR, 2013, p. 79)

Como contraponto a preocupação heideggeriana avança para questões que enfatizam um outra experiência neste mundo. Uma existência pautada num ensaio de construção para habitar com serenidade e consciência este mundo. Dimensionarmos aquilo que Heidegger ilumina enquanto cura e preocupação é reconhecer que o humano diferente do animal, este que nada faz para poluir o mundo ou destruir seu habitar; pelo contrário o homem criar e destrói tudo o que deseja na velocidade do seu pensamento. Continuando com Giacoia Jr:

*Ex-sistência* é ser-no-mundo temporalmente como cura e preocupação. Esse cuidado, por sua vez, desdobra-se em *besorgen* (cuidado com alguma coisa, com providenciar alguma coisa) o *Fürsorgen* (a cura como tomar cuidado de algo, ou de alguém; e como preocupação, ocupa-se de algo ou alguém, tratar dele e com ele). (GIACOIA JR, 2013, p. 79)

A filosofia de Heidegger dança sobre um solo de possibilidade que observa a necessidade de um habitar com serenidade (*Gelassenheit*) esta terra. “Heidegger confia na potência silenciosa da meditação” (GIACIOIA JR, 2013, p. 103) A Preocupação com a cura e o viver é uma pauta importante para Heidegger que foi também, o filósofo que construiu como possibilidade a ponte para a expressão budista chinesa Tao. “*Ser-no-mundo* é existir como *cura* (...). Como *ex-sistência*, o ser-o-aí é no mundo como *cura*, preocupação e cuidado com o mundo, que é também uma dimensão essencial dele. (GIACIOIA JR, 2013, p. 79-80)”. Para Stangl,

Heidegger foi ao limite, sua filosofia está sobre a linha divisória entre Ocidente e Oriente, talvez sua mensagem possa contribuir para reunir esse todo, fragmentado e desunido, que é a humanidade de hoje. Uma possível analogia para a palavra chinesa Tao é com a idéia de Caminho, assim como Logos, Tao é intraduzível, sendo por isso chamada de palavra-guia. (STANGL, 2009, p. 1)

A linguagem buscada por Heidegger certamente é aquela que pudesse acolher o ser em uma época de *indigência*. Que por sua vez, acolhesse a sua angústia e medo. “O estado de humor fundamental com o qual Heidegger tenta nos afirmar em Ser e Tempo é a angústia. Ele observa que medo e angústia muito raramente têm sido distinguidos, e isso ocorre por que eles são fenômenos claramente afins.” (GREAVES, 2012, p. 82). No mundo, lugar, onde o humano não encontrava mais sentido no ser. Foi neste que foi desvelado o caminho feito por Heidegger desde o início dos seus escritos com a volta/retorno à pergunta pelo sentido do ser neste mundo.

Compreender a existência humana enquanto *ser lançado*, *o-aí* é lidar com a facticidade, que embora esteja para este ser enquanto aquilo que aparece, surge, sem previsão ou controle. O *ser-no-mundo* relaciona-se com as coisas e com o mundo que habita. Em uma existência perpassada pela *indigência*, logo a angústia e as ansiedades são fazedoras de moradas no *ser-aí*, Porque,

A fonte da minha ansiedade não possui nenhuma localização particular, não posso vê-la vindo sobre mim aqui ou ali. Fico ansioso por nada e minha ansiedade vem de nenhum lugar. Esse “nada” e “nenhum lugar” permitem que se tornem aparentes não coisas e circunstâncias particulares, mas sim o

mundo total no qual coisas e circunstâncias aparecem. Aquilo diante do qual fico angustiado é efetivamente meu mundo total: “Aquilo em face do que se tem angústia é ser-no-mundo enquanto tal”. (GREAVES, 2012, p.82).

A feitura do habitar, em si, já constitui um lugar de pertencimento, de acolhimento e segurança. O mundo é um complexo integrado de múltiplos acontecimentos. O *Dasein* é a representação do *ser-aí* enquanto *ser-no-mundo* e *ser-com-os-outros*. “Um tipo originário de cuidado de si, de préstimo e cura das *possibilidades sempre abertas que constituem nossa existência*. Existir significa (...) ser-com-os-outros.” (GIACOIA JR, 2013, p. 74)

A pre-ocupação aqui também observada a partir desta análise é que, ao passo que o ser é cura, ela necessita ser pura para o mundo. Este é aquele que vive como o destruidor de mundo, ou destruidor de si mesmo. Logo, como os outros habitarão um mundo em trevas? O *Dasein* é o desdobramento do *ser-o-aí* em processo permanente de *devenir*.

Para Tom Greaves, em sua obra “Heidegger”, os desdobramentos acerca do *Dasein* heideggeriano são um tanto profundos. Greaves desenvolve os diversos sentidos desta palavra para problematizar o diálogo entre ser e mundo; ele costura a forma fatídica de como os fatos da vida manifestam-se tempestivamente,

Nunca nos apresentamos como uma tela de possibilidades completamente em branco; sempre nos encontramos jogados em circunstâncias que não são inteiramente feitas por nós. Contudo, por outro lado, a facticidade das novas vidas nunca é algo que simplesmente apresenta nela mesma como as coisas são, nunca é o tipo de “fato bruto” que pertence a coisas que podemos simplesmente observar como sendo o caso. (GREAVES, 2012, p. 40)

Lidar poeticamente com a linguagem é buscar nela o seu abrigo, mesmo esta sendo o próprio risco. Ou a clareira, lugar onde se estar guardado do mundo e aberto à experiência do *Dasein* voltando-se aos desdobramentos do mistério, porque deste movimento o ser-aí é *re-velar-ação* e *velar*. “A compreensão heideggeriana tem um lado cognitivo: entender, aprender o sentido de, inteirar-se de, tomar consciência.” (GIACOIA JR, 2013, p.77).

Heidegger demonstrou que a linguagem é uma morada, que por sua vez, construída através da história do ser, pode *habitar-se poeticamente*. Mas é justamente à sombra do perigo que urge retomar as palavras dos poetas e pensadores, da arte e da filosofia. Neste caso específico, a poesia de Hölderlin: “Lá onde há perigo, cresce também aquilo que salva (...)” (GIACCOIA JR, 2013, p. 104).

Continuando com Giacoia Jr, sobre a capacitação da linguagem “Nessa fórmula, compreender evoca, sobre tudo, um *poder*, um dom ou uma capacitação.” (GIACCOIA JR, 2013, p. 77) A linguagem (*Rede*) é decifrada para ele como

Fala, discurso, palavra, linguagem (*Rede*): entender de ser, poder ser, compreender em sentido ontológico é encontrar-se em uma disposição básica de abertura compreensiva, prévia e tácita, de preocupação com o ser. Nesse sentido, compreendemos o que significa ser, sabemos mais ou menos o que queremos dizer quando empregamos a palavra “ser”. (GIACCOIA JR, 2013, p. 77).

Para Giacoia Jr, a condição do ser-o-aí primordialmente, enquanto *Ser* habita a linguagem.

Na condição de ser-o-aí, o homem habita a morada do Ser, a linguagem. Ao falar, ele traz à luz, manifesta o que os entes são em suas respectivas essências; assim, ele exhibe, desvela os entes em seu ser. Todavia, essa dimensão do habitar humano no cotidiano de sua existência natural é marcada pela dimensão pública do falar, pelo linguajar característico do existir coletivo, genérico, impessoal. (GIACCOIA JR, 2013, p. 78)

O *ser-no-mundo* é relacional. Vulnerável. Necessita habitação, enquanto aquele que constrói o próprio habitar, como aquilo que o resguarda entre o céu a terra. Ao passo que o *tornar-se* é a autenticidade do Ser, segundo Giacoia Jr. “Existir no mundo da autenticidade é um tornar-se, porque o ser-o-aí, desde sempre, advém na linha temporal de um passado histórico que o precede, como membro de uma família e sociedade, em um ponto do espaço prévio e toda deliberação ou escolha.” (GIACCOIA JR, 2013, p. 79).

Mesmo a poesia sendo aquilo que através da razão é traduzida via conceitos de sensações, a linguagem poética é dita repetidamente tentando dizer o mistério. O não dito contido na palavra dita, naquilo que não é pela linguagem traduzida. Porque

Linguagem (*logos*), em sua determinação (*bestimmung*), é desvelamento. Metaforicamente, ela pode figurar como a clareira em que se mostra a essência dos entes, que se tornam fenômenos para o *ser-o-aí*, seu curador. A linguagem é, portanto, a “*morada do Ser*”, e o homem é o ente que habita po(i)eticamente essa casa. (GIACOIA JR, 2013, p. 96)

Por isso, a ideia de habitar, a partir de Hölderlin é construída e estruturada pela via do sagrado, e assim permitida sobre o olhar da quadratura. Em relação a isto, Luciana Dias, traz a questão daquilo que como mistério e velamento mostra-se como atravessamento para o ser-no-mundo nesta vida a “existência”. Então,

A própria questão do ser é um exemplo claro disto. Falar sobre a questão do ser em Heidegger, porém, não é uma tarefa fácil. Não apenas pela dificuldade intrínseca a seu pensamento, mas porque esta expressão acabou caindo de tal forma naquele tipo de jargão tantas vezes repetido de forma vazia que, embora tomada à exaustão por comentadores, livros e manuais, ainda assim soa, na maior parte das vezes, muito mais enigmática do que esclarecedora. A questão do ser é por Heidegger apresentada sobretudo como “mistério”. Como nos diz Karl Löwith, Heidegger “não sustenta saber o que o ser é. Ao contrário, ele sustenta que não se pode saber” (LÖWITH, 1995, p. 46). Não que o ser seja algo como “um conhecimento secreto esotérico para iniciados”, mas antes porque há uma dimensão de velamento constitutiva à existência humana. (DIAS, 2015, p. 120)

O que pertence ao humano em sua forma de tradução da linguagem da poesia, aquela cantada pelos deuses foragidos, secreta e profunda, serve para dar habitação ao humano. Porque,

A pergunta que Heidegger põe não é sobre o “ser” em nenhum dos termos de uma metafísica ou ontologia tradicional. Requestionar a pergunta acerca do ser significou, para Heidegger, recolocar todo o âmbito no qual esta fora posta, já para além dos limites da tradição e do modo como a metafísica entende a ontologia. Isto é: será para além da ontologia da substância e da entificação do ser que Heidegger pretenderá re-abordar a questão do ser. Ou seja, Ser, em Heidegger, não se referirá a nenhum tipo de categoria ou “essência transcendente” do real. Como observa Rorty, “a linha entre ser e linguagem é tênue em Heidegger” (RORTY, 1991, p. 38), a pergunta acerca do ser seria, de certa forma, a própria indagação acerca dos sentidos do “verbo” ser, não como simples “categoria gramatical”, mas referindo-se à instância matriz de possibilidades de significação e significabilidade, àquilo que nos possibilita pensar cada ente singular – o que nos possibilita “predicá-los”, isto é, pensá-los. (DIAS, 2015, p. 120)

A partir de todo o exposto, costura-se por via daquilo que Hölderlin cantou em sua poesia “*Poeticamente o homem habita*” e Heidegger meditou sobre este cântico, trazendo para via do habitar poético as suas indagações sobre a existência em curso que desenvolvem os seus ensaios e conferências como: “Construir, habitar, pensar” e “...Poeticamente o homem habita...”, para pensar uma construção poética que pudesse ser habitada poeticamente no mundo ou mesmo “Para quê poetas?”. Mesmo tal filosofia conduzindo para o *des-velamento* daquilo que ao pertencer ao *Ser* estava perdido em um mundo de devastações e ruínas

Entender como poesia, pensamento e história se atrelam – e como, em sua relação, conduzem à pergunta pela técnica característica da última fase de seu pensamento – é talvez a maior dificuldade da fase tardia do pensamento de Heidegger. Ao mesmo tempo, responder como – e se – pode o nihilismo oriundo da visão técnica do mundo ser superado, é a pergunta que permanece. (DIAS, 2015, p. 124).

A complexidade do construir e habitar dá-se primeiramente por via de um *contra-movimento* feito pelo *ser*, quando este deseja pertencer à

linguagem. Construindo, habitando e pensando conjuntamente. Ou seja, para que isto ocorra, o tempo do habitar deve ser um tempo pautado no resguardo da quadratura. “Salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que acontece. Habitar é bem mais um demorar-se junto às coisas. Enquanto resguardo, o habitar preserva a quadratura naquilo junto a que os mortais se demoram: nas coisas.” (HEIDEGGER, 2001, p. 130-131).

É com termos como: *serenidade, meditação, paz, segurança, cura do mundo e pre-ocupação*, expressões iniciadas nos escritos de Heidegger, que ele expressa os frutos da *pre-ocupação* original com a forma de viver do *ser-no-mundo* e *preservação do mundo*. Luciana Dias cita o cenário, aquele talvez, o qual Heidegger poderia se interpelar,

São faces de um mesmo acontecimento, cenário do fim da metafísica, sob a racionalidade da técnica e da vontade de poder, que respondem pela essência do Niilismo. Desse acontecimento são signos a devastação da terra, o exílio ou o apatridismo do indivíduo, a massificação, o totalitarismo e a “fuga dos deuses” como um tom de abandono inerente ao mundo de hoje. Seu reflexo se daria, na estética, na redução da experiência da arte a uma experiência da distração e, da poesia, a um ramo da literatura, com o obliteramento de toda dimensão poética da existência. O mundo assim se abre como uma “armação” (Gestell), como um esqueleto ou dispositivo que por mais que seja composto de inúmeras peças, mostra-se esvaziado de significado. Hoje se tem o supremo momento do esquecimento de toda diferença ontológica, no qual, após a ontificação absoluta e o esquecimento de todo mistério subjacente à possibilidade mesma de compreensão, tem-se uma ciência que é funcional, reduzida à produção de técnicas que, longe de buscarem a compreensão da realidade em totalidade, constituem-se como ferramentas de “controle” e domínio dos entes, num progresso técnico que retroalimenta a si mesmo. (DIAS, 2015, p. 124).

Poder-se-ia dizer que este filósofo visava uma determinada filosofia que projetasse o *Ser* para a dimensão do *cuidado-de-si* e do *mundo*, já que o mundo estava imerso no *esquecimento*. Martin Heidegger

viu o quanto a humanidade estava falida, naquilo que diz respeito ao trato cuidadoso com si mesmo e com aquilo que estava sendo construído no mundo. Assim, para Heidegger o *Ser* é fazedor de mundo.

Para Heidegger, na linguagem *de-mora* o ser. O Sendo só pode se re-velar através da linguagem, se o pensamos ele “é”, pois o pensar aproxima o ser da Clareira (onde sua pre-sença contrapõe-se ao ente). A imagem de uma floresta assemelha-se à existência humana, vários são os caminhos possíveis para se chegar à Clareira. (STANGL, 2009, p. 03).

Um mundo que já não preservava a escuta e a fala cuidadosa. Que estava em guerra por princípios um tanto frágeis, dizimando centenas e milhares de famílias. Com certeza, o cenário deste tempo vivido por Heidegger impulsionou o *re-pensar* sobre as coisas e suas essências. A pergunta pelo sentido do ser é um retorno, aquilo que foi *esquecido*, pois para Heidegger o *Esquecimento do Ser*, neste tempo de *indigência*, estava latente nas relações do *homem e mundo*. Uma viagem ao Oriente, para Heidegger, é uma possibilidade de *re-encontro* com aquilo que é fundamental para ele; o “Ser e o Tempo” e o “Tempo e o Ser”.

“*Poeticamente o homem habita a linguagem*”, pois ele é concebido dentro deste seio sagrado e profano. Livre e enclausurador, manifestado através da existência em curso. Através do pulsar e refrear em que o mundo manifestado como mundo, abre-se ao homem.

A linguagem é a morada do ser. Na habitação da linguagem mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardiões dessa morada. Sua vigília consiste em levar a cabo a manifestação do ser, na medida em que, por seu dizer, a levam à linguagem e nela a custodiam. (HEIDEGGER, 2008, p. 326).

#### 2.4. A RELAÇÃO MARTIN HEIDEGGER E FRIEDRICH HÖLDERLIN

A relação Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin é sinuosa, serena, angustiante, plena, diversa. Esta relação na qual esta dissertação debruça-se advém do atravessamento; colisão; contraposição; choque do poético com o filosófico ou do filosófico e do poético.



A filosofia de Heidegger é sombreada pela poesia de Friedrich Hölderlin, e com muita beleza e cuidado, isto acontece. Werle comenta,

Certamente podemos afirmar que o encontro com a poesia de Hölderlin foi decisivo para Heidegger na determinação dos rumos do seu pensamento. Esse encontro deu-se pela primeira vez, de modo explícito, em 1934, com a interpretação dos hinos de Hölderlin intitulados “Germânia” e “O Reno”. Tratava-se naquele instante, de encontrar um solo mais fecundo para a principal questão de seu pensamento: a que se refere ao do ser, lançada em 1927 no tratado *Ser e Tempo*. Depois do texto do início dos 30, com *A essência da Verdade, Sobre a essência do fundamento* e *A doutrina da verdade de Platão*, torna-se claro ao filósofo que a questão do ser já poderia mais ser desenvolvida de acordo com um pensamento conceitual, que se ativesse apenas ao enunciado lógico. Assim, ele se viu na necessidade de dar um passo mais adiante, na direção de um encontro com a poesia, de modo que pudesse efetivamente transitar pelas regiões tortuosas e inusitadas do ser. Começa aí um diálogo que acompanhará Heidegger até o fim da sua vida... (WERLE, 2005, p.12)

A correspondência que dá asas ao encontro entre um poeta e um filósofo surge de algo direcionado à *transcendência* do tempo da poesia de Hölderlin para um século depois, onde se encontrava Heidegger.

Pode-se dizer, sem hesitação, que o filósofo do ser, desde sua juventude, sempre teve uma convivência intensa com a obra do poeta sábio e se manteve muito próximo dela, independentemente de apenas nos anos 30 começar a interpretá-la. Os textos sobre o poeta, sob essa perspectiva, guardam em si algo que transcende os limites das interpretações e remete a certos modos de pensar presentes em Heidegger que surgiram justamente a partir do contato com Hölderlin. Isso, no entanto, não deve levar à ideia de que ele simplesmente foi “influenciado” pelo poeta ou de que o “adaptou” ao seu pensamento. (WERLE, 2005, p. 15)

Uma poesia que anunciava ao tempo de Heidegger o tempo “*da noite no mundo*”, “*o tempo indigente*”, a “*ausência dos deuses foragidos*”. Os cânticos de Hölderlin foram um tocante para o pensamento deste filósofo. A falta transpassada advinda da ausência do Sagrado. Segundo Luciana Dias,

Contrapondo a compreensão clássica de transcendência à concepção heideggeriana, podemos perceber que Heidegger ([s.d.], p.33) propõe, de certo modo, uma “transcendência imanente” de abertura do ente ao mundo fático, ou seja, a realidade em que as coisas acontecem em imersão com o Dasein. Essa ultrapassagem corresponde ao ente que entra em contato com o mundo, pela via da abertura de si, ultrapassando a si próprio e aos impedimentos que lhe são impostos, encontrando-se com o sentido de ser-no-mundo (Sein-in-die-Welt), do estar-aí-humano (Dasein), como nos reforça Paiva: “Transcendência é um ir além, que não se situa no espaço, mas no tempo (...). É a passagem do fato ao significado, do ente ao Ser” (DIAS, 2014, p. 244).

No soar das palavras que Heidegger escreve sobre Hölderlin é notado o intocável mistério do impenetrável tentando ser traduzido e interpretado pela linguagem. Pela via da necessidade daquilo que, como velado, vem à luz como o *aberto*. “Sobre o fundamento do ente, nomeadamente sobre o ser enquanto risco por excelência, o poema não diz nada diretamente.” (HEIDEGGER, 2014, p. 321).

Heidegger encontra sentidos nos poemas de Hölderlin como dentro de caminhos de floresta. Uma escuta originária e fundamental para chegar ao alcance dos sentidos, que mostram-se como vestígios dos deuses foragidos.

Heidegger reconhece os poetas como *guardiões-mensageiros dos deuses*. A poesia de Hölderlin é propriamente a cura, como manifestação daquilo advindo do Sagrado. No invisível do espaço interior. Ao passo que Heidegger era impactado pela silenciosa e barulhenta poesia de Hölderlin, ele era enfeitiçado pelo dizer poético, ou pela palavra poética deste poeta. “A rigor, podemos assumir que poetas habitem poeticamente. Mas como entender que “o homem”, ou seja, que cada homem habite sempre poeticamente?” (HEIDEGGER, 2001, p. 165). Heidegger pegou para si a tarefa de desvendar os poemas de Friedrich Hölderlin, como obra

mediada pelo exercício fenomenológico do poema como aquilo que aparece ao aberto no mundo dos mortais e dos deuses. Pois,

O exame da relação do filósofo com o poeta, a partir de um ponto de vista de pensamento, parece ser um procedimento adequado justamente por causa da natureza da operação praticada pelo primeiro em relação ao segundo. Pois a obra do poeta não é só vista por Heidegger a partir de uma questão de pensamento, mas principalmente como constituindo uma questão de pensamento. O que temos, então, mais uma vez, no pensamento de Heidegger, é uma reflexão de cunho fenomenológico que se move totalmente fora de qualquer ciência, mesmo da ciência da literatura, se é que é possível falar em ciência neste caso. No tocante a esta última, podemos observar que questões vitais para ela, tais como as que se referem à forma ou ao estilo, questões “históricas” ou de “tradição literária”, não adquirem espaço na interpretação de Heidegger, embora não deixem de ser por vezes mencionadas. O sentido dessa exclusão é de cunho fenomenológico, porquanto o que importa é o tratamento direto, sem nenhuma intermediação, do dizer da palavra poética que emana do próprio poema. Somente assim se torna possível o diálogo, essa que é a forma segundo a qual Heidegger entende sua relação com Hölderlin. E desse modo, o pensador também poderá estar em contato direto com o poeta, bem como este com aquele, e algo de autêntico poderá vir à luz, ou até mesmo se ocultar, mas sempre de modo verdadeiro. (WERLE, 2005, p. 14)

O diálogo entre Heidegger e Hölderlin trouxe para o filósofo uma expansão em sua forma de *de-morar-se* sobre a terra. Nos textos em que Heidegger se refere a Hölderlin, o solo é regado pelo sensível. No texto “...Poeticamente o homem habita...”, Heidegger chama a atenção:

São palavras extraídas de um poema tardio de Hölderlin, legado de forma peculiar. O poema começa assim: “No azul sereno floresce a torre da igreja com o teto de metal...”. Para ouvir com inteireza as palavras “...poeticamente o homem

habita...”, é preciso devolvê-las cuidadosamente para o seu poema. Cabe-nos pensar essas palavras. (HEIDEGGER, 2001, p. 165).

Então, para quê poetas em tempo indigente? A colaboração dialógica: filosofia e poesia propõem uma reestruturação da Formação Humana que empreenda o filosofar em sua forma prática com o existir e o poetar em desenvolver o sensível e o aprofundamento do conhecimento sobre a existência em curso.

Os poetas são os mortais que, cantando com seriedade o Deus do Vinho, sentem os vestígios dos deuses foragidos, permanecendo sobre estes vestígios e assim apontando aos seus irmãos mortais o caminho da viragem. O éter, no entanto, onde somente os deuses são deuses, é a sua divindade ainda se essência (west) é o sagrado. (HEIDEGGER, 2014, p. 312).

O material do poeta como sua própria manifestação daquilo que faz de si mesmo, é, enquanto linguagem, morada e *cura do mundo*. Heidegger diz que as poesias de Hölderlin passarão. É um material que enfrenta o tempo; o devir, sendo como o próprio risco “*um agora sem duração*”. Pois,

Assim como jamais será possível ultrapassar o precursor, tampouco o precursor é efêmero. Por isso, a sua poesia permanecerá para sempre como algo já-essenciado. O que na chegada se essência, regressa, reunindo-se, ao destino. Aquilo que, desta forma, jamais cairá na sucessão do passar, supera à partida toda a transitoriedade. Aquilo que se limita a ser transitório é já mesmo antes de ter desaparecido, o sem-destino. O já-essenciado, pelo contrário, é dócil ao destino. Na pretensa eternidade esconde-se apenas um transitório armazenado, armazenado no vazio de um agora sem duração. (HEIDEGGER, 2014, p.367).

Martin Heidegger, filósofo da experiência, com o desenvolvimento de uma filosofia prática entre o poético, estético e fenomenológico, disponibiliza, a partir de seu texto "Para quê poetas?", uma reflexão sobre a dimensão existencial apreendida aos seres humanos e seu percurso na

vida labiríntica - caminhos de Floresta - em risco, em que o poético e o filosófico se encontram ancorados em uma única necessidade: o cuidado de si e com o mundo.

O poema pensa o ser do ente, a natureza, como sendo o risco. Todo o ente é arriscado, está na balança. A balança é o modo como o ser, em cada caso, pensa o ente, quer dizer, mantém-no no movimento de pensar. Todo o arriscado encontra-se em perigo. Consoante a natureza da sua relação com a balança, também a essência do Anjo necessita de se esclarecer, admitindo que ele é o ente de um grau mais elevado dentro de todo esse âmbito. (HEIDEGGER, 2014, p. 359)

A força que Heidegger observa sobre os poemas de Hölderlin, mostra-se como algo que aparece como mensagem de *outro mundo*; como *vestígios dos deuses foragidos*. O aberto da poesia é aquilo que advindo do cânticos dos deuses nunca esteve totalmente encoberto, abre-se como uma conexão pura. Pois, mostrava-se perante os vestígios dos deuses foragidos. Desta maneira,

Hölderlin é o precursor dos poetas em tempo indigente. Por isso, também nenhum dos poetas desta era o poderá ultrapassar. O precursor, porém, não parte para um porvir, mas, antes pelo contrário, chega dele, de tal forma que, apenas no advir da sua palavra, o porvir se essência em presente [*anwest*]. Quanto mais pura for a chegada, mais essencial se torna o ficar. Quanto mais encobertamente a saga anunciadora [Vorsage] poupar o porvir, mais puro será o advir. Por isso seria errado pensar que o tempo de Hölderlin apenas chegará quando, um dia, “Todo o mundo” entender o seu poema. Ele jamais chegará de um modo tão amorfo. Pois, é a própria indigência que fornece à era do mundo as forças com as quais, sem saber o que está a fazer, impede que a poesia de Hölderlin se torne oportuna. (HEIDEGGER, 2014, p. 367).

A Filosofia, segundo Heidegger, não deve entrar em águas poéticas com seus conceitos. Assim, confundirá a sua essencialidade com o conhecimento filosófico. Sendo assim, valioso é este esclarecimento de

Heidegger em defesa da pureza poética em sua originalidade e permanência,

Mais difícil e suspeito é, porém, outra coisa: que agora, a Filosofia se lance sobre uma obra poética. Afinal, o escudo e a arma da Filosofia é – ou ao menos devia ser – a fria audácia do conceito. Agora, substitui-se ao perigo da dissecação o da destruição pelo pensamento, tanto mais que parece que o pensamento, em breve, será totalmente abolido. Existe um perigo de decompor a obra poética em conceitos, de vasculharmos um poema apenas em busca de opiniões filosóficas do poeta e de teoremas, de, a partir daí, construirmos o sistema filosófico de Hölderlin e de, a partir dele, <explicarmos> a poesia, de acordo com o que costuma ser designado por explicação. Queremos poupar-nos a tal modo de proceder, não por pensarmos que a Filosofia tenha de ser mantida afastada da poesia de Hölderlin, mas porque aquele processo amplamente utilizado nada tem a ver com Filosofia. Mas se há algum poeta que reclame a conquista intelectual da sua poesia, é este o caso de Hölderlin, e não é, de modo algum, por ele, como poeta, ter sido <também filósofo>, e até um que podemos colocar sem quaisquer problemas ao lado de Schelling e Hegel. Pelo contrário, Hölderlin é um dos nossos maiores pensadores, isto é, o nosso pensador com mais futuro, por ser o nosso maior poeta. A dedicação poética à sua poesia só é possível como confronto pensante como a Revelação do Ser que nela foi alcançada. Apesar disso, a aparência e, também, o perigo da dissecação desta poesia e da destruição pelo pensamento acompanhará constantemente o nosso trabalho, tanto mais quanto menos soubermos ainda do poetizar, do pensar e do dizer, quanto menos experimentarmos como e por que estes três poderes pertencem intimamente ao nosso ser-aí original e histórico. O nosso proceder, em geral, subordina-se, portanto, totalmente, à lei singular de Hölderlin. (HEIDEGGER, 2004, p. 13).

Vimos que a poesia de Hölderlin teve momentos de ascendência dentro da filosofia de Heidegger. É como se, visualizando águas profundas, um material subisse para a superfície. A preocupação de Heidegger em preservar a autenticidade do espírito poético é notada também na citação acima. Isso denota tanto uma delicadeza com a filosofia e a poesia quanto uma responsabilidade enquanto filósofo que entende a profundidade de ambas. “O tempo do mundo é uma criança jogando gamão; o domínio pertence a um jogo infantil.” (HEIDEGGER, 2014, p. 321). Isto mostra que há neste mesmo filósofo uma morada poética-filosófica, entre-abraçadas. A de-mora sobre a sua própria história no mundo.

Assim, a construção da perspectiva da morada poética, explícita no texto de Heidegger “Para quê poetas?”, a partir do seu enredo misterioso, denuncia a possibilidade de uma mística na relação: *ser e existência*. A construção, a partir do sensível, na Filosofia da Educação, com a ferramenta poética-filosófica, compreende necessidades íntimas dos seres humanos e também suas complexidades sendo aquelas que perpassam o medo e angústia. Valendo-se do *ser-o-aí* enquanto risco, é assim que estas necessidades sobrevoam o cenário heideggeriano:

Será que nós, hodiernos, encontraremos sobre esta via, um poeta hodierno? Será que encontraremos aquele poeta que hoje em dia, frequente e apressadamente, se vê arrastado para a proximidade do pensamento que está escondido por debaixo de muita filosofia mal pensada? Coloquemos, porém, estas questões com o rigor que lhes é adequado. (HEIDEGGER, 2014, p.314)

De forma que se faz absolutamente necessário meditar a respeito da relação entre o *poético e o filosófico*, para conduzir um construir que resguarde o *ser-no-mundo*, em risco. “É longo o tempo porque mesmo o horror, tomado como um fundamento da viragem, não é capaz de nada, enquanto não se der uma viragem com os mortais.” (HEIDEGGER, 2014, p. 311).

Vivendo em tempo indigente, os mortais necessitam realizar a *viragem* ou até saltar para a outra margem, como cita Octavio Paz. “*Esta viragem*” e “*este salto*” podem estar relacionados à poesia existencial ou ao habitar poético, sendo como aquilo que, advindo da quadratura possuem morada no ser, por via da linguagem. Pois para Heidegger, no seu texto, há um canto pela necessidade da existência de poetas na “noite do mundo”, já que os deuses partiram em fuga. O filósofo compreende,

A essência do poeta que, em tal tempo do mundo, é verdadeiramente poeta, pertence ao facto de, para ele, de antemão e a partir da indigência do mundo, o poeitar e a vocação poética se tornarem questões poéticas. Por isso, os “poetas em tempo indigente” têm que poeitar a própria essência da poesia. Onde isto acontecer, deve supor-se um poeitar que se conforma com o destino da era do mundo. Nós temos de aprender a escutar a fala *destes* poetas, desde que não nos iludamos em relação ao tempo que encobre o ser, ao albergá-lo, de modo que calculamos o tempo partindo do ente e dissecando-o. (HEIDEGGER, 2014, p. 313).

Heidegger se pergunta de modo atento sobre como os poetas habitam esta terra, de forma que ele considera o fazer do poeta como *poiesis* onde o poeta produz o seu olhar na vida em curso. Por esta via, nota-se que não só o material produzido por Hölderlin chamava a atenção de Martin Heidegger, mas a forma como Hölderlin habitava esta terra, ora cantando os deuses hora cantando os mortais. Heidegger esclarece sobre Hölderlin “Quando Hölderlin fala do habitar, ele vislumbra o traço fundamental da presença humana. Ele vê o “poético” a partir da relação com esse habitar, compreendido nesse modo vigoroso e essencial.” (HEIDEGGER, 2001, p. 167) Heidegger dialoga com Hölderlin visualizando a estrutura proporcionada pela poesia deste poeta, para pensar a construção do habitar no seu mundo presente.

Se, de antemão, a poesia apenas possui existência na forma do literário, como habitar humano pode fundar-se no poético? As palavras – o homem habita poeticamente – foram pronunciadas por um poeta e, de fato, por um poeta em particular que, como se costuma dizer, não deu conta da sua própria vida. A arte do poeta consiste em desconsiderar o real. Em lugar de agir, os poetas sonham. (HEIDEGGER, 2001, p.166)

Isto constitui o poeta, os olhos que veem os “*vestígios dos deuses foragidos*”. Os poetas são capazes de capturar as sombras do sagrado. De acordo com a experiência de Hölderlin, é Dionísio, o deus do vinho, que traz estes vestígios aos homens sem-deus envolvidos pela escuridão da sua noite do mundo, porque o deus das videiras guarda nestas e nos frutos



destas, simultaneamente, a *co-pertença* originária da terra e do céu como o terreiro festivo onde se celebra a união entre os homens e os deuses. A poesia de Hölderlin representa o próprio deixar habitar. Ou seja, o ser como aquilo aberto ao encontro com a quadratura dá morada àquilo que existe em céu e terra. Vale repetir isto, porque para Heidegger é fundamental que saiba-se que “Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio. Mas como encontramos habitação? Mediante um construir. Entendida como deixar-habitar, poesia é um construir.” (HEIDEGGER, 2001, p. 167).

Aquilo que é dito poeticamente é deixado habitar. O poeta é um experimentador da vida enquanto aquele *risco-aberto* a sua própria obra enquanto mensagem dos deuses. Sendo assim, citando a poesia de Hölderlin: “Uma coisa é certa: seja ao meio-dia ou caminhe-se já para a meia-noite, uma medida sempre se mantém, a todos comum, embora a cada um seja concedida uma própria, para lá vai e de lá vem cada um como pode.” (HEIDEGGER, 2014, p. 313).

Heidegger habitou poeticamente, e com certeza deixou-se habitar pela poesia de Hölderlin. De modo que no seu sepultamento, aos 86 anos, em 1976, foi solicitado que no momento do evento sepulcral fossem “pronunciadas” palavras extraídas dos hinos de Hölderlin. (WERLE, 2005, p. 15)

Na obra “Meditação”, Heidegger desenvolve algumas meditações acerca da sua própria filosofia ou como esta, que, como filósofo, nomeia “Em uma interpretação livre e pensante” é como uma rebeldia “livre-pensante-poética”.

A verdade (clareira) do ser é o  
 Ser da errância-  
 O erro (tanto quanto a riqueza) só é  
 Permitido neste lugar. Como porém, a inversão?  
 A clareira é o ab-ismo como necessidade  
 (indigência) da  
 Fundação. (HEIDEGGER, 2010, p 15)

As meditações de Heidegger são pinceladas serenas de palavras poetizadas. São escutas cuidadosas que o filósofo almejou como mérito para si em repouso sobre seu ser.

Por mais que o poeta possa querer ultrapassar a si mesmo, ele jamais se abandona. É bem possível que se caia nas alturas ou nas profundezas. Essa última queda, só a elasticidade do espírito pode

evitar, ao passo que a primeira só se deixa impedir pela gravidade própria de uma sóbria lucidez. (HÖLDERLIN, 1994, p. 24)

As palavras de Hölderlin estiveram com Heidegger até o seu sepultamento. Esta é uma grande demonstração de dedicação e apaixonamento pela forma vívida de habitar poeticamente. Outra meditação “2. O outro pensar”:

Toma o último fervor da bênção  
Só do obscuro forno do ser,  
Que ele acenda a contraposição:  
Divindade - humanidade em um acontecer.  
Joga a indigência da clareira ousada  
Entre mundo e terra como canto  
De todas as coisas erigir calada  
Alegre gratidão por direito e mando.  
Abriga na palavra o silencioso anúncio  
De um salto para além do grande e pequeno ter,  
E perde as descobertas – o vazio  
De repentina aparência no caminho para o seer.  
(HEIDEGGER, 2010, p. 12)

Não só a relação de Heidegger e Hölderlin é foco aqui neste subcapítulo, mas seus desdobramentos, de como tal presença permanece poeticamente nas palavras de Heidegger; já que a palavra, como ela é, desvenda aquilo que necessita aparecer ao aberto, e vela, aqui também, o que não está disposto ao aparecimento, estando como o estranho. Estas meditações de Heidegger talvez podem ser vistas como um ensaio de uma filosofia poetizada ou pensante, como esta aqui, “3.O salto”,

Toma, joga e abriga  
E o salto seja  
Desde a mais ampla lembrança  
Até uma infundada região:  
Porta para diante de ti  
O uno quem?  
Quem é o homem?  
Dize sem cessar  
O uno o quê?  
O que é o seer?  
Nunca despreza  
O uno como?  
Como é seu laço?

Homem, verdade, seer  
 Replicam desde a ascensão  
 Sua essência para a recusa  
 Na qual eles se emprestam.  
 (HEIDEGGER, 2010, p. 12)

A poesia é uma porta de acesso do “*cuidado de si*”, desnuda os sentidos velados e coloca à tona vividamente o “*desvelamento*”, a possibilidade do conhecimento de forma suave e branda, a partir de um recolhimento meditativo ou de forma abrupta, porque também a existência na medida fatídica é “*angústia*”<sup>33</sup>. “Ser-no-mundo é existir como *cura*: seja ao modo do providenciar utilitário, no trato com objetos e utensílios, seja a moda pré-ocupação como encargo, que se pré-ocupa e toma sob seus préstimos.” (GIACOIA JR, 2013, p. 79).

Outra meditação de Heidegger desvela A palavra:

Nada, lugar algum nunca  
 Ante cada algo, ante todo então e ali  
 Se eleva a palavra  
 Desde o abismo, que emprestou  
 Aquilo que a todo fundamento  
 Malogrou  
 Uma vez que só a aliança  
 Com o dito  
 Toda coisa em coisa arma  
 E os perseguidos  
 Sentido confusamente dispersa.  
 (HEIDEGGER, 2010, p. 14)

Embora longa, contínua e arriscada, a filosofia de Heidegger também é um trabalho de *escuta*, e estando na fala é uma preparação para o recolhimento. Levar a cabo esta tarefa de perceber tanto a fala pelo silêncio de Heidegger e Hölderlin ou o atravessamento das duas, é uma *de-mora* na escuta da palavra falada da filosofia heideggeriana do habitar e das poesias de Hölderlin.

---

<sup>33</sup>“(*Angst*) é a mais fundamental dessas disposições basais do afeto, na medida em que concerne não aos entes intramundanos, mas o ser-o-aí no mundo. Não se trata de temor ou ansiedade pela perda de um objeto presente ou virtual, pela cessação de um estado de coisas, mas um ânimo que abrange todas as possibilidades de ser do ser-o-aí em sua raiz: tensão entre ser-si-próprio e perder-se, desgarrar-se, a possibilidade sempre presente de falta de si.” (GIACOIA JR, 2013, p.75)

Na obra “Hölderlin – Reflexões”, traduzida por Françoise Dastur, ele cita Hölderlin. “As palavras nascem como flores”, disse o poeta em um verso. Ainda, mais abaixo ele reafirma, “O princípio da poesia de Hölderlin é a escuta.” (DASTUR, 1994, p. 13) Então, desde acima, a partir da mostra das meditações de Heidegger, é interessante meditar sobre a escuta das escritas de Heidegger nesta abertura da sua obra, que parece tão poética, dizendo deste modo a sua filosofia como aquela pensada a partir da poesia da vida. Nesta “6b. O ser-aí”,

Que ser-aí seja dizer o seer  
 A partir dele a indigência  
 Exportar  
 Para a amplitude de um vislumbre todo oferta.  
 Que ser-aí seja o ser para aquele  
 Em desperta escuta  
 Recolher,  
 Que calma por obra escolheu.  
 Que ser-aí seja decantar o seer,  
 De distante canto  
 Trazê-lo de volta à casa,  
 O que há muito como poder sua essência voltou.  
 (HEIDEGGER, 2010, p. 14)

Heidegger também canta a libertação da sua filosofia através da sua escrita. Hölderlin acompanha Heidegger por entre a vida. Esta relação dá-se pela via do *risco*, o experimento e a ousadia de Heidegger que o lançou para as águas das poesias de Hölderlin. Certamente pelo que a Filosofia não conseguia dizer por este caminho. Nesta outra meditação chamada “Não conhecemos Metas”, Heidegger nos instiga a pensar a partir destas palavras:

Não conhecemos metas  
 E somos apenas um curso.  
 Não precisamos de muitos,  
 Aos quais há tempos já devorou  
 O ofã dos produtos do fazer-  
 Que alguém a princípio traga  
 O coração para a voz  
 Do silêncio do seer,  
 Que o elemento selvagem espanca  
 No cofre fundacional  
 É nossa coragem.  
 (HEIDEGGER, 2010, p. 14)

Sobre esta libertação, aqui, pode ser compreendido, como o próprio Heidegger vai finalizando,

Início de uma aptidão para a grandeza,  
 Senhora, divina, do desvelamento, que nunca  
 revogues minha  
 Insistência em ti por meio de uma selvagem e dura  
 (tosca) inversão.  
 (HEIDEGGER, 2010, p. 15)

As palavras silenciosas de Heidegger são proporcionadoras de escuta, e lançam-se para a escuta fundamental, a *meditação*, como uma iniciação; algo que se ascende, “*levantando os olhos para o alto*”; escutando os cânticos dos poetas; como uma permanência na serenidade da escuta. Uma inicialidade ascendida, aquilo que aproxima e dá distancia ao deus<sup>34</sup>. Contudo,

Da clareza do seer ascende a inicialidade de algo único no ente que, alheio a comparações, já perdurou mais do que toda “eternidade” computa sempre *a posteriori* como um permanecer vazio e indagada, em função de nos circunscrevermos a ela, como um consolo infundado. A inicialidade de algo único é a grandeza protegida a partir do seer – seu início é a liberdade. Sua essência, porém, é o domínio como sacrifício da doação da mais elevada indigência a partir do festejo da guarda da transposição sem violência para a região da proximidade e da distância de deus.  
 (HEIDEGGER, 2010, p. 16)

O atravessamento visceral do processo enquanto existência acontece entre o outro e o ser-o-aí, como sendo o outro que o habita, como algo que em relação impele cuidado e preocupação, pois já que assim é,

---

<sup>34</sup> E como deus estava sendo anunciado pelo poeta, ou já houvera sido anunciado as existências dos deuses foragidos, Heidegger complementa a sua espera: “O verdadeiro só acontece apropriadamente na verdade de que pertencemos à sua essência, de que conhecemos o perigo da inversão como o perigo enraizado na verdade e não nos imiscuímos nem tememos seu poder desencadeado, insistindo no risco do seer, obedientes ao serviço único do deus que ainda não apareceu, mas já foi anunciado.” (HEIDEGGER, 2010, p. 18).

O nosso tempo, em que a humanidade desolou a terra a ponto de não mais saber celebrar pão, vinho e uma caminhada. O nosso tempo, em que os “lábios emudeceram”, os “corações desertificaram-se”, o “amor tornou-se fome” e o divino idolatria do si mesmo. (HÖLDERLIN, 1994, p. 14).

Neste sentido, para Giacoia Jr,

Essa relação não se limita à que estabelecemos com os outros, mas está também ontologicamente vinculada à relação que criamos conosco, a um tipo originário de *cuidado de si*, de préstimo e cura das possibilidades sempre abertas que constituem nossa existência. Existir significa, em sentido radical, cuidar de poder ser no mundo, que é também (e não menos essencialmente) ser-com-os-outros. (GIACOIA JR, 2013, p.73).

Nesse ponto há um diálogo entre dois distintos que se cruzam, intertocam-se e olham-se; de uma forma ou de outra isso compõe uma cena poética; traz junto ao coração, como cita Hölderlin; assim, dentro do campo da possibilidade poderia ser para Martin Heidegger como aquele que escuta o lado misterioso do seu amor-amizade, as palavras do poeta “Como o amor, por sua vez, gosta de descobrir pela ternura desde que o ânimo e os sentidos não se tenham intimidado e turvado em consequência da dureza do destino.” (HÖLDERLIN, 1994, p. 24).

Dentre está hibridez é possível o encontro com o erro, como a filosofia e poesia inter cruzam-se por via do *risco*. Como na obra de Heidegger “Arte y poesia”, Samuel Ramos o cita: “Tendría, pues, la poesia dos caras, una intrascendente y outra transcendente. ¿Em qué sentido es la poesia transcendente? Es que “poetizar es dar nombre original a los dioses” (HEIDEGGER, 1985, p. 31). Dar nome original aos deuses é por sua natureza transcendência. Talvez seja um erro, como bem cita Ernildo Stein em “Pensar e Errar - Um ajuste com Heidegger”; pode-se interpretar-se como erro a possibilidade dentro daquilo que aberto ao mundo opera em sua cura, pela via do cuidado, isto é um risco, pois o homem estar ao contrário no mundo entificado. Heidegger pontua,

Essa clareira do seer é ao mesmo tempo o seer da errância- o lugar da origem da inversão, na qual facilmente caímos por terra, precipitando-nos, neste caso, apenas naquilo que é e em seu

predomínio exclusivo – poderoso e impotente na mudança das coisas e das circunstâncias, essa inversão nos apresenta, então, o cálculo das causas (pulsões e inclinações, prazeres e diversões) de cada coisa e a tudo ela converte no que apenas está presente e é por qualquer um logo facilmente possuído, habitado e usado. (HEIDEGGER, 2010, p. 16)

A poesia, para Heidegger, acalentava os ouvidos cheios do transbordamento do mundo. Samuel Ramos escreveu no prólogo do texto de Heidegger “Arte y poesia” que a pre-sença dos poetas no mundo é como “médium” na terra. Aquele que está entre o céu e a terra. Um ser que habita a partir de um tipo de vivência que sobrevive por um cordão entre os deuses e os mortais. A poesia de Hölderlin veio como uma anunciação dos deuses foragidos que mandam notícias para os mortais, através do poeta e seus cânticos. Pois,

Los dioses también hablan, sólo que lo hacen mediante signos, y toca a los poetas sorprender e interpretar estos signos para luego transmitirlos a su pueblo. El poeta es, pues, um “médium” que está entre los dioses y los hombres, y la esencia de la poesia es la convergencia de la ley de los signos e los dioses y la voz del pueblo. (RAMOS, 1985, p. 31).

Para Hölderlin, a vida em si mesma já o fazia poeta. Nota-se que a vida para o poeta é sua própria formação de si. Pois ele vive traduzindo os signos daquilo que vem do céu. O caminho já está dado, o ser lançado no mundo é convidado a habitá-lo. No entanto, sua construção é o decifrar do destino na aventura do viver em “risco”. Hölderlin complementa,

Pois, o único erro do homem acontece quando seu instinto de formação se perde e toma uma direção indigna e inteiramente falsa, quando não sabe qual o seu lugar próprio, ou ainda quando, ao encontrar esse lugar, fica a meio caminho, paralisado nos meios que deveriam conduzi-lo à sua meta. (HÖLDERLIN, 1994, p. 22).

A relação entre o pensamento de Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin é costurada por várias linhas entre reflexões, meditações, escuta

e escrita, entre um poeta e um filósofo e, ademais, entre suas possibilidades e impossibilidades. Porque pensamento e poesia são linhas que se encontram e distanciam-se. Como ao contemplar uma obra de arte, não se pode aproximar-se ao ponto de nada ver, senão é engolido por ela. A obra necessita distanciamento, para vê-la plena e majestosa como é. Através da possibilidade tão oportuna de transitar entre a palavra que dita o conceito, mas dita também o belo. Para Werle a relação entre a poesia e a filosofia é sintetizada a partir deste contexto,

Em Heidegger não há mais essa perspectiva subjetivista de um pensamento que “dispõe” da poesia. O pensamento não pode mais arrogar sua força enquanto uma subjetividade absoluta, pois precisa encontrar-se a si, em sua simplicidade, e deixar as certezas previas de lado. Com Hölderlin estabelece-se, para o filósofo, que a poesia e a filosofia estão num mesmo patamar, e é preciso haver um convívio mútuo, em que o que deve imperar é a serenidade [Gelassenheit], e não a ideia de concretizar um determinado programa de pensamento. Mais do que afirmar o “fundamento” pela poesia, importa deixa-lo se afundar pelos (*Holzwege*), num diálogo poético-pensante de escuta mútua em busca da essência do ser. (WERLE, 2005, p. 205 e 206)



### **CAPÍTULO 3 - A EXPERIÊNCIA DA POESIA COMO CONSTRUÇÃO DO HABITAR POÉTICO PODE SER EXPERIÊNCIA FORMATIVA?**

Enquanto perdurar junto ao coração  
A amizade, Pura, o homem pode medir-se  
Sem infelicidade com o divino...  
(HÖLDERLIN *in* HEIDEGGER, 2001, p. 180)

Neste terceiro capítulo, será destacada a feitura da construção do habitar poético. Ou seja, trata-se de uma defesa poética daquilo que compreendido como formativo habita entre a poesia de Hölderlin e a filosofia de Heidegger. Tendo em vista que neste capítulo há presença de comentaristas que já trabalham em suas pesquisas a relação *Heidegger e Educação*, este capítulo representa o encontro das possibilidades formativas com base em uma existência estética e autotransformadora em diálogo com a construção e habitação do habitar poético.

#### **3.1. COMO A POESIA DE HÖLDERLIN CONSTRÓI O HABITAR POÉTICO – CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO**

Conforme vínhamos destacando, o objetivo desta dissertação é o de demonstrar como possibilidade uma ideia de formação humana que vise o redimensionamento da formação educacional, a partir de uma *construção de um habitar poético* por via da relação entre o pensamento de Martin Heidegger e os poemas de Friedrich Hölderlin, haja vista que todo o arcabouço desenvolvido nos outros capítulos operam na construção dessa estrutura “*habitativa*” entre os conceitos principais e três textos estruturais, que são: “...Poeticamente o homem habita...”; “Construir, Habitar, Pensar” e “Para quê poetas?”, que já pincelam as inter-relações de Heidegger com Hölderlin e onde suas falas são necessárias para tal construção mostrando-se presentes em todo o corpo desta dissertação.

O foco sobre a formação humana é no desdobramento formativo do poeta na figura de Hölderlin, que como *formador-de-si* pode autenticar a este o caminho da *autoformação* para a construção do habitar, estrutura a qual pensa-se um habitar este mundo com *de-mora*.

O poeta vive do risco, daquilo que é lançado ao mundo. Logo, o poeta deixa habitar. “Dizem que é a poesia que permite ao habitar ser um

habitar. Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio.” (HEIDEGGER, 2001, p. 167)

O tempo do poeta é sentido pela contemplação viva do viver; assim, é como ver um gato observar uma janela à sua frente. Não se sabe a dimensão do que vê, mas aquilo que vê está contido em sua meditação, contemplando o todo através da janela. É lento. Mas profundamente ele observa. Ramos compreende, citando no Prólogo de “Arte y poesia” que “Poetizar, según la expresión de Hölderlin, es “la más inocente de todas las ocupaciones es como um sueño, pero sin ninguna realidade, un juego de palabras sin lo serio de la acción””. (HEIDEGGER, 1985, p.30).

O poeta sonha através da janela. Ou ao sonhar, põe no seu papel toda a vida do seu sonho. “Em lugar de agir os poetas sonham” (HEIDEGGER, 2001, p. 166). Estudar Heidegger é alterar o ritmo dos relógios e desfrutar dos encontros e dos sonhos. Este filósofo foi impactado pelo alcance filosófico que há na palavra da poesia de Hölderlin.

Adentrar o horizonte filosófico de Heidegger, a partir de sua relação com Hölderlin, transmuta a própria ideia de formação humana na filosofia da educação, pois

Sob este influxo, pensar e interpretar se fundem como existência [...] Dito de outro modo: a filosofia não é feita apenas de conceito; ela também é feita da matéria humana dos poetas – mundo, risco, queda e desamparo. Não estaria aí nosso verdadeiro espelho na educação, ampliando a perfectibilidade sonhada? Não seriam, então, os poetas filósofos aqueles que denunciariam o “tempo indigente” a partir do qual somos chamados a *por em curso o filosofar?*”. (MOURA, 2015, p. 5).

Para isto, pensar nessa ponte que sobrevive entre o *sonho* e a *ação*, é que cantam juntos na mesma canção o poeta e o filósofo; para sonhar é necessário tempo. O tempo do mundo que comungam “filósofos e poetas”. Aquele tempo de que Heidegger fala, do que é preciso deixar a terra dar o seu fruto; e respeitando esse tempo, o poeta levanta seus olhos para o alto esperando e cantando sua conexão com os deuses. A ação para o poeta é mediada pelo tempo meditativo, este tão importante na filosofia de Heidegger.

Quando o sonho e a ação se encontram eles constroem. O sonho é a poesia em verso pela existência. “La poesia es instauración por la

palavra y en la palabra.” (HEIDEGGER, 1985, p. 137) A ação é a prática dos processos filosóficos em ação. É sob este prisma que Heidegger nos traz à interpretação o poema de Hölderlin: “Cheios de méritos, mas poeticamente, O homem habita esta terra” (HEIDEGGER, 2001, p. 168).

Heidegger, *pre-ocupado*, pensa o homem enquanto aquele que ara a terra para que ela floresça e dê seu alimento. Pois, vale de novo ressaltar,

O homem cuida do crescimento das coisas da terra e colhe o ali cresce. Cuidar e colher (*colere, cultura*) é um modo de construir. O homem constrói não apenas o que se desdobra a partir de si mesmo num crescimento. Ele também constrói no sentido de *aedificare*, edificando o que não pode surgir e manter-se mediante um crescimento. (HEIDEGGER, 2001, p. 168)

A construção necessita edificação, e nesta edificação o homem *de-mora* e cultiva no sentido de *cuidado*. O habitar poético é uma ação integrada com o todo que está entre céu e terra. Este antes logo de ser construído é habitado. Os mortais na terra já habitam a quadratura. A poesia para Hölderlin é a linha que liga os homens à terra. Habitar *esta terra* é um mérito, segundo Hölderlin. Heidegger, compreende que,

Quando Hölderlin ousa dizer, no entanto, que o habitar dos mortais é poético, essas palavras, levemente pronunciadas, dão a impressão de que o habitar “poético”, é precisamente o que arranca os homens da terra. Pois, o “poético” parece pertencer, quanto ao seu valor poético, ao reino das fantasias. O habitar poético sobrevoa fantásticamente o real. O poeta faz face a esse temor e diz, com propriedade, que o habitar poético é o habitar “esta terra”. (HEIDEGGER, 2001, p. 169).

Habitar esta terra é uma construção em curso, diária, do *Dasein* heideggeriano. Uma experimentação da vida em curso em pleno *de- vir e vir-a-ser*. É a vida que se apresenta tortuosa e linda frente aos homens e sobre eles os mistérios. Segundo Merynilza Oliveira,

O *Dasein* é o que temos de mais próximo, já que existimos enquanto tal e, ao mesmo tempo, de mais estranho em relação ao conhecimento de nossa

essência, que, antes de mais nada, é existência, que é contingente, temporal, fática, finita; ele existe no tempo, a temporalidade (*Zeitlichkeit*), é um componente imprescindível para a sua compreensão e “se a temporalidade constitui um predicado ontológico originário de sua essência, então ser-o-aí deve ser mostrado pela análise fenomenológica como sendo finito e mortal”. (OLIVEIRA, 2014, p. 23).

No texto “Heidegger e a Educação”, Edgar Lyra traz uma concepção de *Dasein* muito importante para tecer aquilo que pode ser compreendido como uma aproximação de Heidegger e a formação humana aqui, nesta pesquisa, então:

O *Dasein* não se define, por conseguinte, como um ente simplesmente presente no *mundo* livre do problema do seu sentido, da sua tradução. Tampouco se assemelha a uma consciência capaz de abranger e concatenar os entes na totalidade do seu ser. O mundo que o *Dasein* compreende como totalidade significativa ou contextual é, simultaneamente, algo que o transcende, que o precede, que tanto possibilita quanto limita seu existir. O *Dasein* está, em suma, sempre “entre dois mundos”, seguindo a terminologia de Ser e Tempo, um ôntico e outro ontológico, um fático, outro existencial, um no qual se vê já sempre lançado, ou que se define em seus projetos. (LYRA, 2008, p. 35)

Pensar a partir do lugar no qual esta pesquisa situa-se, o lugar da filosofia da educação, nos remete igualmente ao debate de uma perspectiva de formação humana. Nesta pesquisa, de modo mais específico, queremos pensá-la mediante a filosofia de Heidegger transpassada pela poesia de Hölderlin para visualizarmos uma construção da morada poética.

Uma construção que, edificada constantemente, seja habitada com serenidade, e pre-ocupação entre ser e mundo. Ou seja, pensa-se uma ideia de escola que, dialogada com esta proposta de formação, possa propiciar o encaminhamento ou direcionamento de construções de moradas poéticas enquanto práticas educacionais. Aquelas que irão

proporcionar o resguardo da existência dos alunos sobre a quadratura - Céu e terra, mortais e imortais -.

Talvez, um dos modos de pensarmos a relação do habitar e a formação humana desde o horizonte da filosofia da educação esteja vinculado à proposta filosófico-poética de Martin Heidegger. Ou seja, um educar para edificar a existência neste mundo. Vale pensar que os conceitos aqui citados devolvem para nós o chamado à linguagem. Um chamamento à escuta para que, com *de-mora*, compreenda-se a partir da estrutura heideggeriana como construir e habitar para *ser-no-mundo* a cura, *pre-ocupando-se com esta terra*. Lyra chama a atenção,

Importa frisar, é dentro desse núcleo de preocupações que surge a consideração mais pontual sobre o *ensino*. Heidegger fala de “ensinar a aprender”, aprender, no fim, a habitar a vizinhança do que nos faz pensar. Definitivamente não pertence a tal mestria a *posse* de um saber certo de si, característico do “saber-tudo” ou do “docente famoso”. Mestre de verdade será quem tenha se exposto aos ventos do pensamento e aí aprendido o respeito, a escuta, a espera e o instante. Será sobretudo, segundo Heidegger, alguém “muito menos seguro do seu assunto do que aqueles que estão aprendendo do deles”: donde a impossibilidade de recortar qualquer *método* heideggeriano de ensino. (LYRA, 2008, p. 53)

É na construção do *tempo meditativo*<sup>35</sup>, a partir da escuta ao sensível<sup>36</sup>. Isso não significa aqui a meditação inerte, que é convergente

---

<sup>35</sup> “Heidegger confia na potência silenciosa da meditação. Embora não tenha a mesma eficácia instrumental do pensar *calculatório*, a meditação preocupada não deixa de ser determinante, nem se esgota em reverência ao fato; a palavra *serenidade* não é sinônimo de resignação. Com ela, o filósofo pensa um agir amadurecido, liberado da instância compulsiva do ativismo, do falatório vazio e pomposo vigente na esfera pública contemporânea.” (GIACOIA JR, 2013, p.102-103).

<sup>36</sup> A apresentação do conceito *redução eidética*, trabalhado por Giacoia Jr, que significa pertencente à essência; a formas ou imagens com características, pode ser compreendida como uma dimensão poética da percepção: “A redução eidética parte da simples percepção sensível e, por meio de sua descrição metódica, desvenda também suas estruturas formais ou ideais, que não são de natureza psicológica ou subjetiva, mas lógicas e universais. Tais estruturas são essências

com o modo em que as coisas devem permanecer e sendo como elas são. Ao contrário, é neste tempo que o necessário agir e pensar conecta-se com a escuta, atento ao outro; ao meio em que se vive; e ao instante presente, responsável pelo futuro.

O tempo meditativo traz a responsabilidade para o presente, visando o futuro. O mesmo que evoca a *história do ser*. Mas é com a experiência da consciência livre que integralmente se vive com o *tempo da noite do mundo* aberto aos processos necessários para o agir, porque “O homem, no entanto, só consegue habitar após ter construído num outro modo e quando constrói e continua a construir na compenetração de um sentido.” (HEIDEGGER, 2001, p. 169)

Para a Filosofia da Educação, é importante pensar sobre a compreensão das necessidades existenciais do ser-aí enquanto aluno em formação. No tempo do *urgente*<sup>37</sup> é que evocam-se os deuses foragidos para uma época carente de humanidade. “Mas é justamente à sombra do perigo que urge retomar as palavras dos poetas e pensadores, da arte e da filosofia” (GIACOIA JR, 2013, p. 104). Heidegger é um porta-voz dos poemas de Hölderlin na era *da noite do mundo*. Embora Hölderlin não estivesse mais neste mundo, Heidegger estava escutando suas palavras, que fizeram morada no seu pensamento como vestígios dos deuses foragidos até os últimos dias de sua vida.

É sendo conduzido por este respeito pela fala do poeta que Heidegger continua espantado com a dimensão das palavras de Hölderlin; “Pensando o que Hölderlin ditou poeticamente sobre o habitar poético do homem; pressentimos, na própria diferença do modo de pensar, um caminho que conduz ao mesmo que o poeta ditou poeticamente.” (HEIDEGGER, 2001, p. 171) No poema de Hölderlin, nos versos 24 até o 38 é encontrada a beleza da amizade e do esforço pelo qual Heidegger é contagiado. Então,

Deve um homem, no esforço mais sincero que é a  
vida,  
Levantar os olhos e dizer: assim

---

ideias, porém diferentes das ideias platônicas, cuja existência real é admitida em um mundo inteligível. As essências de Husserl são formas de a consciência visar e exibir seus objetos.” (GIACOIA JR, 2013, p. 37).

<sup>37</sup> Quando o imediato e urgente tornar o córrego da vida perigoso, clamemos os poetas, neste caso, Hölderlin: “Lá onde há perigo, cresce também aquilo que salva” (Wo aber Gefahr ist, wächst das Rettende auch) (GIACOIA JR, 2013, p. 104).

Quero ser também? Sim. Enquanto perdurar junto  
 ao coração  
 A amizade, pura, o homem pode medir-se  
 Sem infelicidade com o divino. É deus  
 desconhecido?  
 Ele aparece como o céu? Acredito mais que seja  
 assim.  
 É a medida dos homens.  
 Cheio de méritos, mas poeticamente  
 O homem habita esta terra. Mais puro, também,  
 Do que a sombra da noite com as estrelas,  
 Se assim posso dizer, é  
 O homem, esse que se chama imagem do divino.  
 Existe sobre a terra um medida? Não há  
 Nenhuma. (HEIDEGGER, 2001, p. 171)

Heidegger vê o acesso ao que é a experiência da construção do habitar e vai surgindo como um aceno de carinho de um grande amigo, neste caso, da relação Heidegger e Hölderlin. Compreende-se que

Somente no âmbito do esforço é que o homem se esforça por “mérito”. Somente assim ele consegue tantos méritos. Mas justo nesse esforço e por esse esforço concede-se ao homem levantar os olhos para os celestiais. Não obstante esse levantar os olhos percorra toda direção acima rumo ao céu, permanece no abaixo da terra. (HEIDEGGER, 2001, p. 172).

É a partir do “levantar dos olhos” para o céu que o homem ganha méritos sob a terra. O homem sendo o que é necessita da escuta originária de onde veio. O anúncio entre céu e terra, traz uma dimensão muito maior do que significa pensar uma *Formação Humana* que vá para além da poesia, pois a poesia é um dos fundamentos que visam à construção do Habitar. Pensar sobre isto confronta as formações que focam na relação mercadológica produzindo o homem para ele mesmo enquanto corpo maquinificado, sem interação com os outros; sem interação com o ambiente, focando em si mesmo, e depois ser direcionado ao mundo profissional. Uma vida não refletida e o sucesso profissional não sustentará a presença da falta e a angustia.

A reflexão que fica é que por mais que esta educação seja direcionada para uma preparação para o mercado de trabalho, esta preparação não é suficiente para a extensão da existência enquanto

facticidade, temporalidade e angústia. É preciso ser entendido que desde sempre o “*o homem mede-se...com o divino*”. Os mortais sempre se mediram entre céu e terra. Assim, sendo, os homens criaram a tecnologia para chegar mais próximo do céu e para além dele, do espaço e da Via Láctea.

*Levantar os olhos* é conceber a *pre-sença* dos deuses foragidos. A relação de medida, buscando sua justeza sobre a terra. No céu existem as belezas das estrelas e seus interestelares; a lua e seu poder sobre as marés, ventos e temperaturas. O sol, com a sua grandeza que traz vida e cor para os dias, nas vegetações e nas cidades. A chuva, que de tão necessária precisa vir com medida para o encontro com os homens, pois sua força é brutal e pode ser desastrosa para as cidades.

O *Levantar os olhos* traz a medida entre a existência dos mortais e dos imortais. Entre vida e morte. Entre céu e terra. A poesia para o habitar está em conceber a vida entre céu e terra “*levantando os olhos*” porque “É possível que a poesia seja uma medida extraordinária” (HEIDEGGER, 2001, p. 173) Portanto,

O levantamento de medida próprio à dimensão é o elemento em que o habitar humano tem seu sustento, é onde adquire sustentação e duração. O levantamento de medida constitui o poético do habitar. Ditar poeticamente é medir. Mas o que significa medir? Se a poesia deve ser pensada como um medir, ela não pode ser relacionada a uma representação irrefletida do que seja medir, do que seja uma medida. (HEIDEGGER, 2001, p. 173)

### 3.2. A AUTOFORMAÇÃO COMO MEDIDA DO POÉTICO PARA O HABITAR

A medida está entre o poético e o filosófico; entre o céu e a terra; ou entre os mortais e os imortais. É *levantando os olhos* que os homens reconhecem como está o tempo do mundo, frio ou quente; se vai chover ou se é dia ou noite. A formação a partir da “*Construção do Habitar Poético*” é em si a experiência daquilo que o poeta canta sobre o mundo e nesta habitação escreve sua história entre sonhos e realidades.

A educação hegemônica tem sua preocupação no desempenho dos seus alunos nos vestibulares e nos concursos que prestam tentando alguma vaga nos setores profissionais. Ou seja, preocupam-se com a forma técnica de como estes seres vão estar aptos a exercerem tarefas



práticas ou executarem alguma máquina. A educação infantil, talvez, prepare mais os pequenos seres a compreenderem a linguagem e assim esta forma seja uma ponte para experimentar a vida, sabendo relacionar-se através da linguagem escrita e numérica, algumas vezes lúdica.

De forma interessante, a formação infantil traz a ludicidade mais amplamente trabalhada, para assim tentar demonstrar de forma diversificada e divertida os números e letras. Algo acontece ao irem avançando nas séries: o lúdico e o “divertido” vão sendo esquecidos. Embora seja notória a dimensão da demanda de responsabilidade que é aumentada, é algo que poucas pessoas notam tal diferença. Talvez a fase adulta na escola fosse a fase que necessitasse de mais delicadeza, escuta, cor, brincadeiras.

A existência nessa experiência vai acontecendo normalmente, pois seu fluxo não para. No entanto “o esquecimento do ser” pode ser observado neste sentido. O adulto pouco escuta; pouco deseja ouvir o outro, pouco repousa sobre si e nas coisas, pouco reflete sobre as coisas, pouco agradece; enfim, pouco *levanta os olhos*.

É revelador que, quando pequenas, as crianças são incentivadas pelos pais a olharem para o céu e ver as estrelas, os planetas, os pássaros; e por aí se poderia ficar laudas e laudas analisando o que é bruscamente tirado da vida adulta na escola e na vida.

Assim, vão crescendo por entre a vida pessoas que pouco se conectam consigo, com os outros e com o mundo. E ao invés de crescermos em humanidade, esta humanidade segue descendo em uma escala brusca de subtração. Os seres humanos são formados para cada vez mais sentirem menos, logo, pensar menos. Uma sociedade com mais drogas para anestesiarem a dor da existência.

No entanto, o mistério prevalece sobre os mortais.

Os mortais são formatados em uma era digitalmente programada para a conexão infinita com as redes de amizades digitais. Ou seja, o ser vai se encaminhando para a distância fundamental, embora seja fácil de acreditar que ainda permanecemos na “era da noite do mundo” e que os mortais experimentam de várias formas a sua indigência.

Todas estas faltas citadas frutificam ainda mais o solo para o desabrochar do “Habitar Poético”. Por isso, é preciso que os poetas e pensadores cantem “a noite do mundo” como aquela que precisa ser superada. É necessário que nas escolas os alunos sejam preparados para uma existência como *Dasein*.

Pois, como diria Hölderlin “A terra passa e o céu permanece” (*apud* HEIDEGGER, 2001, p. 175) Então, a existência é isto que, composto pelo estranho e misterioso, necessita cuidado e de-mora nesta

terra. Necessita estar na presença de Hölderlin, enquanto poeta da anunciação dos deuses no mundo. A poesia advinda dele não paralisa ou faz com que o ser relaxe sobre o mundo. Pelo contrário: a sua poesia é um chamamento para si mesmo, enquanto presente no risco. Heidegger elucida que “A poesia não é nenhum jogo, a relação com ela não é o descanso jocoso que faz com que uma pessoa se esqueça de si própria, mas o despertar e a concentração da essência mais íntima do indivíduo, pela qual ela recua ao fundo do seu ser-aí.” (HEIDEGGER, 2004, p. 16).

Todo o percurso engendra que o caminho trilhado pelo poeta pode ser inspiração para ajustes pedagógicos e seus desdobramentos metodológicos com o tempo; a angústia, a finitude, a solidão e o habitar como um olhar sobre o *abismo* que é a dimensão da prática pedagógica e sua relação entre o aprender e o ensinar.

Sustentar a possibilidade de diálogo que está localizada na *interdisciplinaridade*, conceito que estamos debatendo, voltada para uma educação que construa para habitar poeticamente, com poesia e *ludicidade*, que, em comunicação com a filosofia, promova mais sensibilidade e criatividade durante o ensino-aprendizagem, bem como que valorize o indivíduo em sua possibilidade múltipla de criar a si e interpretar o mundo e os seus saberes na jornada individual do construir.

Assim, a tradição pode ser ou não o lugar de conformismo, o que no erro interpretativo levaria à conotação do tradicional e de onde urge arrancar novo sentido, como também o lugar de onde brotam outros sentidos do humano. Considerando este ponto de vista, a interdisciplinaridade passa a ser um modo aceitável de operar a filosofia da educação como uma tentativa de tradução e atualização desta tradição tanto para a pesquisa quanto no ensino em filosofia da educação. (HARDT; DOZOL; MOURA, 2014, p. 158)

Para isso, é necessário pensar o habitar como aquilo que desbrava as fronteiras formativas evidenciando a serenidade e o encontro com si mesmo no método educativo, sendo considerado como processo formativo. Mas não se pode negar a bravura ininterrupta que existe nesta importância valorativa da educação poética, porque

De ahí que ortogue a la educación un lugar privilegiado en la vida del ser humano, a tal punto que considera que la libertad, la familia, la patria,

el sustento diario, entre otras cosas, le pueden ser arrebatados, pero no la educación, dado que ésta puede llevarse consigo porque su espacio natural es el ser de la persona. (RESTREPO; ZULUAGA, 2015, p. 321)

E para compreendermos um pouco mais a interpretação da versatilidade do conceito de formação:

Logo, importa no momento pensarmos a situação hermenêutica do intérprete enquanto lugar de onde se fala e que traz a historicidade de cada um como algo que nos impregna de modo ontológico, universal, porquanto não há humano que não se constitua enquanto ser no mundo, sendo esta sua condição. Isto vale tanto para o intérprete dos textos clássicos quanto para todas as outras formas de interpretação da cultura as quais nos dispomos realizar no trânsito pelo mundo. Estamos, desde já, no mundo e é a partir desse estar-*com* o mundo que realizamos experiências de pensamento. Isto significa que, no instante de um interpretar, somos orientados por nossa historicidade. Ela nos constitui como nosso modo de ser que se projeta em alguma medida na abertura do texto, do passado ou do fragmento de cultura e se põe diante de nós, o que nos leva a pensar a linguagem enquanto circular e aberto entre nós e o mundo. (HARDT; DOZOL; MOURA, 2014, p.156)

O ato de *desocultar-se* sempre é um ato de *remendar-se* em processo *de devir*, o qual ocorre entre o ser da realidade e o ser onírico. O poeta alimenta seus pensamentos elevando-os ao aberto. Igualmente, é extraviar-se e ocultar-se. Nesse sentido,

Uma medida estranha para o modo de representação comum e, em particular, para a representação estritamente científica. Uma medida que, de qualquer maneira, não constitui um padrão ou bastão facilmente manipulável. É, no entanto, uma medida mais simples de se manejar, ao menos quando nossas mãos não querem manipular, mas apenas se deixar guiar por gestos que correspondem à medida que aqui se deve tomar.

Isso acontece num tomar que nunca extrai de si a medida que a toma num levar em conta integrador, esse que permanece uma escuta.” (HEIDEGGER, 2001, p. 174)

A educação por vezes tem se apresentado aos alunos como aquilo que oculta. A observação aqui é no movimento que poderia ser proposto a partir da ideia do “*habitar*” para esta educação. Uma educação *pre-ocupada* com o *desocultar-se* para o humano. Mas, uma educação que traz consigo a compreensão - prévia - de uma medida de ocultamento que o próprio desocultar mantém. Ao que parece temos uma educação que nunca tem tempo, que está sempre fora de seu tempo. Sempre está atrasada, logo não escuta. Não se *de-mora*. Será que não estão todos sofrendo com essa falta desmedida de tempo? Outra pergunta pertinente seria: de que é feita a habitação desta educação hegemônica? Heidegger evoca o poder integrador da escuta. Aquilo que entre tantas diferenças está apto à escutar. Andrade, no texto “Heidegger Educador” nos ajuda a compreender que,

Não é diferente com a educação. Se educar significa algo mais do que incultar erudição na cabeça de quem não têm, se formar representa algo mais do que a transmissão de conhecimentos úteis, então estamos diante de uma tarefa cujo sentido é eminentemente filosófico. Isso significa dizer que não devemos apenas pensar qual o caráter educacional da filosofia mas, ao mesmo tempo, qual é o caráter filosófico da educação. Educar, bem como filosofar, deve trazer o homem para perto de si mesmo, precisa facultar a apropriação de uma relação com o mundo que só acontecerá a partir do momento em que ela for feita de modo “íntimo e pessoal”. (ANDRADE, 2008, p. 66).

A escola, para conceber estes desdobramentos heideggerianos como parte de sua estrutura, pensaria como um todo o seu habitar poético. A escola enquanto um deixar-habitar. Vale para as diversas pluralidades existentes nas falas de cada aluno que compartilha o mesmo espaço formativo. A própria vida de cada aluno é em si uma abertura para a construção do habitar, enquanto aquela que habita a linguagem. Ou seja, aquela que acolhe as diferenças, preservando e edificando a sua morada.

Enquanto as disciplinas disputam entre si, minutos de atenção dos alunos em sala de aula, a vida lá fora para ambos é *desocultada-ocultada*.

A necessidade de colocar o aluno frente a si mesmo, traz o desafio e o enfrentamento de re-colocá-lo como autor e construtor de mundo, e assim, como formador de mundo. Por isso, tecer a possibilidade dessa experiência é um convite à preservação do mundo enquanto cura, e desvelamento-velamento de si mesmo por entre a existência em intenso inacabamento. Por isso, segundo Andrade,

Educar não pode ser pura transmissão de conhecimento pois nela permanece o comodismo dos homens. Educar, no alto sentido da palavra, é chamar o homem para que ele assuma com o ser uma relação própria, ou seja, que assuma para si tal relação como algo que lhe concerne, e não apenas como algo dado e já sabido. Por isso, quando Heidegger fala que o professor ensina não mais do que o convite a aprender, ele está, ao mesmo tempo, falando do cerne da filosofia, já que o homem deve ser tomado pela questão do ser de modo pessoal, singular. (ANDRADE, 2008, p. 71).

O *despertamento* é cercado e composto por implicações sensitivas a partir do que é mostrado pelos Fenômenos (o que se mostra/manifestação/é mostrado) e pelo Ser dos entes.

Como *Dasein*, o ser humano é *abertura*. É uma estrutura de significações que contém em si *velamento* e *abrir-se*, *desvelamento*. Habitação instável que poetiza e filosofa com o entorno. O *abrir-se* e *ocultar-se* é um movimento da fruição da existência, porque tudo está dado e oculto ao mesmo tempo. Assim, citando Giacoia Jr, enquanto pensamento heideggeriano,

O pensar não se separa originariamente do agir – ele age enquanto se exerce como pensar. (...) O Pensar é um agir em sentido especialmente elevado, não estando separado da ação por nenhum abismo a ser recoberto ou transposto pelas formas diversas de aplicação ou emprego. (GIACOIA JR, 2013, p.11)

Desse modo, pensar a ideia de *formação humana*, que aprofunde o conhecimento de si mesmo em sua sensibilidade, é possibilitar uma melhor compreensão e efetuação da escuta e do *cuidado de si*, poetizando a própria Formação. “Se há um sentido educativo da filosofia, ele não deve ser diferente do sentido filosófico da educação: despertar o homem

do comodismo impessoal em que ele não fica à altura do “milagre irrepetível” que sempre é.” (ANDRADE, 2008, p. 71).

O acontecimento da poesia como possibilidade formativa no âmbito da relação entre Heidegger e Hölderlin é a eclosão daquele que pode ser concebido como “*Habitação e Construção*” de si mesmo, no compasso entre filosófico e poético. Pois, como finaliza Heidegger o seu texto “...Poeticamente o homem habita...”,

Por que, no entanto, essa medida tão estranha para nós, homens de hoje, deve fazer apelo para o homem e ser participada através da tomada de medida inerente à poesia? Somente porque essa medida mede com inteireza a essência do homem. Pois, o homem habita medindo o “sobre esta terra” e “sob o céu.” Esse “sobre” e esse “sob” se pertencem mutuamente. Esse seu imbricamento é uma medição que o homem está sempre a percorrer, sobretudo porque o homem é como o que pertence à terra. Um fragmento de Hölderlin diz, “Sempre, meu caro, a terra passa e o céu permanece.” (HEIDEGGER, 2001, p. 175).

O poeta como *obra de si mesmo* é aquele que ao *levantar os olhos* concebe ao mundo a sua escuta fundamental. Ao que sobrevoa o céu e terra, a *de-mora* nesta escuta é o tempo meditativo para logo agir e colher-plantar para a sobrevivência neste tempo “*da noite do mundo*”. Para Heidegger,

Para o poeta, vislumbrar essa medida, medi-la como medida e tomá-la como medida, tudo isso tem um nome: ditar poeticamente. A poesia é essa tomada de medida e, na verdade, em favor do habitar humano. Imediatamente após as palavras: “É uma medida do homem”, seguem no poema os versos: “Cheio de méritos, mas poeticamente o homem habita esta terra” (HEIDEGGER, 2001, p. 175).

A fruição poética é aquela que está atenta ao repouso da escuta. Que mesmo em repouso nunca está inerte sobre este mundo. “Assim, deve manter-se, se estivermos dispostos a *de-morarmo-nos* no âmbito essencial da dicção poética” (HEIDEGGER, 2001, p. 175).

O poeta enfrenta o *risco* para habitar poeticamente. A formação do poeta é composta de estranhamentos. Todo o pulsar de vida e desejo é um vir-a-ser sempre em devir para esculpir tal mortal que sendo o que é, vive entre a medida do céu e da terra.

Então,

A medida, que o poeta toma, tem como destino o estranho em que o invisível resguarda a sua essência, na fisionomia familiar do céu. É por isso que a medida tem o modo essencial do céu. O céu não é, contudo, mera luz. O brilho de seu alto é, nele mesmo, a obscuridade dessa sua vastidão tudo abrangente. O azul do azul sereno do céu é a cor do profundo. O brilho do céu é a aurora e o crepúsculo do acaso, que recolhe tudo que se pode dizer. Esse céu é a medida. Por isso, o poeta faz a pergunta: “Existe sobre a terra uma medida?” E deve responder que: “não há nenhuma” Por quê? Porque aquilo que nomeamos ao dizer “esta terra” só se sustenta enquanto o homem habita a terra e no, habitar deixa a terra ser terra. (HEIDEGGER, 2001, p. 178).

Heidegger no fim do seu texto “...Poeticamente o homem habita...” deixa por ser visto que, nas suas palavras através dos versos 26 a 29 do poema de Hölderlin,

Enquanto perdurar junto ao coração  
A amizade, Pura, o homem pode medir-se  
Sem infelicidade com o divino  
(HÖLDERLIN *apud* HEIDEGGER, 2001, p. 180).

Não é elementar que nos poemas de Hölderlin exista a conexão entre céu e terra, e sobre esta desabrocha a atenção ao coração; a escuta ou ao que está conectado com a essência. No sentido estrito “*a amizade*”. Naquela intenção de estar atento aquilo que está “*junto ao coração*”. Pois, “junto ao coração” significa o que advém nessa essência do homem de ser aquele que habita, o que advém como apelo na medida junto ao coração de tal maneira que o coração se volte para essa medida.” (HEIDEGGER, 2001, p. 180).

O apelo da linguagem compreendida para a formação humana, aqui, pode ser escutado como aquilo que apresenta-se aos mortais como um clamor para o retorno à humanidade. Para um tempo de tanto

distanciamento e “*esquecimento do ser*”, a amizade é um cântico do poeta à escuta do que está “junto ao coração”. Porque,

Se esse medir-se acontece com propriedade, o homem dita poeticamente a partir da essência do poético. Se o poético acontece com propriedade, o homem habita esta terra humanamente, “a vida do homem” que, como diz Hölderlin em seu último poema, é uma “vida habitante”. (HEIDEGGER, 2001, p. 180).

O Poema de Hölderlin “Mirante” conclui o texto de Heidegger. E assim, para escutar essas palavras sobre o “Mirante”, que *re-vela-se* como aquilo que estando no alto, em determinada distância, dá visibilidade ao que melhor necessita visão.

Quando dos homens a vida habitante avança ao longe,  
 Onde o tempo das vinhas brilha ao longe,  
 E onde há também campos vazios de verão,  
 A Floresta aparece com sua imagem obscura.  
 Que a natureza faça brilhar a imagem dos tempos,  
 Que ela permaneça enquanto estes passam tão rápido,  
 Tudo é obra da plenitude, o alto do céu brilha assim  
 Para o homem como árvores coroadas de frutos.  
 (HÖLDERLIN, *apud* HEIDEGGER, 2001, p. 181).

A partir das palavras da poesia<sup>38</sup> de Hölderlin e do pensamento de Heidegger, para ser compreendido a partir da noção de educação, só é possível se esta for pensada como uma formação filosófica. A presença desta na concepção da *autoformação* de si é indispensável. Portanto, Marco Aurelio Werle traz uma breve introdução daquilo que de certa forma já vem sendo mencionado no corpo de todo o texto.

---

<sup>38</sup> Na obra “Hinos de Hölderlin” de Martin Heidegger, o filósofo chama a atenção para a necessidade do tudo a ser compreendido em relação aos sentidos das palavras de Hölderlin, porque “O poema encontra-se à nossa frente, impresso, uma estrutura verbal imediatamente legível, dizível, e audível. Como uma tal estrutura linguística, tem <sentido>. (HEIDEGGER, 2004, p. 23).



Heidegger não escreveu propriamente nenhum texto sobre educação. E se quisermos relacioná-lo a esse tema, é necessário tomar a noção de educação em uma perspectiva mais ampla, ou seja, aproximá-la de seu sentido filosófico, que se conservou, na época moderna, de modo privilegiado, no termo alemão *Bildung* (formação). A importância desse termo para a tradição humanista foi acentuada por Hans Georg Gadamer, ao citar W. von Humboldt, em *Verdade e Método*. A *Bildung* se refere a uma educação total, interior e exterior, inclusive sensível do ser humano, que leva em conta o desenvolvimento imanente de todas as suas possibilidades e potencialidades, ao contrário da *formatio*, que se volta mais para o desdobramento de faculdades ou de talentos e se orienta por preceitos oriundos do exterior. Desse modo, a *Bildung* se impõe como um dever ou uma máxima individual, que o homem escolhe por si e para si, “*er bildet sich selbst*”, não sendo, portanto, o educado de “fora para dentro” por um mero cultivo de habilidades. O meio e o fim desaparecem nesse processo, pois o alvo não consiste apenas em adquirir algo, como se aquilo que se aprendesse pudesse ser em seguida novamente abandonado. (WERLE, 2008, p. 18-19)

Vale retomar que como Giacoia Jr ressalta o “produzir é, etimologicamente, *producere*: conduzir diante de, trazer à frente – como *téchne* (técnica), em sua significação originária, está ligada à *poiésis* (produzir, criar) pois é também uma modalidade de desocultar, trazer à luz, revelar.” (GIACOIA JR, 2013, p. 73). A capacidade formativa inicia-se consigo mesmo, desvelando sua imagem pelo mundo e para si, o poeta põe no papel aquilo que, relacionado com o mundo, ele escreve ou pinta em cores e imagens. O chamamento da linguagem é a autonomia<sup>39</sup> como

---

<sup>39</sup>As percepções dos poetas estão conectadas com sua memória e sua vontade de si, pois manifesta-se constantemente em seu desejo de criar e recriar; do descobrir-se para além e de si e do mundo. A poesia é uma revelação, um desvelar-se. Um desejo de sempre e que nunca muda, porque é perene, insiste e constrói. Sempre está na busca do Eterno Belo Verdadeiro. O artista busca a perenidade da vida na beleza do que produz, escavando sua própria pele em busca de revelações. “A obra de arte dá a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, a dizer. Nela e

possibilidade do *des-velar* do si mesmo e *re-velar* a sua vida como cuidado-de-si.

Nestas indagações, é pertinente voltar-se para a questão sobre o sentido do educar. “Por que perguntar sobre o sentido de educar? Ora, essa indagação só é possível porque de alguma maneira o sentido de educar pode nos escapar, se perder, se esvaziar. E esse sentido só pode nos escapar, se esconder, se encobrir porque ele não é algo pronto e muito menos definitivo.” (SODELLI, 2008, p. 204).

A educação em sua estrutura deveria ser uma educação baseada no filosófico. Uma escola pensante, capaz de redimensionar a vida para dentro dos planos pedagógicos. Ou seja, mesmo a vida sendo isso que escapa aos planos, seria relevante trazer o acontecimento da construção do habitar para próximo do ensino e aprendizagem.

O ser humano é um ser para o *cuidado*. A construção do habitar também é uma construção de sentidos sobre si e o mundo. Sodelli sintetiza que,

Como já discutimos, ao dar-se conta de ser, de poder-ser, o Homem percebe que tem que dar conta de seu ser, ou seja, tem que dar conta de sua existência e, sobretudo, isto está sob sua responsabilidade. Assim, o Homem tem que “cuidar de ser”. Os homens tomam para seu cuidado tudo o que pertence à existência: o mundo, as coisas do mundo, os outros homens, si mesmo. Heidegger define como “cuidado” o habitar o mundo e construí-lo, preserva a vida biológica e atender suas necessidades, tratar de si mesmo e dos outros. É o “cuidado” que torna significativas a vida e a existência humana. Ser-no-mundo, portanto, é cuidar. (SODELLI, 2008, p. 210).

O ser, em seu *Habitar Poético*, fomenta a *construção-e-desconstrução* de si todos os dias, como uma obra de arte, enquanto inacabado e provisório, já que é visitado permanentemente pela facticidade e o desvelamento e velamento em si compõem o roteiro existencial produtor de arte e devir. Para Werle, a Filosofia de Heidegger é ligada ao ato de questionar e de interrogar, o que a faz formativa e educativa,

---

por ela, a realidade se revela como se jamais a tivéssemos visto, ouvido, dito, sentido ou pensado.” (CHAUI, 1996, p.316).

O pensador da Floresta Negra sempre se moveu no limiar do fim da filosofia, o que implicou, ao mesmo tempo, a constatação da facticidade de um novo início, de uma nova era em que finalmente se daria [*sich ereignen*] o pensamento original, como atividade destituída de pressupostos conceituais previamente definidos. Dessa forma, a marca da filosofia de Heidegger está essencialmente ligada ao ato de questionar e de interrogar, sendo, portanto, nesse sentido, profundamente educativa ou formadora. Antes de afirmar o mundo, o ente, a verdade, etc., cabe à filosofia interrogar-se a si mesma e instalar-se no ser ou, quem sabe no nada. (WERLE, 2008, p.18)

Neste sentido, a filosofia a partir do poetar é advinda da linguagem (Rede)<sup>40</sup>, é uma possibilidade de abertura para penetrar no ser, pois abarca a compreensão no sentido ontológico. “Por isso, a linguagem é a articulação que coliga e manifesta, é o âmbito de desvelamento ou verdade do Ser. É assim que se pode entender o que Heidegger pensa quando afirma que a linguagem é a clareira, ou morada, do Ser.” (GIACOAIA JR, 2013, p.77).

O Ser que habita a poesia também é habitado por ela. Ele desvela e desoculta; abre, traz para a luz o seu desconhecido. Possui dispositivos sensíveis e a plena dimensão experimental da potência do conhecer-se como abertura do si mesmo. Otimizar o olhar sobre a formação é também atentar-se para a importância semântica e epistemológica do sentido do *Habitar Poético*.

O *cuidado de si* é inerente ao estado relacional, porque já é uma proposta de formação (*ser-com-os-outros*); não se vive fora do seu tempo, assim como não se vive fora das relações. Ser-no-mundo, no mundo compartilhado (*Mit-Sein*) é antes de tudo lançar-se para fora. Para Heidegger, compreende-se que viver é: *Temporalidade; Angústia; Possibilidade/Impossibilidade e Mundo*. Desse modo,

---

<sup>40</sup> A expressão em alemão “Rede” é compreendida por Heidegger, segundo Giacoia Jr, como: “Entender de ser, poder ser, compreender, em sentido ontológico, é encontrar-se em uma disposição básica de abertura compreensiva, prévia e tácita, de preocupação com o ser. Neste sentido, compreendemos o que significa ser, sabemos mais ou menos o que queremos dizer quando empregamos a palavra “ser””. (GIACOAIA JR, 2013, p.77).

Cabe à Fenomenologia a tarefa de descrever a mundanidade como elemento constitutivo do ser-lançado no mundo. O poder-se é indefinido, mas não infinito. Temporal, ele implica finitude e possibilidade da impossibilidade, de não ser. Por isso, o ser-o-aí é pré-ocupação, cuidado com os entes intramundanos, cura do mundo. Não há ser-o-aí sem mundo, nem mundo sem ser-o-aí. (GIACOIA JR, 2013, p.74)

A forma encontrada por Heidegger para repensar a filosofia do seu tempo foi aquela da elaboração de uma analítica do ser em um “tempo indigente”, no qual o esquecimento do ser evidencia o problema da ausência, ou de carência, de um habitar poético. Para Heidegger, viver no *mundo indigente* é compreender-se a partir de um mundo do fundamento sem fundo. O fundamento do abismo sem fim. A indigência é um estado permanente de atravessamento e angústia. Essa indigência tem ligação/direção com a sensação abismática da impermanência. Porque,

O fundo é o solo de um enraizar e de um erguer-se suspensa no abismo. Supondo que se encontra ainda reservada a viragem para este tempo indigente, ela apenas poderá surgir se o mundo virar radicalmente, ou seja, dito de uma forma mais precisa, se ele virar a partir do abismo.” (HEIDEGGER, 2014, p. 310)

Por esta implicação, os seres necessitam sentir-se no mundo avesso. E tornar-se do avesso é um compreender do *ser-o-aí* no mundo. Virar-se de ponta cabeça. Olhar de outra forma para o que se apresenta à frente; contudo, este *erguer-se*, conceito que Heidegger desenvolve, está possivelmente direcionado ao campo poético do ser que propicia um mergulho no mar do desvelamento poético deste ser que está para a vida e para a morte. Entre o abismo de si e do mundo simultaneamente lançado na existência, “*Dasein*”. “Em acepção existencial-ontológica, o *Dasein* é ente a cuja essência pertence o ser; que existe (é) enquanto aí – no aberto –, em abertura para o Ser”. (GIACOIA JR, 2013, p. 63).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desta pesquisa foi o de aprofundar, no campo da Filosofia da educação a formação humana, a partir de aspectos sobre a poesia e filosofia através de um poeta e um filósofo. Valendo-se do grandioso solo em que esta relação se dá, Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin dialogaram nesta dissertação entre a quadratura “céu e terra, mortais e imortais” sobre os vestígios dos deuses foragidos e a noite do mundo. Poderíamos dizer que esta relação repousa a salvo, por via do viés heideggeriano-hölderliniano do construir e habitar, pois é “cheio de méritos mas poeticamente que o homem habita esta terra”.

Diante da solidão e desamparo dos dias contemporâneos, evocar um poeta e um filósofo para redimensionar as lentes por onde se veem alternativas de formação é fortalecer a criação de uma ideia de casa interior que abrigue e guarde o ser, protegendo-o e o formando enquanto ser-no-mundo. Logo, esta ideia confronta-se com projetos formativos que incentivam o distanciamento da essência do ser. Ou seja, propostas que trazem em sua estrutura um convite para o “esquecimento do ser”, promovendo o velamento do ser enquanto omissão ao desvelamento do viver. O chamamento para a descoberta de si é cura do mundo, é um convite para a existência enquanto aquilo que não está posto e precisa ser penetrado ou descoberto, já que construímos para habitar. Ou mesmo, enquanto ser-no-mundo preservado pelo cuidado.

Para uma ideia possível de formação humana, considerou-se nesta pesquisa as dimensões pensadas, a partir da construção do habitar poético de Martin Heidegger, impactadas pelas inspiradoras poesias de Friedrich Hölderlin.

O problema desta pesquisa girou em torno da questão: *É possível a poesia e o habitar poético serem propulsores de formação humana a exemplo da relação entre os poemas de Friedrich Hölderlin e o pensamento de Martin Heidegger?*

A hipótese levantada aqui é a de que no campo da hermenêutica filosófica, as poesias de Hölderlin e o habitar poético de Heidegger são propulsores de formação humana e pode possibilitar o redimensionamento dos métodos formativos. Pois, como foi demonstrado, o pensamento de Heidegger é conduzido pelas palavras de Hölderlin; todavia, há momentos em que isto torna-se mais claro, enfaticamente nos textos: “...Poeticamente o homem habita...”; “Para quê poetas?” e “Construir, habitar, pensar”.

A partir do que foi apresentado entre Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin, um filósofo-poeta e o outro poeta-filósofo, há uma sincronicidade, um encontro de possíveis que se dá pela presença e o respeito às diferenças, filosofia enquanto seus atributos filosóficos e a poesia com sua liberdade entre o céu e terra, mortais e imortais. Esta relação em si é uma experiência de cunho formativo, pois propõe um processo constelativo entre um saber e outro ou uma ponte que une duas margens, e sua aventura formativa acontece talvez na travessia.

O que foi dissertado pretendeu dar voz a uma possibilidade formativa, demonstrando que a construção do habitar poético, pelas lentes da educação, é concebida já como possível pela interação “*Artepensamento*”, obra que Aduino Novaes organiza e abre com seu texto “Constelações”. O pensamento e a arte, integrados, cada um sendo o que é, mas entrelaçados, constroem o cenário para o diálogo possível entre “filosofia e poesia”. Novaes compreende que,

A natureza da Arte e Pensamento põe em risco qualquer comparação. Se o trabalho de pensamento e o trabalho da obra de arte parecem tão distantes, se a obra de arte tem realidade própria e se distingue facilmente das outras atividades humanas, um e outro têm, entretanto, um destino comum: o desejo da experiência desmesurada do obscuro e do ausente. (NOVAES, 1994, p. 09)

Foi apresentada, portanto, a relação entre a poesia e a filosofia como uma possibilidade de atualização e redimensionamento enquanto formação, a partir do diálogo entre o pensamento de Martin Heidegger e a poesia de Friedrich Hölderlin. Foi visto que sob a perspectiva da filosofia da linguagem, lugar de morada do ser, clareira é a condução na qual o ser encontra-se com a poesia, aquela que inaugura e re-vela a palavra e o silêncio. Vimos que a partir da visualização e feitura do habitar poético o ser de-mora sobre esta terra enquanto mortais da noite do mundo. Cantando os deuses foragidos a partir do apelo-grito-silêncio da sua indigência,

As obras “Para quê poetas”, “Construir, habitar, pensar” e “...Poeticamente o homem habita...”, são textos que a partir de toda explanação iluminam uma ressonância da marca poética de Hölderlin nas palavras da filosofia de Heidegger. Estas obras abrigam os sentidos do poeta nesta terra; o amparo da palavra poética como guarda do ser; e o desvelamento e velamento nesta vida para o ser dos entes enquanto ser-no-mundo.

Foi tecida uma trama que inclina o pensamento para o *levantar dos olhos* sobre a de-mora dos mortais nesta terra. Sob o abismo da emergência, na qual toda contemporaneidade se nomeia com licença poética, pois é imediato o tempo do agora. E como o próprio Heidegger menciona “...Na pretensa eternidade esconde-se apenas um transitório armazenado, armazenado no vazio de uma agora sem duração” (HEIDEGGER, 2014, p.367).

Neste escrito, o convite é pela experiência de outro tempo. Embora esteja no tempo meditativo do agora-devir, aquele da outra margem de Octavio Paz, a travessia para o outro lado. É um agora sem duração. Um tempo outro. Aquele canto do poeta pela volta dos deuses foragidos, como diria Hölderlin.

A feita desta dissertação em si mesma já é uma experiência formativa da construção e morada em um habitar poético. Os mortais necessitam ver os vestígios dos deuses foragidos através da sua conexão com os ecos do mundo, enquanto céu e terra, mortais e deuses. O ser é resguardado sob a quadratura. Ou seja, estar na presença da quadratura é cantar Dionísio enquanto o deus da festa e da vida, e repousar à sombra do lugar da origem do ser, em celebração a natureza, pelo devir construtivo e desconstrutivo, que vela e desvela os campos das possibilidades artísticas em vida. Heidegger mesmo nos orienta nesta direção de *ser-aí* enquanto formador de mundo que se dá pelo cuidado e responsabilidade consigo mesmo. Todo o caminho possível, aqui sugerido, então, só poderia ser dito de um lugar e modo singular de ser.

Trilhar por entre a proposta autoformativa é percorrer tal qual os caminhos de florestas de Heidegger. Caminhando por entre floresta fechada há seu labirinto, angústia, mistério. Mas há a beleza de cada planta, céu, animais e deuses. O poeta sobrevive a si mesmo, fazendo do seu próprio corpo residência de grandes acontecimentos mundanos. O texto fala a sua alma na escuta originária. Por isso, a poesia é, sobretudo, escuta. A fala antecede a escuta. Sendo assim, a poesia é fonte de antagonismos que se enfrentam, mas habitam a mesma morada.

Por fim, pensar todo este exposto enquanto encontro possível entre filosofia, poesia e educação é empreender uma possível dinamização necessária que convoque o ser-no-mundo enquanto cura. Trazer o chamado da linguagem é estar presente com pre-ocupação e cuidado. A de-mora para construir e habitar poeticamente este mundo é o desejo que construir para si mesmo uma casa da cura. Com a intransferível missão de finalizar o inacabado e fluxo contínuo deste texto, seguimos pontuando a importância do tempo meditativo de Heidegger que evoca o “levantar

os olhos para o céu” os vestígios estão com os deuses e o mortais conseguem senti-los. O canto a Dionísio e a Baco prevalecerá.

Resta, então, a força criadora dela, da vida, seus mitos e poesia.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### TEXTOS DE MARTIN HEIDEGGER

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Edusf, 2011.

\_\_\_\_\_. **A origem da Obra de arte**. Trad. Idalina Azevedo e Manuel Antonio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. 8ª ed. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo: Bragança, 2013.

\_\_\_\_\_. **Contribuições à filosofia**: do acontecimento apropriador. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forence; Alemanha: Vittorio Klostermann, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Os conceitos fundamentais da Metafísica**: Mundo, Finitude, Solidão. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Explicações da Poesia de Hölderlin**. Trad. Claudia Drucker. Brasília: UnB, 2014.

\_\_\_\_\_. **Caminhos de Floresta**. (“Para quê poetas?”). Fundação Calouste, ano 71, n. 4, Petrópolis: 2004.

\_\_\_\_\_. **Arte y Poesía**. Trad. Samuel Ramos. Buenos Aires: F.C.E, 1985.

\_\_\_\_\_. **Hölderlin y la esencia de la poesía**. Barcelona: Anthropos Editorial del hombre, 1991.

\_\_\_\_\_. **Hinos de Hölderlin**. Trad. Lumir Naahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Marcas do caminho**. Coleção Textos Filosóficos. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Meditação**. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Ensaaios e conferências. “Construir, habitar, pensar” e “...poeticamente o homem habita...”**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Edusf, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Filosofia**. Trad. Marco Antônio Casanova; revisão de tradução Eurides Avance de Souza; revisão técnica Tito Lívio Cruz Romão. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

## TEXTOS DE FRIEDRICH HÖLDERLIN

HÖLDERLIN, Friedrich. **Hipérion ou o Eremita na Grécia**. Tradução, notas e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

\_\_\_\_\_. **Reflexões**. Por Françoise Dastur. Trad. Marcia de Sá Cavalcante Schuback e Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **Poemas**. Trad. e Introdução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo. **Heidegger Educador**. Revista “Aprender” Cadernos de Filosofia e Psi. da Educação. Ano IV, Nº 10, 2008

AURÉLIO, Diogo Pires. **A Herança de Hölderlin**. Lisboa: Assirio & Alvim, 1978.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DASTUR, Françoise. **Hölderlin, tragédia e modernidade**. In> Hölderlin. Reflexões. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DIAS, Luciana da Costa. **Arte e História do Ser**: algumas considerações sobre o caminho do pensamento de Heidegger a partir do ensaio 'A origem da Obra de arte'. Revista Ek-stasis, v. 3, p. 67-77, 2014.

DILTHEY, W. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

DRUCKER, Cláudia. **Mediação e fundação poéticas em Hölderlin e Heidegger**. Revista o que nos faz pensar? Nº 36, Santa Catarina: UFSC. Março de 2015.

FERREIRA, Gilmar. **A Poesia educa**. Acesso on-line em 8/2/2015. Disponível em [www.educacao.ufrj.br/artigos/n12/09](http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n12/09).

FRASCESCHINI, Pedro. **Heidegger e Hölderlin: pensamento, errância e habitar poético**. Revista Rapsódia USP nº 6, 2012.

GARCÍA RESTREPO, Gladis del Socorro; GIRALDO ZULUAGA, Conrado. María Zambrano: Razón poética y educación ¿Utopía o esperanza?. IXTLI: **Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 317-331, fev. 2016. ISSN 2408-4751. Disponível em: <<http://ixtli.org/revista/index.php/ixtli/article/view/44>>. Acesso em: 28 set. 2017

GIACOIA JR, Osvaldo. **Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GREAVES, Tom. **Heidegger**. Porto Alegre: Penso, 2012.

HARDT, L. S.; DOZOL M. S.; MOURA, R. S. **Do Conceito de Formação Humana: Tensões entre natureza e Cultura**. Caderno de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, V.9, N.22, p.155-170. Maio/Ago 2014.

KIRCHNER, Renato. **A Caminho do pensamento e da poesia**. Revista eletrônica Theoria de Filosofia. Acesso em 15/04/2013.

Disponível em [http://www.theoria.com.br/?s=A+caminho+do+pensamento+e+da+poesia&et-month-choice=no-choice&et-cat=0&et\\_searchform\\_submit=et\\_search\\_process](http://www.theoria.com.br/?s=A+caminho+do+pensamento+e+da+poesia&et-month-choice=no-choice&et-cat=0&et_searchform_submit=et_search_process). 2009.

LIMA E SILVA, Jason. **Ensaio sobre Poesia e Origem: no caminho de Heidegger**. (No prelo). 2004.

LYRA, Edgar. **Heidegger e Educação**. Revista “Aprender” Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação. Ano IV, Nº 10, 2008.

MARÇAL, José. **Geviert**: o sagrado em Heidegger e a serenidade em Mestre Eckhart. Revista *Ágora Filosófica*, ano 11, n. 2, jul./dez. 2011.

MENDES, Everaldo. **O que é isso - Habitar, em Martin Heidegger?**. Revista *Horizonte*. V 7. Nº 14. Belo Horizonte – PUC Minas, 2009.

MOURA, Rosana. A filosofia da educação no horizonte da hermenêutica filosófica. In: **III Simpósio Internacional Hermenéia “Metafísica e virada linguística”**, Florianópolis, UFSC, 2015. (Comunicação oral).

\_\_\_\_\_. **A experiência do “tempo do agora”, educação e reconhecimento social**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação e Educação – PPGEd, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2007.

NOVAES, Adauto (Org). **Os Desejos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Artepensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NUNES, Benedito. **Heidegger**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

\_\_\_\_\_. **A clave do poético**. Org. e apresentação Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Passagem para o poético: “Filosofia e Poesia em Heidegger”**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

OLIVEIRA, Merynilza Santos de. **Ser-para-a-morte na apropriação de si em Heidegger: pressupostos para a educação**. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Para, Belém Para, 2014. Disponível em: <<http://www.ppped.com.br/arquivos/File/MERYNILZA2014.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. São Paulo: Ed.Cosac Naify, 2014.

PAES, José Paulo. **Apresentação**; in Poemas. HÖLDERLIN, Friedrich. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RAMOS, Samuel. **Apresentação**; in Arte y poesia. HEIDEGGER, Martin. Trad. De Samuel Ramos. Buenos Aires: F.C.E, 1985

STANGL, Andre. **Heidegger e o Pensamento Oriental**. Disponível em <https://andrestangl.wordpress.com/2009/09/11/heidegger-e-o-pensamento-oriental/>. 2009.

VALE, Thiago Gandra do & DIAS, Luciana da Costa. Liberdade de desfundamentar: uma abordagem de sobre a essência do fundamento (1929) de Martin Heidegger. Revista Sapere Aude – Belo Horizonte, v.5 - n.10, p.241-252 – 2º sem. 2014. ISSN: 2177-6342

SODELLI, Marcelo. **Sobre o sentido do Educar**. Revista “Aprender” Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação. Ano IV, Nº 10, 2008.

STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

WERLE, M.A. **Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger**. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Heidegger e a arte de questionar**. Revista “Aprender” Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação. Ano IV, Nº 10, 2008.